MARIA LUIZA B. DE MELLO PERES DA COSTA

FAMÍLIA DE POBRE / FAMÍLIA DE RICO
FAMÍLIA DE JOVEM / FAMLÍA DE VELHO

estudo de relações primárias de casais em um contexto urbano

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Antropologia Cultural do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

RECIFE

1982

STAB FQ 10

ACERVO: 39137
IV.06

PE-00033841-4

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
50000 - Recife - Pernambuco - Brasil

1069 - 31-07-85

I 84

I 89

Às oito famílias e às pessoas que nos ajudaram a contatá-las, sem cuja inestimável colaboração esse estudo não teria sido realizado.

A Carlos, pelo estímulo e exemplo de dedicação à pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Eu sou muito grata as oito famílias pela boa vontade, interesse e cooperação que demonstraram ao longo desta pesquisa, como também ao Professor Dr. Parry Scott, orientador desta tese, pelas críticas construtivas feitas nas diversas fases deste estudo.

Aos Professores Dr. René Ribeiro e Dr. Heraldo Souto Maior agradeço as sugestões oferecidas.

Aos Professores Dra. Judith Hoffnagel, Dr. José Lavareda e Dr. Heraldo Souto Maior meus agradecimentos por terem me facultado acesso as suas bibliotecas particulares.

Agradeço ainda a Marília Cortez a confecção dos diagramas.

ÍNDICE

Lista de Diagramas e Tabelas		v
Resumo		vii
I.	Introdução	1
II.	Metodologia	21
III.	As Famílias	29
IV.	Os Parentes e os Amigos	41
V.	As Trocas	62
VI.	Conclusão	83
Bibliografia		88
Apêndice A: Diagramas		94
Apêndice B: Tabelas		104

LISTA DE DIAGRAMAS E TABELAS

DIAGRAMAS

1 a Parentesco de uma família de pobre no início do ciclo doméstico. 96

1 b Parentesco de uma família de pobre no início do ciclo doméstico. 97

2 a Parentesco de uma família de pobre no final do ciclo doméstico. 98

2 b Parentesco de uma família de pobre no final do ciclo doméstico. 99

3 a Parentesco de uma família de rico no início do ciclo doméstico. 100

3 b Parentesco de uma família de rico no início do ciclo doméstico. 101

4 a Parentesco de uma família de rico no final do ciclo doméstico. 102

4 b Parentesco de uma família de rico no final do ciclo doméstico. 103

TABELAS

I Quantidade e relação dos parentes citados pelos casais segundo estágio do ciclo doméstico, grau de riqueza e sexo. 104

II Os melhores amigos do casal pobre segundo estágio do ciclo doméstico e sexo. 105

III Os melhores amigos do casal rico segundo estágio do ciclo doméstico e sexo. 105

IV Direção das redes de ajuda financeira, de bens e de serviços de ego masculino no início do ciclo doméstico em 2 contextos sociais distintos, pelas principais ocasiões em que dinheiro é dado, emprestado e recebido; pelos principais tipos de bens dados e recebidos e pelos principais tipos de serviços prestados e recebidos . 106

V Direção das redes de ajuda financeira, de bens e de serviços de ego feminino no início do ciclo doméstico em 2 contextos sociais distintos, pelas principais ocasiões em que dinheiro é dado, emprestado e recebido; pelos principais tipos de bens dados e recebidos e pelos principais tipos de serviços prestados e recebidos . 106

VI Direção das redes de ajuda financeira, de bens e de serviços de ego masculino no final do ciclo doméstico em 2 contextos sociais distintos, pelas principais ocasiões em que dinheiro é dado, emprestado e recebido; pelos principais tipos de bens dados e recebidos e pelos principais tipos de serviços prestados e recebidos. 107

VII Direção das redes de ajuda financeira, de bens e de serviços de ego feminino no final do ciclo doméstico em 2 contextos sociais distintos, pelas principais ocasiões em que dinheiro é dado, emprestado e recebido; pelos principais tipos de bens dados e recebidos e pelos principais tipos de serviços prestados e recebidos. 107

RESUMO

Este estudo analisa, de modo exploratório, o significado e conteudo das relações de parentesco e de amizade de algumas famílias na cidade do Recife.

Através da entrevista em profundidade e de alguma observação participante quando a situação a permitiu, foi estudado, em oito famílias, o efeito que as variáveis graus de riqueza, estágios do ciclo doméstico e sexo exercem na ênfase diferentemente atribuida pelos casais aos seus relacionamentos com parentes e com amigos.

A análise simultânea das variáveis graus de riqueza e estágios do ciclo doméstico evidencia diferença na importância dada aos laços geracionais pelas famílias estudadas. A ênfase em laços verticais pela família de rico e de laços horizontais pela família de pobre indicam uma possível correlação existente entre possibilidades diferentes de organização da vida doméstica e determinados tipos de obrigação e relação familiares. Para a família de rico, por exemplo, a unidade de orientação constitui um ponto focal tanto economico quanto social para os membros familiares da geração mais nova, exercendo, em relação a estes, um tipo de força centrípeta refletida na permanência prolongada no lar e na dependencia economica e social dos filhos até idade relativamente tardia. O contrário ocorre com a unidade de orientação numa família de pobre. Neste tipo de família onde faltam recursos à geração mais velha, os filhos serão dependentes de seus próprios esforços para terem profissões de

maiores ganhos e prestígio que a geração mais velha. A força por esta exercida é do tipo que chamaríamos de centrífuga refletida no abandono cedo do lar pelos filhos a fim de aliviar o fardo economico da unidade de orientação, mas filhos esses que, juntos de longe, contribuem para a manutenção da casa paterna. É importante frisar que apesar da importância diferentemente atribuida aos laços geracionais pelas famílias de pobre e de rico, eles servem ao mesmo fim. Ambos os laços por se fundarem em obrigações, direitos e deveres inerentes às relações de parentesco,nivelam ou mantêm o indivíduo no mesmo estrato sócio-economico dos demais parentes constituindo, desse modo, um mecanismo eficaz na preservação da estrutura social vigente.

É justamente neste ponto que a amizade se distingue do parentesco. As relações de amizade por se fundarem, ao contrário das relações de parentesco, na troca recíproca equilibrada entre iguais, constituem o canal alternativo mais seguro de acesso a recursos necessários à mobilidade social do indivíduo.

O exame do conteudo das trocas nas relações de parentesco e nas de amizade segundo as variáveis consideradas põe ainda a descoberto a forte segregação sexual existente nos tipos de família estudados como também a importância para o homem do seu engajamento em atividades culturalmente definidas como economicamente produtivas para fins de poder, identificação e prestígio social. A perda de status do velho pobre aposentado, por exemplo, aparece como resultado do seu afastamento dessas ditas atividades.

Os dados mostram através da análise das relações de parentesco e de amizade das famílias sob os aspectos interrelacionados de graus de riqueza, estágios do ciclo doméstico e sexo a coexistência de dois mundos: um mundo do lar,onde estão as mulheres ricas e pobres, jovens e velhas e o aposentado velho pobre, tidos como meros consumidores mas também considerados como produtores em potencial quando se fizer necessário; e um mundo da rua, esfera de onde o homem tido como economicamente ativo tira seu poder, identificação e prestígio social.

..."Whatever the degree of intensity with which kinship ties are utilized to forge social bonds no society so far has managed to dispense with an irreducible minimum of kinship based social relationships. And until Huxley's Brave New World is realized and bottles are substituted for mothers, they are unlikely ever to be dispensed with."

Robin Fox, "Kinship and Marriage".

"Amigo é o parente não imposto".

Um informante.

INTRODUÇÃO

O parentesco e a amizade constituem fontes importantes de relações primárias para a família nuclear. É através dessas relações, dentre outras, que a família articula-se com outros grupos e instituições na sociedade a fim de conseguir realizar seus objetivos. Este estudo, de caráter exploratório, destina-se a uma análise do significado e do conteudo das relações de parentesco e de amizade de algumas famílias na cidade do Recife procurando determinar a contribuição das variáveis graus de riqueza, estágios do ciclo doméstico e sexo na importância geralmente atribuida, diferencialmente, a essas relações na vida diária familiar de diversas categorias de residentes urbanos.

Para uma melhor caracterização do problema estudado procedeu-se a uma revisão de algumas das principais controvérsias existentes na vasta literatura sobre parentesco e amizade em sociedade industrial e mais especificamente no caso particular de tais estudos no Brasil, dando destaque àquelas variáveis consideradas cruciais na compreensão dessas relações.

Um dos principais interesses em muitas pesquisas e artigos sobre família tem sido a natureza e importância do parentesco na sociedade moderna, interesse, esse, decorrente do debate em torno do suposto declínio da importância do parentesco em sociedades urbano-industriais. Essa controvérsia teve, em parte, sua origem num dos principais temas da sociologia no seu desenvolvimento histórico: a tentativa de entender as mudanças ocorridas nos fins do século dezoito e princípios

do século dezenove, mudanças essas geralmente associadas ao crescimento do capitalismo, à industrialização e à urbanização. (Morgan,1975)

Tönnies (1963), por exemplo, na tentativa de descrever e explicar teoricamente as mudanças das relações sociais que acompanharam o surgimento do capitalismo na civilização ocidental, desenvolveu os conceitos distintos, mas não necessariamente opostos de Gemeinschaft e Gesellschaft, representando o primeiro o tipo de comunidade tradicional, onde as pessoas mantinham-se unidas por valores compartilhados e tradições sagradas, repousando a solidariedade social em membros de identidade comum e parentesco. Em contraste, a industrialização e o surgimento de centros urbanos marcavam a transição para o tipo de sociedade Gesellschaft, com heterogeneidade de valores e tradições, onde as diferenças individuais operavam para reduzir a solidariedade social, tornando o individualismo o valor importante às custas da coesão comunal.

De modo análogo, Durkheim (1964) desenvolveu os conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, prevalecendo o primeiro tipo de solidariedade em sociedades segmentárias,(onde as diferenças individuais são minimizadas e os membros da sociedade partilham crenças, opiniões em comum) ao contrário do que ocorre em sociedades onde prevalece a solidariedade orgânica (que são constituidas por unidades de órgãos sociais heterogêneos, mas funcionalmente interrelacionados, onde a divisão do trabalho é a fonte principal de solidariedade social).

As principais dicotomias que se tornaram conceitos centrais na sociologia - Gemeinschaft-Gesellschaft; solidariedade mecânica-solidariedade orgânica; status-contrato; folk-urbano etc...-, enfatizam de maneiras diferentes o declínio da importância de laços baseados no parentesco e sua substituição por laços mais indiretos, impessoais e secundários.

Os estudos de Simmel (1964) e Wirth (1959), sobre as consequências sociais da urbanização-industrialização, dentre outros, mostraram que a sociedade urbano-industrial requer con

dições tais como mobilidade geográfica e social que, por sua vez, são contrárias às relações primárias de parentesco, vizinhança e de amizade, tornando assim as organizações burocráticas mais efetivas do que os grupos primários, na consecução de objetivos. (Litwak e Szelenyi,1971)

Esses estudos de Simmel e Wirth, como de outros, ao darem ênfase aos laços secundários como opostos a laços primários, interpretaram os conceitos desenvolvidos por Tönnies e Durkheim como dicotomias polares antitéticas ao contrário desses dois autores que percebiam a interdependência de seus conceitos na realidade concreta: fizeram com que a significação de relações primárias para uma compreensão adequada da sociedade atual fosse negligenciada e encoberta. (Karp, Stone e Yoels,1977)

Mas o ponto específico de referência para a maior parte dos estudos de parentesco na sociedade atual foi Parsons (1964) que, ao atribuir ênfase às demandas do sistema ocupacional em sociedade industrial, sugeriu o conceito de família nuclear isolada, como um tipo muito especial de grupo primário que seria condizente com as condições da sociedade moderna e evitaria, por outro lado, problemas relativos à mobilidade diferencial exigida. Este tipo de família conseguiria isto por restringir-se a uma unidade familiar de dois adultos e filhos economica e afetivamente dependentes, tendo um membro engajado na força de trabalho (que é o responsável principal tanto pela renda familiar quanto por conferir status à família, na comunidade).

Essa proposição de que muitas das feições principais do sistema familiar ocidental (ou seja, grupo doméstico restrito em tamanho e composição, relações limitadas com parentes não residentes, ênfase no laço conjugal como pedra de toque da estrutura do sistema) como consequência funcional da industrialização, tem sido contestada de diversas maneiras. Pesquisas históricas, por exemplo, têm mostrado que em grande parte da Europa, pelo menos desde os tempos medievais e dos Estados Unidos, desde a colonização, o grupo doméstico típico era pequeno e simples em estrutura tendo em média cinco pessoas por unidade doméstica. E onde o grupo era maior e mais complexo (o que geralmente ocorria entre os mais afluentes) este era acrescido de servos e não

de parentes. (Laslett,P. 1979; Anderson,1980; Ariès,P. 1980; Stone,L. 1979; Leslie,G. 1979). No caso específico de estudos diacrônicos de grupos domésticos no Brasil, Oracy Nogueira (em "Família e Comunidade: um estudo sociológico de Itapetininga, São Paulo, 1962) chega à mesma conclusão.

Pesquisas etnográficas,(Greenfield,1961; Leslie,1979) por outro lado, mostraram também que urbanização e industrialização podem ocorrer com ou sem a família nuclear.

Já Goode (1970:186-7; 1970:369; Leslie,1979:63), apesar de favorável ao argumento da associação família conjugal/industrialização-urbanização, ressalta a possibilidade de o sistema familiar poder ter efeito independente que facilite ou retarde a mudança em direção à industrialização. Ele chama atenção, nesse particular, ao papel desempenhado pelas mudanças ideológicas e nos valores (ideologia individualista, progresso economico, igualdade) que emergiram tanto antes quanto contemporâneamente à industrialização e mesmo depois desta, na transformação dos sistemas familiares.

Esse conceito de família nuclear isolada foi, ainda, objeto de críticas numa série de estudos empíricos que mostraram que relações extensas de parentes, isto é, relações com pessoas ligadas por laços de consanguinidade e de afinidade situadas fora do círculo da família elementar[1], eram efetivas na sociedade urbana moderna, pois certos parentes mantinham-se coesos apesar da mobilidade geográfica e social,(Litwak e Szelenyi,1971; Sussman e Burchinal,1966). Evidências empíricas mostraram ainda que relações extensas de parentes são usadas como fonte principal de atividades sociais, ajuda financeira, bens e de uma larga gama de serviços, regularmente e em tempos específicos e sob certas condições e que a troca de ajuda entre famílias corre em várias direções: de pais para filhos e vice-versa, entre irmãos e menos frequentemente de parentes mais distantes. A ajuda e serviços fornecidos pela rede de parentes (na qual as mulheres desempenham importante papel) suplementam mais do que substituem as atividades básicas da família nuclear, pois esta funciona autônomamente, sendo responsável por seus atos e decisões garan

tidos por normas legais e culturais. O papel da rede de parentes é, portanto, mais de caráter assistencial, em vez de coercivo, em suas relações com a família nuclear (Sussman e Burchinal 1966; Firth, 1956; Young e Willmott,1977; Townsend,1977).

Bell (1971) reforçando esse ponto de vista, constatou em suas pesquisas na Inglaterra que a ajuda mútua entre membros de uma família extensa corre em várias direções dependendo da fase do ciclo de desenvolvimento em que se encontra a família elementar, e que a capacidade e não o desejo de prover ajuda, varia segundo a classe social em que se encontra a família. Tipos e graus de ajuda mútua diferem entre classes. Em suas pesquisas sobre ajuda mútua entre membros da família extensa de classe média, mostrou Bell, que esta ajuda não se resume a tempos de crise e a cerimoniais, mas que a família extensa nesta classe, constitue uma entidade social operante que trabalha continuamente para manter, ou mesmo elevar o status de seus membros. Deste modo, segundo Bell, casais jovens de classe média podem querer a influência da família de orientação na obtenção de casas, emprego etc... ao passo que casais de classe operária não poderão esperar ou requerer estes graus de ajuda financeira por parte de seus parentes. Seus problemas serão diferentes, seu padrão de ajuda, diferente. Os dados coletados mostraram ainda que o laço pai-filho, sogro-genro é estruturalmente importante na família extensa de classe média uma vez que é através desse laço que a ajuda flui para a família elementar, ao contrário da família extensa de classe operária, onde o pai-sogro estaria raramente em posição de dar ajuda, do tipo e grau acima descrito, aos filhos casados. Desta maneira, parece haver uma mudança em ênfase, na estrutura da família extensa, da relação mãe-filha tão citada nos estudos de família operária, em direção à relação pai-filho.

Em resposta às críticas feitas ao conceito de família nuclear isolada, disse Parsons (1971) que este conceito se aplica à estrutura de parentesco de hoje (vista na perspectiva dos estudos antropológicos) e que nesta perspectiva a rede de relações extensas de parentes não formam, em sociedades urbano-industri-

ais, unidades fortemente estruturadas do sistema social, pois não são unidades residenciais ou econômicas e, muito menos, grupos corporativos no sentido que eram clãs e linhagens em muitas sociedades. Essas relações extensas de parentes são, segundo Parsons, altamente variáveis no contexto urbano e, mesmo admitindo que haja algumas preferências estruturadas em bases de parentesco ou em proximidade geográfica, é fato notável que há uma tendência forte neste contexto para o parentesco diluir-se em amizade, no sentido da ausência, nesta última, de laços atribuidos. Assim, as relações extensas de parentes, especialmente as de pais/filhos adultos podem muito bem constituir recurso que pode ser usado, seletivamente, dentro de limites, mas, que essas relações não são as únicas que servem como reserva de expectativa de solidariedade que possam ser mobilizadas em caso de necessidade, pois, nesses casos, a primeira obrigação de ajudar recai em parentes próximos, porém parentes que sejam financeiramente capazes de arcar com a responsabilidade.

O argumento de Parsons de que as relações extensas de parentes não são as únicas que servem de expectativa de solidariedade que possam ser mobilizadas em caso de necessidade, foi enfatizada por Willmott e Young (1976) que mostraram que casais jovens de um subúrbio londrino tinham pouco contato com parentes e não dependiam exclusivamente das relações extensas de parentes para obter ajuda e companheirismo. Esses casais criaram, com pessoas da mesma cidade, um grupo que funcionava à maneira da família extensa, organizado como esta principalmente por mulheres, mas tendo como base não os laços atribuidos mãe-filha, e sim o vínculo de interesse comum entre esposas com filhos pequenos.

O principal ponto de divergência entre Parsons e os críticos do conceito de família nuclear isolada está, segundo Adams (1971), no uso diferenciado do termo parentesco por ambas as correntes. Assim, na tentativa de reconciliar posições divergentes encontradas na literatura sobre parentesco em sociedade urbana (divergência essa resultante tanto da generalização decorrente das observações das relações pais-filhos adultos,quanto da posi-

ção de outros que, observando a rede total de parentesco, concluiram pela inexpressividade desses laços num contexto urbano) sugere Adams que, em vez da dicotomia família - parentesco, seja necessária uma tipologia em quatro partes para melhor apreensão das atualidades empíricas relativas à família - parentesco. Constituir-se-ia esta tipologia em 1) familistas nucleares - cujos valores dominantes e interesses incluem interesse pelo cônjuge e filhos, mas pouco por outros parentes; 2) familistas de membros da família de orientação - os que estão ativamente engajados em perpetuar laços com pais e irmãos, como também com suas famílias de procriação; 3) orientados para parentes mais distantes - os que estão envolvidos em redes complexas de contato com parentes e interessam-se por parentes de vários graus de relação; 4) os não familisticamente orientados - os que não têm laços de família ou têm pouco interesse em manter esses laços.

Litwak e Szelenyi (1971) oferecem uma outra abordagem para a compreensão do parentesco em contexto urbano-industrial. Estudando não só grupos primários de parentesco como os de amizade e de vizinhança em sociedade urbano-industrial, chegaram esses autores à conclusão que a importância dessas relações resulta da capacidade de prover recursos suplementares à família nuclear isolada. Por definição, esse tipo de família, por achar-se limitado em termos de recursos humanos a dois adultos, não pode frequentemente lidar com certos problemas, por exemplo: marido e mulher acham difícil lidar com problemas de tensão emocional, problemas esses que são resultantes muitas vezes de disputas entre eles próprios. Nenhum dos dois encontra-se, portanto, em condição de ajudar o outro. Por causa da afetividade intensa, membros familiares podem não ser capazes de diagnosticar objetivamente estados incipientes de doença mental. E, finalmente, por causa de inovações tecnológicas, os membros familiares não podem frequentemente usar suas experiências de vida como base para lidar com todos os problemas como por exemplo: técnicas novas de lidar com crianças, com adolescentes etc... Assim sugerem os autores que a vizinhança, caracterizada pela proximidade geográfica de seus membros, tendo no contato face a face fator que a distingue do parentesco e da amizade, oferece à família nuclear iso

lada auxílio nas tarefas que requeiram contato diário, mas tarefas urgentes que vão desde assuntos triviais a emergências, e que não requeiram comprometimento de longo tempo das partes envolvidas. Os parentes, distinguindo-se dos vizinhos e dos amigos pela permanência de seus laços, oferecem à família nuclear isolada vantagens em tarefas que requeiram pouco contato face a face, mas que exijam comprometimento duradouro das partes. Amizade, distinguindo-se da vizinhança e do parentesco por opção de escolha e afetividade, oferece à família nuclear isolada, vantagens em tarefas que exijam manifestação de acôrdo mútuo para serem realizadas e um certo envolvimento das partes por um certo tempo. Litwak e Szelenyi lembram ainda que amigos podem ser vizinhos e parentes ao mesmo tempo, mas que há pressão na sociedade industrial para que esses grupos se separem.

O exame sistemático das relações de parentesco e de amizade em sociedades complexas foi também preocupação de Wolf (1966) que estudou essas relações como estruturas informais suplementares à instituições da sociedade. Segundo o autor, essas estruturas informais, por possibilitarem o funcionamento das instituições formais da sociedade, desenvolveram-se ou melhor, mudaram de feição historicamente como ocorrera com as instituições. Nesta linha de análise, mostrou Wolf que as relações entre parentes tendem a ser preponderantes em situações sociais onde o indivíduo está encaixado em grupos solidários e linhagens, nas quais o conjunto de estruturas sociais inibe a mobilidade tanto geográfica quanto social. Nestas situações os grupos envolvidos têm um patrimônio a defender e os interesses associados a esta defesa são melhor preservados pela manutenção de tais laços. O acesso do indivíduo a recursos naturais e sociais é grandemente fornecido pelos grupos solidários e a relação de amizade aqui existente (classificada por Wolf como expressiva ou emocional) visa apenas prover escape às pressões da vida diária. Em situações sociais relativamente abertas, onde o indivíduo torna-se "livre" para ampliar suas esferas de manobras sociais, faz-se necessário, segundo o autor, considerar a família como entidade funcional dentro das estruturas informais da parentesco e de amizade, uma

vez que há uma relação entre o modo como a família desempenha suas tarefas de provisionamento economico, socialização, relacionamento sexual, afeto e sentido de identidade e o modo como ela é avaliada pela comunidade maior. Segundo Wolf, é desta relação que é estabelecida a reputação pública e o decorrente crédito social à disposição da família. Assim, filiação a uma família, além de estabelecer a medida de crédito social, em que o comportamento intrafamiliar é o referente final, estrutura ainda a natureza dos recursos sociais do indivíduo na relação com não parentes. Nestas circustâncias, as relações com parentes implicam um claro equilíbrio de perdas e ganhos, em que os ganhos sobrepujam as perdas só quando a cooperação com não parentes é claramente mais arriscada e desvantajosa. É precisamente neste ponto, segundo o autor, que o laço de parentesco tende a se fundir com o laço de amizade. Em contraste com a amizade emocional, esta relação de amizade, chamada de instrumental, é considerada pelo indivíduo como um elemento de ligação com outras pessoas fora da díade, por visar uma série inespecífica de realizações de assistência mútua. Apesar do caráter instrumental de tal relação, um elemento mínimo de afeto permanece como um ingrediente importante nesse tipo de amizade, por agir como um mecanismo que assegura a continuidade da relação em face a um possível desequilíbrio. A relação de amizade só é rompida quando uma das partes aproveita-se claramente da outra. Wolf chama atenção para o surgimento, hoje em dia, de uma nova forma de fechamento social, na tendência de organizações burocráticas de larga escala, de restringir a área de mobilidade social de seus membros. Segundo o autor, nestes tipos de organização a amizade instrumental funde-se na formação de cliques, que ao contrário das relações de amizade analisadas, tendem a envolver primariamente o conjunto de papéis associados a um emprego particular. Clique serve a bem mais propósitos do que os fornecidos pela organização formal da instituição que a comporta, como por exemplo, tornar situações imprevisíveis mais previsíveis para seus membros, fornecer apoio mútuo em situações que o exijam, proteger seus membros contra investigações de fora como de competições de dentro da própria organização, dar apoio para promoções.

A importância do conhecimento desse tipo de organização informal foi ressaltada por Leeds,A. (1965) como imprescindível para o entendimento do funcionamento político e economico do Brasil. Mas, diferentemente de Wolf que liga a atuação de cliques ao surgimento, hoje em dia, de grandes organizações burocráticas como organizações militares, firmas industriais etc... Leeds situa e analisa a atuação das panelinhas em um tipo de sociedades em transição do estágio "agrário-estático" para o "expansivo-industrial" como é o caso, para o autor, da sociedade brasileira. Cliques ou panelinhas, como são chamadas aqui tais organizações, são grupos primários, informais, relativamente fechados, unidos em torno de interesses comuns e de laços pessoais, que permeiam toda a ordem social chegando a constituir um vínculo social que é função, neste tipo de sociedade, da ausência de instrução e profissão formalizadas (tão características das sociedades industriais expansivas avançadas) como meio eficaz de acesso a status e profissão.

Com base nos estudos citados, podemos dizer que as relações de parentesco e de amizade, cada uma a seu modo, constituem uma troca recíproca de ajuda, bens e serviços.

Essa troca de ajuda, bens e serviços foi analisada por Sahlins (1974) que desenvolveu uma tipologia de reciprocidades baseada num complexo contínuo de variações no caráter direto e na equivalência da troca. Num dos extremos do espectro estão as transações supostamente altruistas, baseadas em linhas de assistência gratuita e, se possível e necessário, assistência retribuida. O aspecto social da relação supera o material e, de certo modo, oculta-o como se não tivesse importância. Pelo meio do contínuo está a troca equilibrada que se aplica onde bens de valor ou utilidade comensurável devem ser dados em retribuição dentro de um período costumeiro finito. O aspecto material da troca é tão importante quanto o social e tem que haver um cômputo mais ou menos preciso para se obter o equilíbrio. As relações entre as pessoas são prejudicadas quando uma rompe o acôrdo. No outro extremo do espectro está a apropriação por interesse próprio, por chicana, por força. É a tentativa de conseguir

algo sem dar nada em troca. Lembra Sahlins que o intervalo entre os extremos de reciprocidade não são apenas gradações de equilíbrio material, mas também de sociabilidade.

Lomnitz (1971, 1978), aplicando a tipologia de reciprocidades em suas pesquisas, mostrou que, ao contrário da situação tribal analisada por Sahlins em que a instituição de reciprocidades estava encaixada numa estrutura social relativamente estável, (onde proximidade de parentesco e de residência determinavam tipos e frequencias de trocas) em contextos urbanos modernos o princípio organizador é a distância social, que não é uma categoria estática como a distância genealógica, mas evolui no tempo de acordo com a intensidade de fluxo de bens e serviços trocados entre os parceiros. Mesmo entre parentes, diz Lomnitz, há um ajustamento contínuo de relações recíprocas [2].

A distância social determina o tipo de favor a ser pedido e o pedido e a qualidade da realização do mesmo pode trocar a posição de alter na escala de distância social de ego. Um conhecido pode tornar-se amigo íntimo como resultado da realização de um serviço particularmente valorizado, como da mesma maneira, um amigo pode se tornar um conhecido por causa da realização não condizente com as expectativas inerentes à sua posição na escala de distância social de ego. (Lomnitz, 1971)

Lomnitz (1978) mostrou ainda que a distância social pode ser baseada em diferentes fatores dependendo do contexto social em questão. Em Cerrada del Condor, uma favela da cidade do México estudada pela autora, a proximidade de residência parece ser o fator essencial, que pode ser substituido pelo telefone entre membros da classe média. Mas que, em qualquer contexto social, a escala de distância social variará de acordo com as expectativas individuais de comportamento na troca recíproca de bens, serviços e informações.

Os vários estudos aqui citados enfatizam a importância das relações de parentesco e de amizade para a família

nuclear, por serem tais relações consideradas pela família como recursos que são usados seletivamente numa variedade de contextos e de ocasiões. Ênfase é dada na seletividade como processo usado para distinguir quais membros do universo de parentesco são significativos para propósitos particulares, como também no processo pelo qual parentes e não parentes são escolhidos e usados para diferentes fins. Os laços de parentesco e de amizade aparecem, portanto, como relações vivas, estabelecidas e elaboradas no tempo, mantidas através do uso constante, sendo tais relações usualmente vistas como existindo dentro de uma estrutura de reciprocidade que tem, na distância social, o princípio organizador.

Bell (1971) e Lomnitz (1978) enfatizaram a importância da variação do contexto social nos tipos e graus de ajuda mútua, assim como Bell (1971), Bott (1976), Townsend (1977) e Willmott e Young (1977) mostraram a relevância, necessidade e a carência de estudos das várias fases do ciclo doméstico no relacionamento com parentes e amigos. O presente estudo visa, portanto, uma análise das relações de parentesco e de amizade de algumas famílias na cidade do Recife, procurando precisar até que ponto as variáveis riqueza, fases do ciclo doméstico e sexo contribuem para uma análise do conteudo e significado dessas relações numa sociedade urbano-industrial. Noutras palavras é nosso objetivo interpretar os efeitos de graus de riqueza, ciclo doméstico e sexo sobre o significado e conteudo das relações de parentesco e de amizade de casais urbanos.

Grau de riqueza (referindo-se no presente estudo ao interrelacionamento das variáveis nível de renda, ocupação e educação dos casais como também das suas respectivas famílias de orientação e procriação) possibilita apreender a criação de realidades distintas de condições de vida. Assim, indivíduos com diferentes graus de riqueza desfrutam condições diferentes de vida, vêem o mundo diferentemente e desenvolvem concepções distintas de realidade social. O significado e conteudo das relações de parentesco e de amizade não podem, portanto, ser estudados em termos gerais para o conjunto da sociedade.

A literatura revista (Bell,1971; Lomnitz,1978) enfatiza a variação do conteudo dessas relações conforme o contexto sócio economico em que ocorrem. E, mais especificamente no que diz respeito ao parentesco brasileiro, Willems (1964), Wagley (1964), Kottak (1967) e Woortman (1975) embora tenham centrado a maior parte de seus estudos empíricos em diferentes segmentos das camadas pobres, chamam atenção, baseados em análises da família de classe superior no meio rural no período colonial (Freyre,1950) e em pequenas comunidades relativamente isoladas (Wagley,1964), a diferenças no significado e extensão do parentesco conforme o contexto sócio-economico focado. Assim, para esses autores, a estreiteza da rede de parentesco [3] dos pobres e a amplidão da rede dos ricos seriam resultantes da diferença do significado das redes segundo o contexto em que operam. Para Kottak (1967: 430-1) e Woortman (1975:204) embora a rede de privilégios e obrigações decorrentes do parentesco forneça em todas as classes da sociedade brasileira uma estrutura para distribuição e acesso a recursos estratégicos, para os pobres, como a riqueza e poder são limitados, só poucos parentes são significativos e o parentesco é, para esses, rede de apoio no acesso a e na distribuição de recursos. O contrário ocorre com os ricos, com mais poder, onde o parentesco é um importante símbolo de status, que também é usado pelos inúmeros indivíduos para reforçar acesso aos recursos. Mas, a falta de estudos empíricos relativos à vida de família de classe superior em grandes centros urbanos brasileiros mencionada por autores (Wagley,1964:186; Wagley e Harris,1974:48) nos leva a questionar a generalização usualmente feita sobre a extensão e significado do parentesco para a família desta classe a partir das características descritas tanto para a família patriarcal rural do período colonial quanto para as famílias de elite de pequenos núcleos rurais semi-isolados dos estudos de comunidade da década de 50.

Concordamos com Kottak (1967:427) quando diz que o parentesco age como um mecanismo efetivo para preservar a estrutura altamente estratificada da sociedade brasileira. Pois para os pobres, as obrigações de parentesco impedem a mobilidade social individual enquanto para os ricos, os direitos do paren

tesco tendem a perpetuar os membros num stratum economico e social. Essa mesma constatação é feita, de modo diferente por Carlos e Sellers (1972:101), com referência à América Latina, quando dizem que aquele que sobe ou mantem poder ou status, independente de classe ou comunidade residencial, o consegue com a ajuda dos diversos tipos de famílias disponíveis: nuclear, extensa e fictícia.

Mas o significado da amizade segundo o contexto sócio-economico não mereceu a atenção dispensada ao parentesco. Não constituiria a relação de amizade um campo alternativo para acesso a recursos que, por não se fundar em obrigações como o parentesco, possibilitaria a mobilidade social do indivíduo, pelo menos no contexto pobre?

No que concerne à variação do conteudo das relações de parentesco e de amizade segundo o contexto sócio-economico, ou seja a ajuda mútua (troca) decorrente das redes de parentesco e de amizade em contextos distintos, a literatura brasileira é omissa. Os poucos estudos existentes tratam da importância das redes de parentesco e de amizade, mas principalmente da primeira no processo e na adaptação do migrante rural na vida urbana (Durhan, 1973; Wilkening et al., 1968) da utilização dessas redes como estratégia de sobrevivência de famílias urbanas pobres (Woortman,1975; Nascimento, 1981), da operatividade dessas relações na obtenção de posições e contatos para membros das classes altas (Leeds, 1963), dos efeitos da urbanização sobre a composição da família em cidades de diversos tamanhos (Iutaka, Bock e Berardo, 1975) e sobre a importância e estabilidade do parentesco em famílias de classe média atingidas pela urbanização (Ribeiro, 1961).

Outro ponto que raramente é levado em consideração nos estudos brasileiros sobre parentesco e amizade, é a variação no tempo da composição e comportamento da família nuclear. Neste respeito, o conceito de estágios do ciclo doméstico [4] por levar em consideração mudanças na composição e comportamento familiar que acompanham a progressão inevitável da formação à dispersão da família, possibilita apreender através da comparação de dois

estágios do ciclo ou seja da fase inicial, casal com filhos menores; e da fase final, casal com maioria dos filhos casados ou separados da unidade de orientação, o papel mutável das relações de parentesco e de amizade dos casais ao longo do ciclo. Assim, as relações de parentesco dos casais no estágio inicial do ciclo caracterizar-se-iam pelo envolvimento com as respectivas famílias de orientação, ao passo que essas mesmas relações dos casais no estágio final do ciclo teriam ênfase no contato com as respectivas famílias de procriação, tendo os casais neste estágio do ciclo, obviamente, uma faixa mais ampla de conhecimento de parentes que os casais no início do ciclo.

Quanto às relações de amizade, por se basearem em interesses compartilhados, variariam conforme a progressão do casal nos estágios do ciclo. Como por exemplo, casais com filhos pequenos tenderiam a associar-se a outros nas mesmas condições e situações, sendo que um maior envolvimento com amigos dependeria da existência ou não de parentes disponíveis na vizinhança, ou cidade. Famílias com filhos adultos casados, ou separados da unidade de orientação, teriam mais tempo disponível para visitar amigos, fazer parte de associações.

A literatura revista (Bell,1971; Adams,1971) mostrou que o conteudo das relações de parentesco, ou seja, ajuda financeira, bens e serviços, corriam em várias direções, de pais para filhos e vice-versa, entre irmãos e menos frequentemente entre parentes mais distantes e que a ajuda trocada dependia do estágio do ciclo e do contexto sócio-economico a que pertencia a família. Sussman e Burchinal (1966), por exemplo, encontraram em suas pesquisas, em famílias americanas de classe média, que a maioria da ajuda mútua interfamiliar corria de pais para filhos. Mas pesquisas posteriores (Lee, 1979) mostraram que essa assertiva era mais uma característica do contexto focado por Sussman e Burchinal do que peculiaridade da fase do ciclo, uma vez que na classe operária ocorria justamente o contrário. Essa variação na direção da ajuda por classe, e não por estágio do ciclo, faz na opinião de Lee (1979) um certo à luz do padrão diferencial dos salários durante o ciclo de vida nos dois contex-

tos. Nessa linha de análise o estágio inicial do ciclo numa família rica caracterizar-se-ia por gastos altos e, por causa da natureza da ocupação[5] dos casais nesse contexto, por um período de renda mais baixa. A família, deste grau de riqueza, no início do ciclo, estaria propensa a receber ajuda da família de orientação para manter seu status. O estágio final , nessa camada, caracterizar-se-ia por gastos menores devido à dispersão da família, e por ser fase de ganhos altos devido ao alcance relativamente tardio do pico salarial nas ocupações deste grau de riqueza. Nesta fase do ciclo a família está mais apta a dar ajuda financeira em forma de dinheiro, bens e serviços. A família no estágio inicial num contexto diferente, pobre, também caracterizar-se-ia por altos gastos devido à formação da família e por ganhos baixos, uma vez que esse último fato é característico de todas as pessoas que começam suas carreiras, independentes de profissão. Mas essa família, ao contrário da rica, não espera receber ajuda da família de orientação nos tipos especificados acima e sim contribuir para a sua sobrevivência, uma vez que a fase final da família de pobre caracterizar-se-ia por uma deteriorização dos ganhos do velho, e que o pico salarial das profissões nesse contexto é alcançado bem mais cedo que no rico. A dispersão dos filhos constitui uma série ameaça a sobrevivência da unidade paterna, que depende cada vez mais da ajuda dos filhos para se manter [6].

Assim, se se considera o conteudo das relações de parentesco e de amizade como recursos suplementares utilizados pelos casais, torna-se imprescindível uma análise simultânea das fases do ciclo e graus de riqueza das famílias, uma vez que tal método por precisar o conteudo, significado e direção da ajuda mostram o peso específico de cada uma dessas variáveis na explicação da manipulação dessas relações pelos casais pesquisados.

Além das diferenças relacionadas ao contexto sócio-econômico e estágio do ciclo de desenvolvimento familiar, a literatura (Lee, 1979; Young e Willmott,1977; Willmott e Young, 1976; Woortman, 1975) menciona ainda manipulações diferentes das relações de parentesco e de amizade conforme o sexo do membro da família entrevistado.

Para certos pesquisadores (Young e Willmott,1977; Townsend,1977; Woortman,1975) a ajuda é mais provável de fluir entre famílias aparentadas através de mulheres do que entre aquelas através de homens.

Os dados de Young e Willmott,1977 e Townsend,1977 reforçam esse ponto de vista quando mostram que pessoas idosas são mais propensas a morarem com filhas do que com filhos, e que as primeiras ajudam mais do que os últimos.

Essa tendência matrilateral na extensão da ajuda necessita de uma certa qualificação se for analisada segundo o contexto sócio-economico focado, uma vez que há diferenças significantes, pelo menos teoricamente, nos tipos de ajuda entre famílias aparentadas patrilinear e matrilinearmente. Bell (1971) por exemplo, chamou atenção para a importância do laço pai-filho, sogro-genro na família extensa de classe média, por ser através desse laço que a ajuda financeira flui para a família elementar ao contrário do que ocorre na classe operária onde o pai-sogro estaria raramente em posição de prestar tal tipo de ajuda financeira; o que há nesta classe é a importância do laço mãe-filha, tão citado nos estudos de família de classe operária [7]. Assim muito da ajuda dada e recebida por homens envolve finanças direta ou indiretamente para a casa, ao passo que a ajuda dada e recebida pelas mulheres é mais em forma de tomar conta de crianças, serviços domésticos como lavar, passar, cozinhar.

Esse mesmo padrão parece ser adotado nas relações de amizade. Willmott e Young (1976) mostraram a importância da organização de um grupo de mulheres jovens com filhos pequenos , num subúrbio londrino, na obtenção de ajuda mútua e companheirismo. Já Woortman (1975) em Salvador (como De Hoyos e De Hoyos, 1966, e Lewis,1976, no México) encontrou entre favelados, que homens socializam mais com amigos que com parentes, e que a rede de um homem apresenta-se mais diversificada, se comparada com a da mulher, uma vez que inclue menos parentes.

Será essa proposição de Woortman (também evidenciada pelos trabalhos de De Hoyos e De Hoyos,1966; e de Lewis,1976) vá-

lida para homens, independente do estágio do ciclo de desenvolvimento familiar, ou haverá um maior relacionamento com parentes em determinados estágios?

Apresentarão as mulheres diferenças na manipulação das relações de parentesco e de amizade segundo o contexto sócio-econômico ? E quanto ao estágio do ciclo?

Mostrarão as famílias de rico e as famílias de pobre diferenças significantes quanto à extensão do parentesco como sugere a literatura, ou será essa diferença fruto da generalização feita para a família de rico a partir das características da família patriarcal rural do tempo colonial e dos estudos de comunidade?

A fim de responder a essas e outras indagações concernentes ao significado e conteudo do parentesco e da amizade em contexto urbano, e mais especificamente na cidade do Recife, fazem-se necessários estudos que abordem simultâneamente, para fins comparativos, as relações de parentesco e de amizade, sob o prisma da distância social dos casais, nas várias fases do ciclo doméstico e em diferentes categorias de residente urbanos. O presente estudo é uma tentativa de contribuir para esse fim.

Para uma melhor apreensão do material coletado relativo às relações informais das famílias, este trabalho foi dividido em quatro partes. Na 1º encontra-se descrito o procedimento metodológico adotado ao longo da pesquisa. Na 2º ênfase foi dada às características gerais dos casais e das respectivas famílias de orientação e de procriação, segundo o estágio do ciclo doméstico do casal pesquisado. Na 3º foi discutido o significado da interação dos casais com parentes e amigos, analisando cada uma dessas duas categorias em termos de distâncias, correlacionando-as com grau de riqueza, fase do ciclo doméstico e sexo do entrevistado. Na 4º parte foi focado o conteudo do relacionamento dos casais com parentes e amigos, ou seja, as trocas. Estas foram, por sua vez, analisadas segundo tipos de ajuda dada e recebida das diversas categorias de parentes a ego e vice-versa e de amigos a ego e vice-versa, segundo as três variáveis consideradas.

NOTAS

1. Não se está fazendo diferenciação entre "nuclear" e "elementar, ambos os termos estão sendo usados como sinônimos.
2. Este ponto já havia sido levantado por Firth (1956) na tipologia de graus de distância social de parentes, em que a realização de serviços constituia uma indicação do grau de intimidade, usada na diferenciação de parentes íntimos e parentes efetivos.
3. Rede de parentesco, termo usado por Woortman (1975:204) no mesmo sentido atribuido a parentela por Wagley (Kottak,1967 :428-9) e depois por Kottak (1967:429). Ou seja, uma construção centrada em ego representando um cálculo feito pelo próprio indivíduo acerca de seus parentes consanguíneos, afins e rituais. Desta maneira, cada indivíduo tem sua própria parentela ou rede de parentesco.
4. O conceito de estágios do ciclo doméstico está sendo usado no sentido utilizado por Aldous,J. (1978:80) em Family Careers: Developmental Change in Families, John Wiley & Sons, New York. "Um estágio do ciclo doméstico é uma divisão dentro do tempo de vida de uma família, sendo distintivo o bastante de outros estágios que o precedem e o seguem, constituindo deste modo, um período em separado. Os estágios do ciclo doméstico cobrem período de tempo relativamente grande, e, apesar de um estágio esvair-se no outro seguinte, há descontinuidades suficientes entre eles que dão a cada um seu caráter distintivo. Assim, famílias no mesmo estágio enfrentam problemas similares, problemas esses que diferem daqueles de outros estágios prévios e requerem padrões diferentes de interação para resolvê-los".
5. Natureza da ocupação num contexto pobre: trabalho manual dependente de habilidade e força físicas, exigindo um mínimo de instrução, mas longa experiência.
   Natureza da ocupação num contexto rico: trabalho não manual que exije para sua qualificação longo período de escolaridade e experiência.
6. As diferenças nas estratégias de organização familiar ligadas

à situação de trabalho no interior de dois grupos distintos é também mencionada por Bilac,E. (1978:151) em Família de Trabalhadores: Estratégias de Sobrevivência. Símbolo,1978, São Paulo.

7. Essa característica da família pobre é também notada por Lewis,O. (1961:17) quando chama atenção à extraordinária semelhança na estrutura familiar, na qualidade das relações pais-filhos, no sistema de valor e no sentido de comunidade encontrados nas classes baixas dos bairros de Londres, Porto Rico e México.

METODOLOGIA

Considerando a importância das relações de parentesco e de amizade como decorrentes da capacidade de prover recursos suplementares à família nuclear isolada, recursos esses que podem aparecer sob formas de ajuda tanto material quanto moral (como por exemplo: ajuda financeira, residência comum, assistência em tempos de crise, padrões regulares de ajuda como olhar por crianças, por doentes, por pessoas idosas, fazer compras, pagamentos, companhia, visitas, dar informações, conselhos etc...) e tendo em vista os fins da pesquisa, decidimos estudar até que ponto as variáveis graus de riqueza, fases do ciclo de desenvolvimento familiar e sexo contribuem para uma melhor caracterização do significado e do conteudo dessas relações num contexto urbano.

Foi feito um estudo comparativo intensivo de um número limitado de famílias por razões técnicas decorrentes da própria natureza do problema estudado que exigia, para sua melhor apreensão, que o contato com as famílias a serem pesquisadas fosse estabelecido através de pessoas amigas [1] que,além de conhecerem tanto o marido quanto a mulher, mantivessem um certo grau de intimidade com a família a ser estudada.

Esta forma de contatar famílias deveu-se as experiências relatadas por Bott (1976) que mostrou que a maior parte dos contatos bem sucedidos com famílias haviam sido feitos através de apresentações de amigos das mesmas [2].

As famílias estudadas, num total de oito, foram selecionadas por preencherem os critérios estabelecidos de pertencerem a dois contextos sociais distintos e de estarem em duas fases do ciclo de desenvolvimento familiar.

O contexto social das famílias foi caracterizado segundo o grau de riqueza (indicado para este propósito por uma inter-relação de fatores como ocupação, educação e nível de renda dos casais como também das respectivas famílias de orientação), e segundo a fase do ciclo em que se encontrasse a família pesquisada, uma vez que tais fatores, além de possibilitarem a definição do meio social da família, constituem, em seu conjunto, indicadores das condições de vida das pessoas. Não foi estabelecido nenhum critério rígido em termos de níveis exatos de renda familiar por ter sido constatado, por ocasião das primeiras entrevistas, que a simples menção de tal ítem acarretava uma certa reserva por parte do pesquisado comprometendo o desenrolar da entrevista e o consequente relacionamento pesquisado/pesquisador. Optou-se, portanto, por níveis estimativos de renda, considerando-se como família de pobre a que estivesse numa faixa não superior a cinco salários mínimos e como família de rico a que estivesse numa faixa de renda não inferior a vinte e cinco salários mínimos.

Seria considerada família de pobre aquela que tivesse preponderância de membros engajados em atividades manuais não especializadas, semi-especializadas e especializadas, que apresentassem nível educacional variando do analfabetismo ao 2º ciclo e que estivessem numa faixa de renda não superior a cinco salários mínimos.

Seria considerada família de rico aquela com membros engajados em atividades não manuais por conta própria ou não; que apresentassem nível educacional variando do 1º ciclo ao superior e que estivessem numa faixa de renda não inferior a vinte e cinco salários mínimos.

As famílias foram ainda estudadas em cada contexto, segundo se encontrassem no estágio inicial do ciclo de desenvolvi

mento [3], ou seja, "a família de jovem", isto é, casais com filhos menores de oito anos; e famílias no estágio final do ciclo de desenvolvimento, "a família de velho", ou seja, casais com filhos casados ou filhos adultos separados da unidade de orientação, por serem consideradas tais fases, respectivamente como tempo de gastos altos devido à formação e crescimento da família; quanto de maior estabilidade financeira decorrente da dispersão dos filhos, da retração familiar e dos anos de trabalho dos pais.

Tal procedimento possibilitou-nos observar tanto a diferença quanto a semelhança no padrão de ajuda entre os diferentes estágios do ciclo de desenvolvimento familiar quanto entre contextos sociais distintos.

Foi realizado um estudo de campo, por um período de três meses, utilizando como recurso fundamental da coleta de dados, entrevistas em profundidade e alguma observação quando a situação o permitiu.

Foi feita uma tentativa de gravação das entrevistas, mas esse recurso mostrou-se ineficaz no presente estudo por provocar uma certa reserva nos entrevistados dos dois contextos sociais, como das duas fases do ciclo de desenvolvimento. Assim, por esta razão e, também a pedido dos entrevistados, especialmente os do contexto mais rico, que alegavam que o fato de saberem que a conversa estava sendo gravada provocava um rompimento do clima de informalidade necessária para um tal tipo de entrevista sobre assuntos familiares, tal procedimento não foi utilizado, mas notas foram tomadas.

As entrevistas, realizadas nos lares, foram conduzidas de maneira bastante informal. Começava por uma conversa casual, seguida de uma explicação dos propósitos da pesquisa. Geralmente dizíamos estarmos interessados em saber se essas relações eram ou não significantes no dia a dia da família e que gostaríamos de entrevistar marido e mulher separadamente, a fim de obter respostas independentes que precisariam melhor o significado das relações de parentesco e de amizade para a família como um todo.

Foi feita uma média de quatro visitas por lar.

Foi utilizado um único roteiro de entrevista, com perguntas de cunho geral e específico que, além de servir como guia de orientação para o pesquisador, permitisse a flexibilidade necessária para ser adaptado à pessoa que estava sendo entrevistada.

O roteiro abrangia sete tópicos de caráter geral. O primeiro consistia na descrição da composição da unidade doméstica procurando obter informações sobre sexo, idade, tipo de relação com a pessoa entrevistada, status conjugal, nível educacional, duração de trabalho e ocupação dos membros residentes, como também sobre a propriedade do imóvel residencial, responsabilidade e execução de serviços domésticos, pagamentos, compras, cuidado de crianças, doentes etc...

Geralmente, era feita, neste ítem, menção de ajuda recebida de filhos, pais, irmãos, parentes, vizinhos etc... tal menção era, via de regra, aproveitada pela entrevistadora para saber se a ajuda era retribuida. Se não hovesse referência a ajuda externa, fazíamos uma pergunta específica sobre este aspecto.

O segundo, terceiro e quarto tópicos centravam-se nas relações de ego com filhos, pais e irmãos respectivamente, que não moravam na mesma unidade doméstica que o entrevistado. Perguntava-se sobre sexo, idade, status conjugal, ocupação, local de residência, última vez que encontrou-se ou manteve contato com o parente: através de telefone, carta; local de encontro etc... uma vez que essas perguntas nos forneciam dados importantes para a análise do relacionamento ego-filho, ego-pai, ego-irmãos; como também contribuiam, da mesma forma que no 1º tópico, para que ego desse informações espontâneas sobre tipo de contato, preferências, ajudas etc...

Perguntas específicas eram ainda feitas sobre ajuda dada a e recebida desses parentes, quando as informações nesse ponto não eram consideradas suficientes.

O quinto ítem referia-se a parentes, que não os filhos,

pais e irmãos que não fizessem parte da mesma unidade doméstica que ego.

Antes de começarmos o estudo de campo, tínhamos em mente obter do entrevistado informações detalhadas acêrca do conhecimento de parentes, a fim de precisar a profundidade dos conhecimentos genealógicos de residentes urbanos em dois contextos sociais distintos. Mas, por ocasião das primeiras entrevistas, ficou bem claro que os entrevistados, independente do grau de riqueza e do estágio do ciclo doméstico, não se mostravam dispostos a fornecer tal tipo de informação. Segundo eles próprios, era mais interessante e muito menos cansativo falar sobre aqueles parentes com os quais mantinham relações constantes do que sobre aqueles parentes dos quais sabiam a existência, mantinham algum contato esporádico, ou mesmo nenhum, e que a seu ver, não representavam nada para eles.

As informações contidas neste tópico foram conseguidas pedindo-se ao entrevistado que citasse parentes, excluindo filhos, pais e irmãos, com os quais mantivesse algum tipo de relacionamento que julgasse significante [4]. Foram conseguidas informações detalhadas sobre idade, sexo, status conjugal etc... através do mesmo procedimento utilizado nos ítens dois, três e quatro. No final deste ítem era feita uma pergunta específica visando saber do entrevistado porque certos parentes eram mais chegados a ele do que outros. Esta questão mostrou-se muito útil por fazer o entrevistado precisar melhor inclusive por meio de exemplos, o conteudo do seu relacionamento com determinados parentes e vice-versa.

O sexto tópico cobria as relações com amigos. Procurava-se obter informações detalhadas sobre com quais amigos o entrevistado mantinha um relacionamento mais intenso; local de encontro, que amigo o visitou ultimamente em casa, ajuda dada e recebida de amigos etc... No final deste ítem pedia-se ao entrevistado que definisse amigo e conhecido; uma vez que fazia-se necessário precisar o significado preciso do termo amigo pelo entrevistado.

As informações conseguidas neste tópico foram muito elucidativas para uma caracterização da amizade segundo o sexo, estágio do ciclo de desenvolvimento familiar e grau de riqueza do entrevistado.

O último tópico versava sobre recreação. Perguntávamos ao entrevistado o que costumava fazer nos fins de semana e feriados. Muita informação concernente à recreação já havia sido conseguida nos ítens precedentes; mas este tópico, considerado a parte, mostrou-se útil porque além de fazer o entrevistado precisar melhor o contato com filhos, pais, irmãos, parentes e amigos nesses dias, possibilitou uma verificação da influência das variáveis consideradas nessas relações.

Durante as entrevistas foi tomado cuidado especial com a utilização da palavra "ajuda", que usada sem especificação, como ajuda doméstica, ajuda moral etc... tinha na maioria dos casos, conotação de ajuda financeira para os entrevistados de um modo geral.

Observações foram feitas no desenrolar das entrevistas, tornando-se mais produtivas se, por acaso aparecessem ou telefonassem filhos, netos, pais, parentes, amigos etc...

Esta técnica mostrou-se mais eficaz entre as famílias menos ricas, uma vez que, por não saberem ao certo o dia e hora da vinda da entrevistadora, eram geralmente encontradas nas suas tarefas habituais; ao passo que no contexto mais rico, por a família marcar dia e hora da entrevista, a observação ficava condicionada ao aparecimento ou telefonema casual de filhos, pais, parentes, amigos etc...

No término do estudo de campo foi feita observação participante neste último contexto, por ter sido a entrevistadora convidada e comparecido a um reveillon e comemoração de aniversário em casa de uma das famílias pesquisadas.

Os dados conseguidos foram analisados nos capítulos que seguem, segundo o grau de riqueza, estágio do ciclo de desenvolvimento familiar e sexo do entrevistado.

Devido ao método utilizado no presente estudo, nenhuma tentativa foi feita para produzir afirmações genéricas sobre o significado e conteudo das relações de parentesco e de amizade da família recifense. As interpretações contidas neste estudo devem ser lidas como hipóteses sugerindo padrões significantes nos comportamentos de parentesco e de amizade em condições urbanas e, também, como diferenças entre comportamento de diferentes categorias de residentes urbanos.

NOTAS

1. Essas pessoas que estabeleceram os contatos constituiram fonte de dados adicionais servindo,ora para complementar, ora para checar informações dadas pelas famílias.
2. Essa técnica de contactar informantes foi também usada por Leeds,A. (1956:386), que interpretou o sucesso com ela obtido como uma das melhores evidências de significação de laços pessoais na sociedade brasileira. Seria o sucesso obtido por Bott,E. (1976) também considerado, por Leeds, como evidência da significação de laços pessoais na sociedade inglesa? Discordamos em parte da interpretação de Leeds com respeito ao sucesso da técnica utilizada, pois esta parece ser altamente eficaz, independente de estágio de sociedade, no estudo do funcionamento das estruturas informais (relações de parentesco, amizade, cliques) suplementares às instituições da sociedade.
3. Segundo Aldous,J. (1978:85) nenhuma classificação de estágios é completamente satisfatória por constituirem, tais classificações, guias utilizados pelo pesquisador para análise de mudanças no desenvolvimento da família que sejam de seu interesse. De acôrdo com os objetivos do presente estudo foi levado em consideração na demarcação do estágio que chamamos de família de jovem : a existência, na mesma unidade domésti

ca, de filhos menores de oito anos dependentes economica e afetivamente dos pais. E do estágio que chamamos de família de velho: a existência de filhos casados ou separados da unidade de orientação.

4. Decidi deixar o sentido de parente, amigo "significativo" a critério do informante. Ele que decidisse quem era significativo de acordo com seus objetivos.
Assim procedi por acreditar que tal decisão, por não impor categorias por mim pré-concebidas, facilitaria uma melhor apreensão do significado e conteudo das relações de parentesco e de amizade segundo o grau de riqueza, fase do ciclo doméstico e sexo do informante.

AS FAMÍLIAS

As oito famílias estudadas como sendo quatro pobres e quatro ricas [1] foram assim classificadas de acordo com a ocupação, nível educacional e nível de renda dos casais, como também das respectivas famílias de orientação e procriação segundo o estágio do ciclo de desenvolvimento familiar em que se encontrava a família pesquisada.

Características gerais dos quatro casais pobres

Os casais tinham em comum o fato de serem de origem rural e de terem vindo para a cidade adolescentes e/ou nos primeiros anos da vida de casado em busca de perspectivas de vida mais promissoras tanto para si quanto para os membros da família de orientação que ficaram no interior.

No que toca à ocupação, tanto os homens quanto as mulheres, se vindos adolescentes para a cidade, tinham em comum o fato de terem exercido a ocupação de empregado doméstico, contribuindo com parte do salário para a manutenção da família de orientação, sendo que para os homens, essa profissão foi exercida por um período de tempo relativamente breve, período esse caracterizado por eles próprios como de adaptação à cidade e de economia por não pagar casa e comida; ao passo que as mulheres exerceram essa ocupação até o casamento, ou mesmo depois se a situação financeira da família o exigisse. Presentemente os maridos exercem, ou exerceu num caso pois está agora aposentado, ati

vidades manuais especializadas e semi-especializadas em indústrias isto é, atividades cujo desempenho é, de um modo geral adquirido no processo de produção, requerendo a atividade manual especializada um maior aprendizado do que a semi-especializada.

As mulheres exercem atividades domésticas como cozinhar, lavar, passar etc... centradas no próprio lar, ou no de outrem, constituindo-se nesse caso numa atividade remunerada, ou ainda exercem atividade manual especializada, por conta própria, no lar, lado a lado com o desempenho dos afazeres domésticos.

Quanto ao nível educacional, os casais apresentavam níveis variando do analfabetismo ao 1º ciclo completo, apresentando as mulheres níveis inferiores e, ou iguais ao dos homens.

Características gerais dos quatro casais ricos

Os casais tinham em comum a origem urbana e o fato de terem residido com os membros das respectivas famílias de orientação até o casamento (com exceção de um informante que saiu de casa com 18 anos por incompatibilidade de gênio com o pai e madrasta). Todos os quatro casais classificados nesta categoria tinham ainda em comum o fato de terem dois ou mais empregados domésticos encarregados do serviço da casa.

Quanto à ocupação, os homens exercem atividades não manuais qualificadas, atividades essas relacionadas, principalmente a um alto nível de escolaridade, e, num caso à propriedade dos meios de produção; enquanto que as mulheres, além das ocupações centradas na administração do lar, duas delas exercem atividades não manuais especializadas fora do lar, atividade relacionada num caso a um alto nível de escolaridade e, no outro, à amizade e confiança com o proprietário dos meios de produção.

Quanto ao nível educacional os casais apresentaram níveis variando do 1º ciclo completo ao curso superior, tendo as mulheres níveis inferiores ou iguais ao dos homens.

As famílias foram ainda estudadas segundo o estágio do ciclo de desenvolvimento familiar em que se encontravam.

Características gerais das quatro famílias no estágio inicial do ciclo de desenvolvimento familiar

As quatro famílias classificadas como pertencentes ao estágio inicial do ciclo de desenvolvimento familiar foram assim consideradas por terem filhos menores de oito anos residentes numa mesma unidade doméstica.

Características gerais das quatro famílias no estágio final do ciclo de desenvolvimento familiar

As quatro famílias classificadas como pertencentes a esta fase do ciclo de desenvolvimento familiar foram assim consideradas por terem filhos casados ou separados da unidade de orientação.

Características das famílias pobres no início do ciclo de desenvolvimento familiar

As famílias nesse contexto e nesse estágio do ciclo tinham em comum o fato de seus membros adultos serem de origem rural e de terem migrado para a cidade, adolescentes, em busca de melhores condições de vida tanto para si quanto para a família de orientação e ainda por viver, atualmente, a maior parte dos membros de suas famílias de orientação (exceção de um informante) no interior.

Os casais estudados moram juntamente com os filhos e parentes solteiros jovens, membros da família de orientação do marido e, ou da mulher, em casas própria, num caso, e alugada noutro (em vias de comprar) situadas em áreas relativamente homogêneas, sendo essa homogeneidade decorrente do tipo e custo da moradia.

No que toca à ocupação e nível educacional os membros masculinos estudados e os membros consanguíneos e afins das respectivas famílias de orientação exerciam tanto atividades manuais especializadas quanto não especializadas e apresentavam nível educacional variando do analfabetismo ao 1º ciclo completo, sendo predominante entre os membros masculinos residentes

na cidade, atividade manual especializada (geralmente em indústrias) e nível de escolaridade mais alto do que os residentes no interior.

Quanto à ocupação dos membros femininos dessas famí - lias, faz-se necessário uma distinção segundo o estado civil. As mulheres casadas, independente de residirem no interior ou na cidade, exercem atividades domésticas centradas no lar, só trabalhando fora para outros (que não a sua família) se a situação financeira da família exigir; ao passo que as solteiras residentes na cidade exercem atividade manual especializada em indústria, ou a profissão de empregada doméstica.

No que toca ao nível educacional, os membros femininos apresentaram níveis variando do analfabetismo ao 2º ciclo completo, não havendo diferença entre campo e cidade, e sim entre mulheres mais velhas e mais novas de uma mesma geração; apre - sentando estas últimas níveis mais altos que as primeiras.

Os diagramas 1a e 1b mostra, cada um, a composição do grupo doméstico [2] do casal pobre no estágio inicial do ciclo de desenvolvimento familiar, bem como os membros componentes de sua família de orientação, dando ênfase à distância genealógi - ca, tipo de ocupação, nível educacional, distância geográfica residencial [3].

Características das famílias pobres no estágio final do ciclo de desenvolvimento familiar

As famílias nesse contexto e nesse estágio do ciclo apresentavam em comum a origem rural e migrante de seus membros e também o fato de terem, atualmente, os pais já falecidos, e a maior parte dos membros das respectivas famílias de orientação (irmãos) e de procriação morando na cidade (com exceção de um informante).

Os casais moram juntamente com os filhos solteiros em casas próprias, sendo uma de propriedade do casal e a outra cedida por membro da família de procriação, situadas em locais em que o custo e tipo da moradia contribuem para uma relativa semelhança da vizinhança.

No que toca à ocupação e nível educacional, os membros masculinos pesquisados (ego das duas famílias) e os consanguíneos e afins das respectivas famílias de orientação (irmãos e cunhados) exerciam de um modo geral atividades manuais especializadas, não especializadas e atividades não manuais, sendo preponderante a manual especializada entre os consanguíneos, e apresentaram nível educacional variando do analfabetismo ao 2º ciclo completo, sendo este último nível referente aos afins.

Quanto à ocupação, os membros femininos, todos casados, exerciam na sua totalidade, atividades domésticas centradas no lar e em alguns casos manual especializada por conta própria , no lar, lado a lado com os encargos domésticos. No que toca ao nível educacional, as mulheres apresentaram níveis variando do analfabetismo ao 1º ciclo incompleto.

No que toca à ocupação e nível educacional dos membros masculinos consanguíneos e afins das famílias de procriação dos casais pesquisados, eles exerciam atividades não manuais por conta própria, e atividades manuais especializadas e apresentaram níveis de escolaridade variando do 1º ciclo incompleto ao 2º ciclo completo.

Quanto aos membros femininos consanguíneos e afins da família de procriação dos casais pesquisados, elas exerciam, independente de estado civil, atividade não manual qualificada e, ou atividades domésticas centradas no lar. Nos casos estudados são as que não têm filhos e que têm maior nível de escolaridade que se encontram engajadas na força de trabalho exercendo atividade não manual qualificada.

Quanto ao nível de escolaridade, os membros femininos das famílias de procriação apresentaram níveis variando do 1º ciclo incompleto ao 2º ciclo completo.

Os membros das famílias de procriação, em seu conjunto, apresentaram nível de escolaridade superior ao das respectivas famílias de orientação.

Os diagramas 2a e 2b mostra, cada um, a composição do grupo doméstico do casal pobre no estágio final do ciclo de

desenvolvimento familiar, bem como os membros componentes das respectivas famílias de orientação e procriação, dando ênfase à distância genealógica, tipo de ocupação, nível educacional, distância geográfica residencial.

Características das famílias ricas no estágio inicial do ciclo de desenvolvimento familiar

As famílias nesse contexto e nesse estágio do ciclo tinham em comum a origem urbana de seus membros, como também de suas respectivas famílias de orientação.

Os casais estudados moravam juntamente com os filhos e três empregados domésticos em casas, dadas pelos pais/sogros, situadas em áreas altamente valorizadas na cidade do Recife.

No que toca à ocupação, os membros masculinos estudados e os membros consanguíneos e afins das respectivas famílias de orientação exerciam atividades não-manuais qualificadas por conta própria ou não, e apresentavam nível educacional variando do 2ºciclo completo ao superior.

Os membros masculinos pesquisados e os consanguíneos e afins da mesma geração, apresentaram níveis de escolaridade igual ou superior em seu conjunto à geração mais velha.

No que toca à ocupação, os membros femininos pesquisados e os membros femininos consanguíneos e afins das respectivas famílias de orientação, exerciam atividade não manual qualificada fora do âmbito doméstico e, ou atividade centrada na administração do lar, sendo predominante entre os membros da geração estudada os dois tipos de atividade simultâneamente, pois o fato de trabalhar fora não livra a mulher das tarefas da administração do lar.

Nesse contexto e nesse estágio do ciclo foi notada uma correlação entre grau educacional superior e engajamento da mulher casada com filhos pequenos na força de trabalho. Talvez isto se deva à existência de trabalho doméstico remunerado, neste contexto, ao contrário do que ocorre no contexto pobre, onde a mulher casada que trabalha fora fica sujeita à boa vontade de familiares ou vizinhos.

Em seu conjunto os casais estudados e os membros consanguíneos e afins da mesma geração apresentaram níveis iguais ou superiores aos alcançados pelos pais/sogros, mas superiores aos alcançados pelas mães/sogras.

Os diagramas 3a e 3b mostram, cada um, a unidade doméstica do casal rico no estágio inicial do ciclo de desenvolvimento familiar, bem como os membros componentes de sua respectiva família de orientação enfatizando os mesmos ítens que nos diagramas precedentes.

Características das famílias ricas no estágio final do ciclo de desenvolvimento familiar

As famílias nesse contexto e nesse estágio do ciclo tinham em comum a origem urbana de seus membros, como também de suas respectivas famílias de procriação.

Os casais estudados nesse contexto e nessa fase do ciclo, apresentavam em comum o fato de terem os pais já falecidos e de serem os membros femininos originários de centros urbanos noutros Estados, tendo portanto a maior parte de seus parentes de orientação (irmãos) morando nos respectivos lugares de origem.

Os casais pesquisados moravam sós ou juntamente com os filhos solteiros e, num caso com uma filha desquitada e neta , em casas próprias situadas em locais altamente valorizados na cidade do Recife, locais esses em que o custo e tipo das moradias contribuem para uma relativa homogeneidade dos habitantes.

Ambas as famílias tinham empregados domésticos encarregados dos afazeres do lar.

No que toca à ocupação e nível educacional, os membros masculinos pesquisados e os membros consanguíneos e afins das respectivas famílias de orientação (irmãos e cunhados) exerciam atividades não manuais qualificadas por conta própria, ou não, e apresentavam nível educacional variando do 1º ciclo completo ao superior.

No que toca à ocupação e nível educacional os membros femininos pesquisados e os membros consanguíneos e afins das res

pectivas famílias de orientação exerciam atividades não manuais qualificadas e, ou atividades centradas na administração do lar, sendo preponderante o 2º tipo de atividade, principalmente entre as casadas com filhos em casa.

Quanto ao nível educacional, variava do 1º ao 2º ciclo completo.

No que toca à ocupação e nível educacional dos membros masculinos afins das respectivas famílias de procriação,estes exerciam atividades não manuais especializadas por conta própria ou não e apresentavam nível educacional superior, sendo portanto igual ou superior ao da família de orientação.

No que se refere à ocupação e nível educacional dos membros femininos consanguíneos das respectivas famílias de procriação, estas exerciam atividades não manuais por conta própria ou não, estudantes e ainda atividades centradas na administração do lar, sendo predominante o último tipo de atividade principalmente entre as casadas com filhos. A aparente contradição dessa afirmação sobre as casadas com filhos neste estágio do ciclo, e no outro acima descrito, talvez se deva ao fato de as casadas com filhos pequenos neste estágio do ciclo serem mais jovens que as do ciclo anteriormente descrito, e de serem ainda estudantes,

Quanto ao nível educacional elas apresentavam níveis variando do 2º ciclo completo ao superior, apresentando portanto níveis iguais ou superiores aos alcançados pelas mulheres da geração anterior.

Em seu conjunto, os membros das famílias de procriação , consanguíneos e afins apresentaram nível educacional igual ou inferior ao alcançado pelo pai/sogro, mas superior ao apresentado pela mãe/sogra.

Os digramas 4a e 4b mostram, cada um a unidade doméstica do casal rico no estágio final do ciclo de desenvolvimento familiar, bem como os membros componentes das respectivas famílias de orientação e procriação segundo as distâncias pré-especificadas e tipo de ocupação.

Sumário

Em suma vimos que as famílias de pobre, no presente estudo, são constituidas de migrantes vindos adolescentes, ou logo nos primeiros anos de vida de casado, para a cidade em busca de melhores condições de vida tanto para si quanto para os membros da família de orientação que ficaram no lugar de origem.

Foi ressaltada a importância da ocupação de empregado doméstico para ambos os sexos, como meio de adaptação e contato com o meio urbano, especialmente para os que não tinham membros da família de orientação na cidade, apresentando os sexos diferença no tempo permanecido neste tipo de profissão. Para os homens aparece como um tempo relativamente curto, ao passo que para as mulheres, estas permanecem nesta ocupação até o casamento ou união, ou mesmo depois se a situação financeira da famí - lia o exigir.

Não foi investigado, no presente estudo, o por que da ocorrência dessa diferenciação por sexo na duração do exercí - cio da profissão de empregado doméstico. Se a explicação está, como justificaram meus informantes masculinos por terem ido para outras profissões, no maior ganho oferecido por outros tipos de ocupação, tal fato só contribuiria para motivar a mulher a deixar a profissão de empregado doméstico por outras de maiores ganhos, uma vez que nesse tipo de família, tanto o homem quanto a mulher solteiros devem contribuir para a manutenção da família de orientação. Seria o meio urbano responsável pela motivação diferente entre os sexos no que concerne à ocupação provocando, desse modo, uma discriminação sexual da mulher por conservá-la numa ocupação tida como não valorizada? Ou o meio urbano só tornaria mais evidente uma situação já existente? São necessá - rios estudos que iluminem as relações entre os sexos e a posição de cada um deles perante a família e a sociedade maior.

Quanto às famílias de rico, estas na presente pesquisa, apresentavam em comum, ao contrário das famílias de pobre, a origem urbana de seus membros, como o fato da permanência dos filhos na casa paterna até a criação, por estes, de novas famílias.

Esse fenômeno da permanência prolongada dos filhos na casa paterna gera diferenças organizacionais entre os dois tipos de família sob estudo, que podem ser ilustradas justapondo-se esses dois tipos de organização de unidade doméstica nos extremos de um contínuo econômico [4]. Ou seja, para a família de rico, a casa paterna, ou melhor, a unidade de orientação, constitui um ponto focal tanto econômico quanto social para os membros familiares. A casa, simbolizando o poder economico e social dos pais, neste tipo de família, exerce uma força centrípeta em relação à geração mais jovem; ou seja, esse tipo de força se reflete na permanência no lar e na dependência econômica e social dos filhos até idade relativamente tardia. Ou como disse Aldous,J. et al. (1979:249) "neste tipo de família a geração mais velha, tendo os recursos, encoraja a geração mais jovem a identificar-se com eles, adquirindo, portanto esta última os valores educacionais e ocupacionais da geração mais velha".

O contrário ocorre com a casa numa família de pobre; a força por ela exercida é do tipo que chamaríamos centrífuga, refletida no abandono cedo do lar pelos filhos a fim de aliviar o fardo econômico da unidade de orientação, mas filhos esses que mesmo de longe, contribuem para a manutenção da casa, aumentando a renda dos que ficaram com parte ou mesmo a totalidade de seus ganhos. E, segundo Aldous,J. et al. (1979:249) neste tipo de família, onde faltam recursos à geração mais velha, os filhos serão grandemente dependentes de seus próprios esforços para ter nível educacional necessário para exercer ocupações de mais prestígio e ganhos que a geração mais velha.

Essas diferenças além de refletirem possibilidades distintas de organização de vida familiar, aclaram certos tipos de obrigação e relações daí decorrentes como por exemplo: o fato da família de jovem pobre se estender horizontalmente pela incorporação de membros jovens solteiros da família de orientação de um dos componentes do casal; e, também do fato da família velha rica se estender verticalmente pela incorporação de membros femininos, vítimas de uniões desfeitas, pertencentes à família de pro-

criação do casal. Embora esses dados estejam em concordância com os reportados por Iutaka,S. et al. (1975:45-6) é importante frisar que, devido ao pouco número de casos estudados, torna-se imprescindível a realização de estudos mais profundos que estabeleçam a possível correlação existente entre diferentes possibilidades de organização da vida doméstica e determinados tipos de obrigação e relacionamento familiares.

No que toca aos sexos, vemos que independente de pertencerem a família de pobre ou de rico os homens apresentaram nível educacional igual ou superior ao alcançado pelas mulheres e, no que diz respeito à ocupação, foi notada uma diversificação nesta, tanto entre as gerações quanto entre os meios rural e urbano para os homens, ao passo que para as mulheres, mesmo se engajadas na força de trabalho, elas são as únicas responsáveis pela execução e, ou administração do serviço doméstico, tendo assim a mesma ocupação que suas mães e avós.

Esse fato parece sugerir que o envolvimento ocupacional da mulher em ambos os contextos não vai de encontro ao papel tradicional doméstico feminino, mas pode, inclusive reforçá-lo, visto que a mulher que trabalha fora depende, para a execução das tarefas domésticas, do trabalho doméstico pago, feminino por sinal, ou então da boa vontade de parentas, amigas e vizinhas.

Tem razão Morgan,D.H. (1975:85) quando diz que a liberação da mulher parece requerer algo bem mais profundo do que o seu simples engajamento na força de trabalho, mesmo que seja a níveis altamente profissionais.

A abordagem das famílias sob os aspectos interrelacionados de graus de riqueza, fases do ciclo doméstico e sexo mostra-se bastante fecunda e necessária por além de ligar o estudo do parentesco a outros aspectos da vida em família, como por exemplo iluminando os significados dados às categorias de sexo e idade tanto no contexto familiar quanto na sociedade maior; possibilita ainda o estabelecimento da correlação possivelmente existente entre diferentes possibilidades de organização da vida doméstica e determinados tipos de obrigações e relações familiares quanto à verificação da importância da variação de fases do ciclo

doméstico e sexo na significação e no conteudo das relações de parentesco e de amizade de famílias pobres e ricas. Esse último ponto é o que propomos fazer detalhadamente nos capítulos seguintes.

Notas

1. A divisão das famílias em pobre e rica são categorias empíricas, usadas para facilitar a classificação e análise dos dados; não correspondem e nem pretendem corresponder a algum conceito específico de classe social.
2. O conceito de grupo doméstico está sendo usado no sentido empregado por Roberto C. de Oliveira em seu artigo "Grupo Doméstico, Família e Parentesco: Idéias Para Uma Pesquisa em Antropologia Social", Antropologia, 19 (5):6, Rio de Janeiro 1961. Ou seja o grupo doméstico abrange todo o grupo residencial, incluindo a família elementar ou extensa e os agregados.
3. Distância genealógica: distância biológica real ou fictícia, usada para classificar um grupo de pessoas em relação a um indivíduo específico.
   Distância geográfica residencial: local de moradia. Aparece codificada nos diagramas como: mesmo bairro que o informante, mesma cidade, mesmo estado, outro estado, outro país.
4. Esse modelo foi desenvolvido por Löfgren,O. (1980:93-4) na comparação entre unidades domésticas camponesas escandinavas.

OS PARENTES E OS AMIGOS

Neste capítulo examinaremos a significação das relações de parentesco e de amizade para os casais tentando explicar esses relacionamentos em termos de graus de riqueza, estágios do ciclo de desenvolvimento familiar e sexo do entrevistado.

1. Os Parentes: Seletividade X Obrigação

Segundo Firth (1956) uma das características mais salientes do sistema de parentesco ocidental é a natureza permissiva de suas regras e o consequente alto grau de variação no comportamento de parentes, inclusive com referência à mesma categoria de parentes.

O conjunto socialmente significante de parentes [1] de um indivíduo, isto é parentes com os quais o indivíduo interage, é altamente dependente de seletividade pessoal [2], mas, essa flexibilidade de escolha tem certos limites. Geralmente não se excluem do conjunto considerado socialmente significante os membros das famílias de orientação e de procriação. Nesses relacionamentos há um forte sentido de obrigação que sobrepuja considerações de gostos pessoais, distâncias geográficas e, ou sociais. Esse sentimento de obrigação com relação à essas categorias de parentes pode ser facilmente constatado a partir de informações colhidas durante a pesquisa de campo. Por exemplo:

"Eu não dou ajuda aos meus tios porque eles têm os filhos para trabalhar para eles".

O mesmo informante disse com referência a um dos irmãos:

"Eu pago o aluguel de ..., porque ele não tem emprego certo, vive de bico, tem muito filho e é mais pobre do que os outros".

A diferença entre a relação de irmão e a de outros parentes foi ainda citada por diversos informantes:

"Sentimento de parente e de irmão são diferentes, pois o sentimento de irmão, isto é, a ligação de irmão é muito mais forte".

Ou ainda: "Eu conto mais com meus irmãos do que com meus parentes". E mais: "Quando vou para minha cidade natal, só fico em casa de parentes, se meus irmãos, por qualquer motivo, não possam me receber."

Ou ainda em relação a pais e filhos:

"Eu só dou ajuda material a meus filhos".

"Filho sem pai e sem mãe não é nada. Pais ajudam muito e em tudo".

E entre filhos:

"Meu filho sempre me ajuda financeiramente, e a minha filha, graças a Deus, não há necessidade".

A partir desses exemplos pode-se constatar a conotação de obrigação na essência do relacionamento com membros das famílias de orientação e de procriação, independente de outros fatores.

Com isto não quero dizer que as pessoas só sintam obrigações com essas categorias de parentes, ou que sintam de maneira uniforme com todos os membros classificados nessa categoria, mas que considerações de gosto pessoal, distância social e geográfica são bem menos propensas a confundir esse sentido de obrigação existente nas relações entre membros das famílias de orientação e procriação do que na relação com outras categorias de parentes. Este fato é bem ilustrado por um dos pesquisados que disse que a razão de preferirmos determinados parentes a outros é justamente o condicionamento.

"A gente é condicionado a gostar e conviver mais com certos parentes que com outros, como por exemplo: com pais e irmãos mais do que com primos".

Outro fator que ilustra a noção de obrigação no relacionamento com certos parentes é a justificativa por não mantê lo. Um informante justificou-se por ter abandonado a casa do pai e por não querer aproximação com o mesmo. O mesmo informante justificou-se por não frequentar a casa da irmã e nem ela a sua. Em ambos os casos o informante alegou incompatibilidade de gênio, com o pai e com o cunhado, como justificativa.

Apesar da obrigação ser idealmente a essência das relações com parentes, sendo esta obrigação maior quanto mais próximo, genealogicamente falando, for o parentesco, critérios seletivos são usados para distinguir quais membros do universo de parentesco são considerados socialmente significantes para o indivíduo.

Foi pedido aos 16 entrevistados, ou seja, aos oito casais, individualmente, que citassem parentes, além dos pais, irmãos e filhos, com os quais mantivessem ou tivessem mantido algum tipo de relacionamento que julgassem significantes. A tabela I mostra a quantidade e relação dos parentes citados segundo o grau de riqueza, estágio do ciclo doméstico e sexo dos oito casais.

Se usássemos a tipologia desenvolvida por Adams (1971: 191) [3], baseada na ênfase dada no interesse do pesquisado pelos diversos tipos de parentes; na classificação de nossos respondentes, poderíamos dizer que os homens, independente do grau de riqueza e estágio do ciclo de desenvolvimento familiar seriam caracterizados entre familistas nucleares e familistas de membros de família de orientação. E as mulheres, por sua vez, também seriam caracterizadas nesta última maneira, ou seja familistas de membros da família de orientação, distinguindo-se aqui as ricas no estágio final do ciclo doméstico por serem caracterizadas como familisticamente orientadas para parentes mais distantes.

Na tentativa de buscar um padrão de critérios de seleção usado pelos casais no que diz respeito ao contato diverso com

parentes resolvemos, dando prosseguimento à análise dos dados, considerar esses relacionamentos segundo as distâncias genealógica, geográfica, tanto residencial quanto no trabalho e estudos, profissional e de comunicação [4] uma vez que, idealmente, as pessoas têm as mesmas obrigações relativas às mesmas categorias de parentes, independente de contatos e proximidades residencial, ocupacional e, também pelo fato, como mostrou Woortman (1975) de essas distâncias serem operativas no sentido de qualificar as relações de parentesco: quanto maior a distância genealógica menor a obrigação, quanto maior a distância de comunicação, menos íntimo tende a ser o relacionamento. Segundo esse mesmo autor (1975:164) a distância genealógica ou de sangue é o único tipo de distância que é um princípio de parentesco, e que assim foi explicitamente formulada por seus informantes, como pelos meus, constituindo-se as outras distâncias em fatores circunstanciais que influenciam as relações de parentesco. Essas relações são, portanto, o resultado do princípio genealógico e desses outros fatores, e pode facilmente inferir-se que há várias combinações possíveis.

Seguindo esta orientação de Woortman, decidimos analisar os relacionamentos de parentesco dos casais em termos das distâncias, correlacionando as combinações encontradas com graus de riqueza, estágio do ciclo doméstico e sexo do entrevistado.

Os diagramas 1a, 1b; 2a,2b; 3a,3b; 4a,4b mostram o relacionamento dos casais com os parentes por eles citados segundo as distâncias genealógica, geográfica residencial e no trabalho, profissional e de comunicação.

1.1. Família de pobre - interação dos casais jovens e dos casais velhos com parentes. (diagramas 1a,1b; 2a,2b)

No capítulo precedente mostramos que as famílias de pobre estudadas nesta pesquisa são constituidas de migrantes tendo, tanto parentes residentes nos respectivos locais de origem quanto na cidade grande, e que, dependendo do estágio do ciclo de desenvolvimento familiar, os casais teriam mais ou menos membros da família de orientação morando na cidade que no interior.

Em ambos os casos proximidade genealógica associada a uma proximidade geográfica anterior e, atualmente no trabalho e na residência parecem ser os fatores essenciais na manutenção desses relacionamentos dos casais, independente de estágio do ciclo doméstico, neste grau de riqueza.

No que toca à interação dos casais com os parentes citados residentes no interior, os dados mostram que a distância geográfica operou para uma diminuição no relacionamento dos casais com esses parentes, mas esse relacionamento apesar de reduzido, não foi extinto por completo. Ele permanece latente, condicionado por e reforçado pela presença, no caso das famílias jovens, dos pais desses casais no interior. A permanência de pais no interior, principalmente da mãe, age como elemento de ligação entre o casal e o restante dos parentes, em sua maioria membros da família de orientação, que moram na mesma localidade; ligação essa tornada mais forte pela existência da mãe no interior, reforçada por irmãos solteiros residentes com o casal, na cidade. A mãe, no interior, e o irmão solteiro que faz parte da mesma unidade doméstica que o casal, constituem o verdadeiro elo de ligação entre o pai e outros parentes no interior e o casal na cidade; e é através principalmente desses dois elementos, a mãe vindo à cidade e o irmão indo ao campo que ajuda financeira, notícias fluem da cidade para o campo e que notícias e presentes em forma de alimento fluem do campo para a cidade.

O mesmo processo, porém menor em intensidade, ocorre com a família de velho, que ao contrário da família de jovem tem, na presente pesquisa, a maior parte dos membros da família de orientação (irmãos, neste caso) residentes na mesma cidade, tendo no local de origem apenas alguns parentes mais distantes. A distância geográfica residencial aliada à distância genealógica operaram para uma diminuição no relacionamento dos casais com esses parentes, mas relacionamentos esses que, apesar de reduzidos, não foram extintos, permanecendo latentes, condicionado a passeios, hospedagens, visitas e notícias pelos parentes da cidade aos do interior e vice-versa, especialmente se

houve proximidade geográfica residencial por longo tempo entre as partes envolvidas.

Quanto ao relacionamento com parentes residentes na cidade, a seletividade parece estar (independente de sexo e do estágio do ciclo doméstico do entrevistado) na proximidade genealógica, reforçada pelo fato de terem morado próximos por tempo relativamente longo no interior. Assim para a família de pobre, a proximidade genealógica e a proximidade física espacial constituem os fatores ou critérios seletivos que puderam ser inferidos a partir dos parentes citados pelos casais entrevistados. Mas, neste contexto vale ressaltar, a proximidade física espacial precisa ser qualificada uma vez que esta se apresenta diferente segundo o sexo do entrevistado. Deste modo, para os homens, se engajados na força de trabalho, a proximidade física além de se referir ao fator residencial, diz respeito ao ambiente fora do lar, tanto no setor de trabalho, como nas associações de que esses informantes fazem parte, como escola de samba, peladas, etc... Na opinião dos meus entrevistados masculinos, independente de estarem ou não engajados na força de trabalho, a proximidade e o convívio são os fatores que os unem aos parentes citados. Para minhas informantes do sexo feminino, independente de estarem ou não engajadas na força de trabalho, e para o entrevistado do sexo masculino aposentado, a proximidade física, tendo unicamente conotação residencial tanto anterior quanto atualmente aliada a proximidade genelaógica, parece constituir os fatores chaves na seleção dos parentes. Para essas mulheres, a ajuda doméstica dispensada em cozinhar, lavar, tomar conta de crianças etc... e moral na forma de conselhos são os que as unem a esses parentes.

1.2. Família de rico: interação dos casais jovens e dos casais velhos com parentes. (diagramas 3a,3b ; 4a,4b)

Como mostramos no capítulo anterior, as famílias classificadas neste contexto tinham em comum a origem urbana de seus membros quanto de suas respectivas famílias de orientação e, ou procriação, conforme o estágio do ciclo de desenvolvimento

familiar em que estivessem classificadas.

As famílias consideradas como no estágio final do ciclo doméstico tinham ainda em comum o fato de as mulheres serem originárias de outros centros urbanos que não aquele onde residem atualmente, tendo lá a maior parte de seus parentes , sendo estes tanto membros da família de orientação (irmãos nesse caso) quanto outras categorias mais distantes, genealógicamente falando, de parentes.

Nestas famílias de rico, de acordo com os dados conseguidos, a interação com parentes parece ser resultante da proximidade genealógica reforçada pela proximidade geográfica residencial tanto anterior por longo tempo quanto atual; pela proximidade física no setor trabalho e estudos e ainda pela proximidade profissional.

Proximidade genealógica, como foi dito para a família de pobre, constitui o arcabouço, ou melhor a estrutura dos relacionamentos dos casais com seus parentes, devido à forte conotação de obrigação inerente a estes tipos de relações, ou no dizer de um informante, devido ao condicionamento cultural a que é submetido o indivíduo com respeito a certos parentes em detrimento de outros.

Mas, como dissemos anteriormente, a proximidade genealógica por si só não constitui base suficiente para continuidade de laços sociais entre parentes.

Se olharmos os diagramas correspondentes a estas famílias vemos que a maior parte dos parentes citados pelas famí - lias são membros da família de orientação dos pais e, ou de procriação dos irmãos dos casais, parentes esses que moram ou moraram por muitos anos na mesma localidade que o entrevistado, frequentaram os mesmos colégios, universidades, comparecem aos mesmos clubes etc...

A proximidade geográfica residencial aparece, como para a família de pobre, como um fator importante na manutenção e intensidade de laços com parentes. No caso específico das mulheres no estágio final do ciclo que, pelo casamento, migraram pa-

ra outras cidades, ficando longe dos parentes, a distância geográfica não parece ter alterado, como na família de pobre, o relacionamento com os mesmos. A frequencia do contato face a face sim, mas não o conteudo desse relacionamento, pois telefonemas, cartas, visitas, notícias, hospedagens, ajudas diversa fluem de um estado para outro e vice-versa.

Em suma, pode-se inferir dos dados coletados que a seletividade de parentes nestas famílias, independente de sexo e estágio do ciclo de desenvolvimento familiar está condicionada à proximidade genealógica do informante bem como de sua família de orientação e ou procriação, sendo esse fator reforçado pela longa proximidade física tanto residencial anterior quanto atualmente, como no setor de estudos e trabalho.

Vale salientar que, como para o contexto pobre, a proximidade geográfica apresenta-se diferente segundo o sexo do pesquisado. Significa como para os homens da família de pobre, além da longa proximidade residencial anterior, trabalho no mesmo local. Com relação ainda ao setor trabalho, há uma característica frequente neste contexto, ou seja, proximidade profissional, isto é mesma profissão ou similar, independente de local de trabalho. Podemos exemplificar esse tipo de proximidade pelo caso, dentre outros, dos dois irmãos, advogados com especialidade em ramos diferentes, trabalhando em locais distintos, mas que trocam muitas informações profissionais.

Para as mulheres da família de rico, como para suas congêneres pobres, a proximidade geográfica é no sentido residencial; mas para as primeiras a proximidade geográfica pode significar ainda frequencia anteriormente aos mesmos colégios, principalmente entre as mulheres próximas cronologicamente.

Para as famílias de rico, independente de sexo e do estágio do ciclo doméstico, os mesmos costumes, a aproximação, a convivência e uma melhor identifiação daí decorrente são os elementos que os unem aos parentes citados.

1.3. Seletividade na família de pobre e na família de rico; na família de jovem e na família de velho.

Em suma vemos que a seletividade no que concerne à interação de todas as oito famílias estudadas com seus parentes é o resultado de dois fatores que se reforçam e se apresentam interdependentes no presente estudo: proximidade genealógica e proximidade geográfica.

A classificação dos respondentes segundo a tipologia de Adams (1971:191) baseada no interesse do indivíduo pelos diversos tipos de parentes só vem confirmar o que dissemos acima acerca da importância da proximidade genealógica e geográfica na organização dos relacionamentos. Pois a maioria dos parentes citados são membros da família de orientação e / ou procriação do indivíduo quanto da de seus pais e irmãos, parentes esses que em algum tempo relativamente longo moraram juntos ou perto; foram criados juntos; partilham, ou melhor, têm um passado em comum. Como disseram meus respondentes: "A razão da seleção desses parentes, foi em termos da longa convivência, da intimidade e dos mesmos costumes".

Essa característica das relações entre parentes ou seja, permanência e durabilidade dos laços foi a mesma utilizada por Litwak e Szelenyi (1971:158) na diferenciação de parentes, amigos e vizinhos, inclusive com implicações no tipo de ajuda prestado e esperado (correspondente a cada um desses grupos primários) como veremos no capítulo seguinte.

É válido salientar que a interação dos casais com parentes (se examinada sob o ângulo dos diferentes graus de riqueza e estágios do ciclo doméstico em que foram classificados) não mostrou diferenças dignas de nota. Tanto a proximidade genealógica reforçada pela proximidade geográfica residencial por longo tempo, continuam como os fatores básicos organizadores dessas interações em cada um dos graus de riqueza sob estudo, quanto nos dois ciclos domésticos considerados. É no que diz respeito ao sexo e à participação do homem na força de trabalho que as diferenças no critério de seleção de parentes aparecem. Proximidade no trabalho (no sentido espacial ou geográfico, profissional e em associações informais) surge como fator de peso, somado aos outros dois já mencionados no critério de seleção de parentes ,

adotado por respondentes masculinos. Quanto às respondentes femininas, independente de estarem ou não engajadas na força de trabalho e os de sexo masculino afastados dessa força (os aposentados) seus relacionamentos são condicionados pela proximidade geográfica residencial e genealógica. Essa distinção no critério de seleção adotado sugere a existência de dois mundos: o mundo da rua, esfera onde o homem ativo ou produtivo passa a maior parte disponível de seu tempo e de onde tira seu poder e prestígio social e o mundo do lar, local restrito à casa e cercanias, onde estão a mulher e o aposentado tidos como meros consumidores, mas sendo considerados produtivos em potencial, ou melhor uma mão de obra de reserva para quando se fizer necessário.

2. Os Amigos

"A ligação de amigos é totalmente diferente da de parentes. Enquanto esta última é condicionada, a primeira é livre e escolhida".

"Amigo é o parente não imposto".

Estas definições de amizade dadas por alguns de meus respondentes, mostram o caráter adquirido desses laços, ao contrário dos existentes entre parentes. Mas, nem todos os meus informantes pensam assim. Para esses:

"Amigo ... são as pessoas chegadas à gente como as irmãs".

Wolf (1966:10-3) distingue dois tipos de amizade. A amizade expressiva, que envolve uma relação entre um ego e um alter na qual cada um satisfaz alguma necessidade emocional no outro. E, a amizade instrumental, considerada pelo indivíduo como um elemento de ligação com outras pessoas fora da díade por visar uma série inespecífica de realizações de assistência mútua.

A amizade pode ser classificada em termos de graus de relacionamento entre amigos. Um dos meus respondentes falando sobre seus amigos, ilustrou bem a gradação existente com diversos tipos de amigos. "Eu tenho três tipos de amigos. Os amigos de

momento que são os companheiros de trabalho; se eu for traba - lhar noutro canto a amizade se acaba. Os amigos que duram mais que os de momento: que são os amigos de pescaria. A gente pesca junto. Os amigos de verdade que é o caso do meu amigo que tem uma oficina. Outro dia ele deixou eu consertar o carro de outro amigo meu na sua oficina usando seus instrumentos. Esse amigo, que é amigo de verdade me ajudou a fazer um favor para um outro amigo meu que ele nem conhece".

Outro informante acentuou o papel mutável da amizade nos diversos estágios da vida do indivíduo. Segundo ele: "Nós temos uma gama de amigos. À medida que a gente evolui a gente perde alguns e ganha novos. Eu tenho muita amizade agora com gente moça, amigos de meus filhos, com amigos de trabalho. Certos conhecidos meus da minha juventude, e que já fo - ram meus amigos, parece que pararam no tempo, não tiveram o cuidade e a sabedoria de evoluir, procurar novas coisas, novas razões de vida".

Como a palavra amigo pode significar coisas muito diferentes para diversas pessoas e, também,por estarmos interessados em verificar a extensão que grau de riqueza, estágio do ciclo doméstico e sexo tinham no sentido utilizado pelos casais entrevistados, pedimos aos oito casais, individualmente, que citassem os melhores amigos, ou seja, aqueles com os quais julgassem manter um relacionamento intenso e que definissem amigo e conhecido [5].

Os dados foram analisados segundo o mesmo procedimen - to usado em relação à seleção de parentes, ou seja, em termos de distância, uma vez que queríamos estabelecer o fator, ou fatores organizacionais desses relacionamentos, segundo as variáveis estabelecidas.

2.1. Família de pobre: interação do casal jovem e do casal velho com amigos. (tabela II)

Na parte referente à interação dos casais pobres com seus parentes, salientamos "proximidade geográfica" como um dos fatores organizadores desses relacionamentos. No que con-

cerne ao critério, inferido dos dados, utilizado pelos casais na seleção de amigos, a proximidade geográfica aparece nova - mente como a base desses relacionamentos mas reforçada ; pela prestação recíproca de ajuda. Mas, como no caso dos parentes, essa proximidade geográfica necessita qualificação por sexo e pelo fato do engajamento ou não do respondente masculino na força de trabalho. Assim, para os homens, independente de estágio do ciclo doméstico (mas se engajados na força de traba - lho) a amizade está condicionada: à proximidade física espacial no trabalho anteriormente por longo tempo e, ou atual; pela participação em associações como escolas de samba; em peladas entre indivíduos do mesmo sexo. Para as mulheres (independente de participarem ou não da força de trabalho) e para o velho pobre aposentado, a amizade está condicionada à proximidade geográfica do tipo residencial entre indivíduos do mesmo sexo; no caso específico das mulheres, a proximidade geográfica residencial é acrescida ainda da proximidade genealógica.

Independente de sexo e estágio do ciclo doméstico, a prestação recíprpca de ajuda aparece como requisito essencial da relação de amizade, sendo que o conteudo desse requisito, ou troca, parece seguir o mesmo padrão cultural vigente de diferenciação de papéis sexuais, não intervindo o engajamento ou não do homem na força de trabalho, na diferenciação deste conteudo.

Para os homens, o amigo é aquele que se pode contar com ele na hora necessária e faz coisa que nem parente pode fazer. Para esses informantes a amizade é arranjo de dinheiro na necessidade; é apoio tanto moral quanto material na esfera não familiar. Ou seja, os amigos dos membros masculinos da família de pobre são do mesmo sexo, trabalharam ou trabalham juntos, partilham interesses comuns e se ajudam no setor não do - méstico. O conhecido, só cumprimenta, não tem interesse comum.

Para as mulheres a amizade é confiança, lealdade, ou seja, são pessoas próximas tanto genealogicamente quanto resi - dencialmente como as irmãs e, na falta dessas, as vizinhas que se ajudam mutuamente nas tarefas domésticas. As conhecidas

aqui, foram definidas como pessoas distantes, que elas, as respondentes, apenas conhecem.

2.2 Família de rico: interação do casal jovem e do casal velho com amigos. (tabela III)

No que concerne ao critério seletivo usado pelas famílias de rico no estabelecimento e manutenção de relações de amizade, a proximidade geográfica tanto residencial quanto nos estudos e no trabalho por tempo relativamente longo; como também a proximidade profissional, parecem ser os fatores preponderantes no estabelecimento e manutenção do relacionamento dos casais com seus amigos.

Faz-se aqui uma distinção entre os pesquisados originários e os não originários da cidade onde residem atualmente, uma vez que os primeiros, por terem nascido e se criado onde vivem atualmente, têm aqui, toda uma gama de parentes, amigos e conhecidos de longa data. Ao contrário dos últimos que migraram para o local onde hoje residem, pelo casamento, deixando lá parentes e velhos amigos e conhecidos.

No que concerne ao 1º tipo, os dados mostram que o relacionamento dos casais com seus amigos torna-se mais intenso se é reforçado pelo laço genealógico afim [6] resultante neste contexto de:

a) União com parente da amiga (uma das informantes disse ter casado com o irmão de sua melhor amiga, e que a conhece desde os tempos da escola, pois estudaram juntas).

b) União do amigo com parente e união do amigo com contraparente [7] (um dos respondentes citou como seus dois melhores amigos os maridos de suas primas, maridos estes que estudaram juntamente com o informante e que têm a mesma profissão hoje, independente de trabalharem em locais diferentes; outro informante citou seus melhores amigos como aqueles que estudaram e trabalham junto com ele; por coincidência, ou não, dois dos três amigos citados são casados com contraparentes seus, ou seja, um é casado com a sobrinha da sua cunhada, e o outro com uma prima de sua mulher).

c) União de parente com amigo do marido (uma das mulheres disse que o relacionamento com essa sua prima tornou-se bem mais intenso depois que ela casou-se com um amigo do marido da informante).

Para as mulheres não originárias da cidade onde atualmente residem, o fator organizador da amizade são os respectivos maridos, ou seja, as mulheres citaram como suas melhores amigas as esposas de amigos do marido, com quem criaram laços de parentesco fictícios. Uma informante citou como suas melhores amigas as esposas dos amigos do marido, a quem suas filhas chamam de tia e a um amigo do marido que casou com uma amiga sua de longa data originária da mesma cidade que a informante, e que as filhas chamam de vovô e tia. Outra informante além de citar a irmã também aqui residente, mendionou a esposa do amigo do marido, que é sua comadre, madrinha de uma de suas filhas.

Também no contexto rico a prestação recíproca de ajuda, ou seja, a troca , aparece como essência das relações de amizade.

Todos respondentes foram unânimes em definir a amizade como uma relação recíproca equilibrada entre iguais, ou no dizer de um informante: "A amizade é como uma conta corrente em que há sempre saldo positivo para as partes envolvidas. Há sempre um saldo, um equilíbrio, pois quando um tira o outro repõe e vice-versa". Assim, vemos que a reciprocidade equilibrada é uma condição inerente da relação de amizade. Mas, essa reciprocidade, ou troca, apresenta-se, como no contexto pobre, distinta segundo o sexo do informante, seguindo desta maneira a diferenciação vigente dos sexos, ou seja: para os homens da família de rico, como foi dito para os da família de pobre, a amizade é relacionamento íntimo, caracterizada pela confiança nesse relacionamento para efeito de ajuda de caráter tanto moral quanto material. Isto é bem verdade quando se vê que os amigos são recrutados dentre antigos companheiros de escola que continuaram juntos através da universidade e mais tarde na vida profissional. O amigo representa, portanto, confiança, união e apoio mútuo em qualquer situação. Ao conhecido, por outro lado, falta a confiança mútua, sendo considerado um relacionamento superfial sem substância.

Para as mulheres da família de rico, a amizade representa também confiança, caracterizada pela certeza da ajuda , principalmente de cunho moral, traduzida na integração total na vida da outra. Para as respondentes originárias da mesma cidade onde residem atualmente, as amigas são quase como pessoas da família ao passo que para as originárias de outros locais, as amigas são os parentes escolhidos por afinidade para compensar a falta dos parentes consanguíneos que ficaram na terra natal.

Mas, para ambos os tipos de respondentes femininos, as amigas citadas são do mesmo sexo e por coincidência, ou não , esposas dos amigos dos respectivos maridos. Uma informante disse que sempre se deu com sua prima, mas que o relacionamento entre elas tornou-se bem mais intenso e estreito depois que a prima casou-se com um amigo do marido da informante, sendo hoje sua melhor amiga. Conhecido, para essas entrevistadas , já não é amigo, pois não há confiança e nem atividade comum. É uma relação num plano superficial, é só bate-papo.

2.3. Interação com amigos na família de pobre e na família de rico; na família de jovem e na família de velho.

Resumindo, vimos que os fatores chaves no que concerne a interação dos casais estudados com seus amigos são, independente de graus de riqueza, estágios do ciclo doméstico e sexo: mesmo sexo do informante, proximidade geográfica e prestação recíproca de ajuda. É preciso salientar que esses fatores apresentam-se interdependentes no presente estudo, uma vez que nenhum fator isoladamente justificaria a intensidade de interação com amigos.

A análise dos amigos citados pelos casais, individualmente, mostrou que as relações de amizade se resumem, independente de graus de riqueza e estágios do ciclo doméstico, a relações recíprocas entre pessoas do mesmo sexo e mesmo status sócio-economico. Apesar de este último fator não aparecer explicitamente nos dados, ele está implícito nos outros dois fatores organizadores da relação de amizade, ou seja: na proximidade

geográfica e na prestação recíproca de ajuda.

Uma análise da proximidade geográfica segundo os diferentes graus de riqueza considerados, mostra que no contexto pobre, onde os respondentes são de origem migrante, ela pode significar, dependendo do sexo e do engajamento do informante masculino na força de trabalho, respectivamente, proximidade espacial no trabalho ou, e, em associações informais, ou proximidade residencial.

Ao passo que no contexto rico, com informantes residentes no núcleo onde nasceram e se criaram, a proximidade geográfica representa frequencia aos mesmos colégios, universidades, clubes, festas, práias, além da proximidade espacial no trabalho ou ainda da proximidade profissional para os respondentes de sexo masculino.

É interessante notar que neste contexto os amigos tornaram-se parentes por afinidade. Esse fato, ou coincidência, lembra o que Woortman (1975:177-8) achou em uma comunidade camponesa estagnada do Recôncavo, onde o casamento ocorria geralmente na categoria dos aparentados, que aí significava todos os habitantes da comunidade que não tinham laços conhecidos entre si. Talvez possa-se dizer, em termos do presente estudo, que os amigos no contexto rico são parentes em potencial.

Quanto à interação com amigos a família de jovem e a família de velho não mostraram diferenças dignas de nota. Em ambas a variação na interação com amigos seguia o mesmo padrão descrito para as famílias de pobre e de rico.

Mas, é na abordagem da amizade como prestação recíproca de ajuda que o fator status sócio-economico como seletor ou vetor das relações entre amigos torna-se mais claro uma vez que a relação de amizade, como foi definida por meus respondentes, exige para sua manutenção uma troca do tipo descrito por Sahlins (1974:194) como equilibrada. Este tipo de reciprocidade caracteriza-se por um dar e receber entre partes iguais dentro de um período de tempo finito. O aspecto material da troca é tão importante quanto o social e tem que haver um cômputo mais ou menos preciso para se obter o equilíbrio. As relações são rom -

pidas quando uma das partes aproveita-se claramente da outra.

Segundo os dados, os amigos são os que mantêm contato constante, têm a mesma situação de classe e partilham interes ses comuns. De acôrdo ainda com os dados coletados o signifi cado da amizade para os casais individualemtne não mostrou va riância digna de nota segundo os diferentes graus de riqueza e estágios do ciclo doméstico sob estudo.

Mas, tomando por base a definição dada pelos casais, individualmente, de amigo e conhecido, foi-nos possível detec tar diferenças no significado da amizade segundo o sexo do res pondente.

Assim, para os homens, o significado da amizade aproxi mar-se-ia do tipo descrito por Wolf (1966:12) como instrumen - tal muitas vezes fundindo-se em cliques, ou seja, a amizade é considerada pelo indivíduo como um elemento de ligação com ou- tras pessoas fora da díade, por visar uma série inespecífica de realizações de assistência mútua. Como bem ilustra um dos respondentes que disse que seu amigo de verdade é aquele que , deixando usar o material de sua oficina, ajudou-o a fazer um fa vor para um outro amigo, o qual o dono da oficina nem conhecia. Ou ainda segundo outro informante: "Meus amigos e eu estudamos juntos, temos a mesma profissão e trabalhamos no mesmo local. Somos muito unidos, estamos sempre juntos e nos apoiamos em qual quer circunstância".

Para as mulheres, o significado da amizade aproximar-se- ia mais do tipo descrito por Wolf (1966:11-2)como expressiva ou emocional, ou seja, uma vez que o acesso das mulheres aos recur- sos é grandemente fornecido por grupos solidários onde estão in- seridas como parentes, vizinhos e o próprio marido, a relação de amizade visa prover escape às pressões da vida diária. Como bem disse uma informante: "Amizade é confiança, é lealdade, é inte- gração total na vida da outra".

Esse significado distinto da amizade segundo os sexos vem apenas reforçar o que foi dito anteriormente acerca da exis- tência de dois mundos, o mundo da rua e o mundo do lar; mas com

uma ressalva aqui concernente ao aposentado pobre. Como a amizade, como foi definida pelos respondentes, requer relações que são culturalmente definidas entre pessoas do mesmo sexo, o aposentado, pelo menos, teoricamente, está no mundo da rua.

É interessante notar que na esfera feminina e do aposentado, ou usando nossa tipologia, no mundo do lar, a fronteira entre parente / amigo; amigo / vizinho aparece como algo arbitrário ou mesmo forçado, confirmando o que disse Litwak e szelenyi (1971:156) " Não há razão por que esses grupos primários não possam se sobrepor - amigos podem ser vizinhos e parentes ao mesmo tempo. Há sim, pressão da sociedade industrial para que estes grupos se separem".

3. Parentes e amigos: Contextos interacionais homogêneos.

Nas primeiras duas partes deste capítulo discutimos a natureza e significado dos laços de parentesco e de amizade para os casais, como também buscamos um padrão de seletividade usado pelos casais individualmente, na interação com parentes e com amigos. Nesta seção analisaremos esses critérios de seleção de parentes em contraste com os de amigo procurando daí extrair o significado e essência de ambos os laços para os informantes.

Segundo Parsons (1971) e Firth (1956) dentre outros, as relações entre parentes são altamente variáveis no contexto urbano. Mas, essa flexibilidade de relacionamento com parentes, como também na interação com amigos têm limites precisos.

No tocante a parentes, geralmente não se excluem os membros da família de orientação e de procriação do grupo de interação do indivíduo. Na essência desses relacionamentos há um forte sentido de obrigação que sobrepuja considerações de gosto pessoal e de distâncias geográfica, social etc... o que faz com que tais laços apresentem-se institucionalizados.

Assim, proximidade genealógica aliada a proximidade geográfica residencial por tempo relativamente longo, representando um passado e origem comuns para os indivíduos, constituem os fatores essenciais usados na seleção e interação dos casais com

parentes. A essência da proximidade genealógica, definida pela forte noção de obrigação é considerada pelos respondentes como o divisor entre parentes e amigos. "Enquanto a relação entre parentes é condicionada, a entre amigos é livre e escolhida", disse um informante.

Mas, a seleção e a consequente relação entre amigos não é tão livre quanto possa parecer a esse informante, pois além da relação de amizade se dá dentro de limites bem precisos, ela tem em sua essência uma forte conotação de confiança, que se expressa pela troca recíproca entre iguais.

Assim, por a relação de amizade exigir este tipo de troca equilibrada é que se escolhe para amigo pessoas que tenham interesses e experiências similares; ou seja, geralmente o amigo escolhido é do mesmo sexo, mesmo status conjugal e principalmente do mesmo status sócio-economico.

Proximidade geográfica e prestação recíproca de ajuda aparecem como os fatores seletores de amigos por mostrarem que: trabalhando no mesmo local ou tendo trabalhado por um certo tempo, ou ainda em profissão similar; morando na mesma vizinhança, enfim tendo características comuns de classe no tocante à ocupação e renda; tais fatores contribuem para a formação de laços solidários.

Deste modo, os laços solidários de amizade como os de parentesco constituem recursos que podem ser usados seletivamente dentro de limites, sendo que o primeiro por não se fundar em obrigações como o parentesco, mas sim na troca recíproca entre iguais, daria maior âmbito de ação ao indivíduo por lhe por a disposição vários canais de acesso a recursos.

Mas, é imprescindível reconhecer aqui a natureza homogênea de ambos os contextos interacionais. Tanto as relações dos casais com amigos como com parentes apresentam-se homogêneas em termos de características sócio-culturais [8]; resultando daí o fato do indivíduo estar bem integrado em grupos sociais homogêneos que lhe dão gratificação pessoal em forma de prestígio, poder etc... e, segundo Ramu (1977:154-5) é a importância dessa gratificação pessoal para o respondente que reforça a necessida

de de aderir firmemente a valores familiares e de classe.

Notas

1. Parentes está sendo usado segundo a definição de Schneider, D. em "What's Kinship All About" in Priscilla Reining (ed) Kinship Studies in the Morgan Centennial Year. The Anthro - pological Soc. of Washington, D. C. 1972:41. Dois elementos definem a pessoa como parente: 1) uma substância biogenética partilhada e 2) um código de conduta, ou seja solidariedade. Segundo Schneider esses dois elementos combinados produzem três categorias de parentes. Quando os dois ele - mentos ocorrem juntos a categoria de parente consangüíneo é formada. Quando apenas o elemento código de conduta ocorre sem a substância biogenética, a categoria de parente afim é formada. E quando a substância biogenética está presente só, a categoria de parente em natureza está formada.
2. Seletividade: o conceito de seletividade está sendo usado no sentido empregado por Woortman em Marginal Men and Dominant Womem: Kinship and Sex Roles Among the Bahian Poor . Harvard University, Cambridge, Massachusetts, 1975:172. Consiste em cada indivíduo incluir ou excluir de sua família certos parentes tendo por base razões pessoais..
3. A tipologia de Adams encontra-se mais especificada na introdução desta tese, pag.7
4. Distância genealógica: distância biológica real ou fictícia, usada para classificar um grupo de pessoas em relação a um indivíduo específico.
   Distância geográfica residencial: local de moradia. Aparece codificada nos diagramas como: mesmo bairro que o informante, mesma cidade, mesmo estado, outro estado, outro país.
   Distância geográfica no trabalho: mesmo local de trabalho, ou diferente. Profissões num mesmo local de trabalho encontram-se sublinhadas nos diagramas

Distância profissional: mesma profissão ou similar, independente de local de trabalho.

Distância de comunicação: entendida como um encontro com outra pessoa, encontro esse que envolva mais do que uma troca de cumprimentos casuais. Codificadas como dia, semana, mes, ano, mais de ano nos diagramas.

5. Geralmente as pessoas têm um número grande de amigos, mas apenas alguns melhores amigos. Assim, resolvemos centrar nossa atenção nesses últimos uma vez que era de nosso interesse ver os critérios usados pelo entrevistado na seleção dos melhores amigos.
6. Convém notar que os informantes não foram explícitos no que concerne esse reforço genealógico afim no seu relacionamento com parentes e amigos. As informações acima foram inferidas dos dados. Os respondentes apenas disseram que seus melhores amigos eram os que tinham estudado juntos e tinham a mesma profissão.
7. Contraparente: termo usado por um dos respondentes para se referir a parente afim.
8. Com "características sócio-culturais" nos referimos as mesmas utilizadas na especificação das famílias em pobre e rica.

AS TROCAS

Neste capítulo analisaremos o conteudo das relações de parentesco e de amizade em termos das vantagens e desvantagens que o indivíduo tem por manter esses relacionamentos com parentes e com amigos.

Evidências empíricas decorrentes de estudos de parentesco e de amizade acentuam a natureza e função desses relacionamentos para as pessoas neles envolvidas: ajuda mútua, visitação, troca de bens, serviço (Sussman e Burchinal,1966; Litwak e Szelenyi,1971; Gordon e Noll,1975). A troca recíproca como conteudo do relacionamento efetivo entre parentes e entre amigos é bem ilustrada por meus informantes, como por exemplo nessas duas definições dadas sobre amigo:

"Amigo é a pessoa que a gente tem confiança. Uma confiança que ele tenha em você e você nele. São unidos, enfrentam problemas juntos e se apoiam".

"Amigo, eu entendo como uma troca. Há entre os dois uma espécie de conta corrente em que há sempre saldo disponível para ambas as partes".

Ou ainda de uma mulher falando do seu relacionamento chegado com sua irmã:

"Eu sou muito chegada a minha irmã mais velha e ela a mim. Ela mandou a filha dela morar aqui em casa para fazer o serviço e olhar pelos meninos para eu poder ir trabalhar. Eu

botei a menina para estudar de noite e pago o estudo dela. Minha irmã ficou muito satisfeita porque a filha está estudando e eu também porque posso trabalhar descansada, sabendo que tem gente em casa".

E de uma informante a respeito de uma amiga sua.

"Esse meu trabalho eu devo a uma amiga minha. Quando minhas filhas casaram eu fiquei sem saber como encher meu tempo, então ela disse está precisando de uma pessoa de confiança para o lugar de gerente do laboratório. Ela me chamou e eu aceitei. Ela me prestou uma grande ajuda porque eu agora tenho meu tempo ocupado, e eu a ela por ter agora uma pessoa de confiança no laboratório".

Os exemplos acima mostram também que a retribuição na troca não precisa ser do mesmo tipo recebido, e que não é, necessariamente, dirigida à mesma pessoa que iniciou.

Sussman e Burchinal (1966:127-8) estudando as atividades principais das redes de parentesco em contexto urbano identificaram essas atividades como: ajuda financeira, bens e serviços. Segundo esses autores, a troca de ajuda entre famílias corre em várias direções, de pais para filhos e vice-versa, entre irmãos e menos frequentemente entre parentes mais distantes. Eles encontraram ainda em suas pesquisas que a maior parte da ajuda finaneeira corria de pais para filhos. Mas, como foi mostrado posteriormente (Lee, 1979) essa generalização constitui mais uma caracterização de classe média que de classe pobre, uma vez que nesta classe ocorria justamente o contrário do descrito para a primeira.

Um dos meus pesquisados pobre no estágio final do ciclo de desenvolvimento familiar, por exemplo, reportou receber substancial ajuda financeira de seu filho, além de morar numa casa cedida por este.

Com isto não quero dizer que só no contexto pobre a ajuda financeira flua de filhos para pais, apesar desse fato fazer, como mostrou Lee (1979), um certo sentido à luz do padrão diferencial de salários durante o ciclo de vida nos dois contextos ;

mas que o fator importante na determinação da direção do fluxo de ajuda financeira é o que Adams (Lee,1979) chamou de mobilidade ocupacional geracional, ou seja ocupação do filho numa categoria mais alta do que a do pai ou o contrário. Esse autor encontrou em suas pesquisas que quando o status do filho era mais baixo do que o do pai, o fluxo de ajuda financeira de pai para filho tendia a ser acentuado, mas que quando o inverso ocorria, a troca de filho para pai tendia a ser mais equilibrada.

Um dos homens do contexto rico na fase final do ciclo de vida, ilustra, apesar de não explicitamente, a importância do fator descrito por Adams, ou seja, do status socio-economico na direção e tipo de ajuda dada. Perguntado sobre qualquer tipo de ajuda dada aos filhos casados ele respondeu:

"Quando minhas filhas casaram, eu dei casas para elas morarem, só não dei a uma delas porque não foi preciso".

Esta filha que não recebeu casa, é casada com o filho de um industrial, por este motivo, provavelmente, meu informante não achou necessário lhe dar uma casa como presente de casamento.

Uma mulher, também do contexto rico, mas na fase inicial do ciclo de vida, reportou dar ajuda financeira fixa por mês ao pai, aposentado e doente, para ajudar a pagar enfermeiro e remédios. Essa mesma informante disse ter ganho do sogro uma casa como presente.

A partir desses exemplos vemos, da mesma forma que Adams, que a ajuda financeira ou em forma de bens flui de pais para filhos e de filhos para pais, dependendo do status mais alto ou mais baixo das partes envolvidas.

Entre irmãos parece ocorrer o mesmo. Um dos informantes disse pagar o aluguel da casa de seu irmão por este não ter emprego, viver de biscate, ter muito filho e ser mais pobre do que os outros.

Mas, o mesmo não ocorre em relação a outro parentes. O mesmo informante disse não dar ajuda aos tios pois estes têm os

os filhos para trabalhar para eles.

Muitos pesquisadores mostraram que a ajuda é mais provável fluir entre famílias aparentadas através de mulheres do que através de homens (Woortman,1975; Young e Willmott , 1977; Townsend, 1977). Mas essa tendência matrilateral na extensão da ajuda necessita uma certa qualificação. Bell (1971), por exemplo, chamou atenção para a importância do laço pai - filho e sogro - genro na família extensa de classe média, por ser através desse laço que a ajuda financeira flui para a família elementar, ao contrário do que ocorre na classe operária onde pai - sogro estaria raramente em posição de prestar tal tipo de ajuda financeira, o que há nesta classe é a importância do laço mãe - filha, tão citado nos estudos de família na classe operária. Assim, muito da ajuda dada por homens envolve finanças direta ou indiretamente para a casa. Ao passo que a ajuda dada e recebida pelas mulheres é mais em forma de tomar conta de crianças, serviços domésticos.

Os dados de pesquisas acima citados, apesar de se referirem expressamente a parentes, mostram que há diferenças nos tipos de ajuda segundo o grau de riqueza, fase do ciclo de desenvolvimento familiar e sexo. Com base nesses dados, nos propusemos buscar um padrão de troca em termos das variáveis mencionadas.

Os dados foram agrupados segundo a tipologia de troca utilizada por Sussman e Burchinal (1966:249) tendo sido acrescentados certos tipos de troca mencionados pelos entrevistados que por acaso não figurassem na relação abaixo, encaixando-os sob um dos três ítens [1].

I Ajuda financeira : ocasiões em que foram dadas e recebidas

a) casamento, nascimento, aniversário
b) para fins educativos
c) empréstimos a juros baixos ou a nenhum
d) doação
e) visitas e férias subsidiadas

II Bens

a) móveis dados por ocasião de casamento, ou mesmo depois
b) presentes de hospitabilidade
c) uso de casa de campo e disponibilidade de instrumentos de trabalho

III Serviços

a) emergência e crises: cuidado dos membros familiares
b) tomar conta de crianças
c) responsabilidade com netos
d) compras
e) recreação
f) decoração de casa
g) jardim
h) conserto de casa
i) empréstimo de carro

As trocas classificadas em cada ítem foram analisadas segundo a ajuda dada e recebida das diversas categorias de parentes a ego e vice-versa, e de amigos a ego e vice-versa segundo o grau de riqueza, estágio do ciclo de desenvolvimento familiar e sexo do entrevistado.

I. Trocas na família de pobre jovem e na família de pobre velha (tabelas IV, V, VI, VII)

I.1. Ajuda financeira

Apesar do conteudo deste tipo de troca ser escasso na família de pobre, ele é posto à disposição de certas categorias de parentes sob certas condições. Geralmente dinheiro é dado diretamente em espécie para o sustento de pais idosos, como no caso do informante aposentado no estágio final do ciclo doméstico que reportou receber do filho uma quantia fixa por mês para seu sustento como de sua companheira. Ou indiretamente através da moradia grátis a um membro produtivo da família de orientação, como é o caso de um dos informantes que disse não dar ajuda financeira ao pai por não poder, mas que lhe ajuda de outra maneira ,

deixando o irmão solteiro morar sem pagar em sua casa. Desta maneira o irmão fica com mais dinheiro disponível para mandar para os pais o que não ocorreria se tivesse que pagar casa e comida.

Dinheiro também circula entre irmãos, mas ao contrário da situação descrita referente aos pais, o fluxo deste tipo de troca entre irmãos se prende à ocasiões especiais, mas ocasiões essas marcadas pela necessidade urgente como:

a) doença - um dos pesquisados disse ter recebido ajuda financeira do irmão solteiro que mora na mesma unidade do - méstica que o informante, quando a filha deste esteve muito doente.

b) por ocasião do casamento - que, por marcar o início de uma nova vida, requer certos gastos que geralmente o indivíduo não pode arcar sozinho. Uma das respondentes disse ter recebido dinheiro do irmão mais velho logo que casou, pois estava começando vida nova e todo dinheiro era pouco.

c) por auxiliar o irmão a estar no mesmo nível sócio - economico dos outro parentes - uma respondente disse ter ajudado, ela e o marido, financeiramente a irmã por ocasião do parto e no enxoval do bebê, por não ter essa irmã nem marido, nem quem dê.

Entre pais economicamente ativos e filhos não residentes na mesma unidade doméstica, o fluxo da ajuda financeira também se dá nas mesmas condições que entre irmãos, ou seja, em condições especiais marcadas pela necessidade, como por desemprego, casamento. Um informante reportou ter pago a reforma da casa da filha logo que esta casou. Outro disse ter sustentado o filho enquanto este estava desempregado, mas logo que arranjou emprego parou de ajudar.

Uma das características dessa ajuda entre essas categorias de parentes de pobre é, geralmente, de não ser nem constante e nem fixa, a não ser quando exigida pela força da lei, obrigado pelo juiz. Um dos homens, que ilustra esse caso reportou que, além dos três filhos que fazem parte de seu grupo domésti-

co juntamente com sua mulher, tem mais seis filhos fora. Dois de uma mulher e quatro de outra. Ele diz que sempre deu uma vez por outra um dinheirinho para os filhos, mas que no ano passado, resolveu comprar a casa em que mora, então o dinheiro não deu mais para nada. A mulher, mãe dos quatro filhos, ficou com muita raiva porque não tinha mais aquele dinheiro, e deu parte do pesquisado na justiça. Agora, todo mês, ele tem que dar um tanto fixo para o sustento dos quatro filhos. A mulher com quem o informante vive atualmente teve que ir trabalhar fora como empregada doméstica para aumentar o orçamento doméstico e ajudar no pagamento da casa, exigindo, por seu lado, que a casa comprada fique em nome dos seus três filhos.

Esse caso ilustra bem a contradição existente no que concerne ao sentido diferente de certos laços, como entre pais e filhos menores residentes em unidades domésticas diferentes, entre a sociedade maior representada pela lei e pelo juiz e o indivíduo pobre, neste caso.

Na família de pobre parentes mais distantes não entram no circuito financeiro da troca, pois o fluxo do dinheiro não atravessa além da fronteira das famílias de orientação e de procriação, a não ser por retribuição por algum serviço prestado. Como bem disse um respondente: "Eu não dou ajuda financeira a meus tios porque eles têm os filhos para trabalhar para eles". Outra informante disse que paga os estudos da sobrinha à noite, porque esta toma conta da casa durante o dia, possibilitando assim que a respondente vá trabalhar fora.

I.2. Bens

Comida é o bem mais comumente trocado quando se visitam, neste contexto, pais, filhos e irmãos.

Um dos entrevistados reportou levar comida para ajudar no almoço, quando vai passar o dia em casa de suas irmãs que moram na mesma cidade que o informante mas, num bairro distante. Geralmente ele diz levar comida, mas uma comida diferente como um pedaço de carne melhor, um peixe etc...

O fluxo de comida não se dá só dentro dos limites da mesma cidade. Comida vem também do interior para a "família de jovem" residente na cidade, através da vinda de membros da família de orientação do casal.

Ambas as famílias classificadas no início do ciclo de desenvolvimento familiar reportaram receber da mãe e, ou da irmã, macaxeira, às vezes siri, frutas da época como jaca, caju, quando estas vêm à cidade.

Não é só comida que extrapola os limites da cidade ; roupas usadas também fluem, mas num circuito inverso do descrito para a comida, isto é da cidade para o campo, ou segundo um informante "do mais remediado para o menos remediado". Segundo este homem, quando vai visitar seus primos no interior leva roupas boas, mas usadas, para eles. Esses primos ficam muito agradecidos porque são,segundo o respondente, realmente precisados.

Ao contrário da troca financeira que, neste contexto, requer uma reposição num tempo mais ou menos estipulado, e onde a amizade representa um canal seguro de acesso a esse recurso, o circuito da troca de bens ou o uso dos mesmos é circunscrita a parentes genealogicamente próximos, talvez devido à conotação de obrigação e de responsabilidade existente nessas relações em suprir certas carências. O caso do informante aposentado ilustra bem essa noção.

"Quando eu me aposentei tive que desocupar a casa da fábrica onde eu morava. Mas eu nem me aperriei procurando outro lugar, porque meu filho logo me cedeu uma casa para morar".

Um outro exemplo que mostra como normalmente as relações de amizade não entram no circuito da troca de bens é o do informante que qualificou o amigo de "amigo de verdade" porque este deixou ele usar o material de sua oficina, dando-lhe inclusive algumas peças, para proveito próprio.

Assim, torna-se bastante claro neste tipo de família , segundo os dados do presente estudo, o aspecto generalizado da troca de bens (Sahlins,1974:193) ao contrário da troca finan -

ceira que, apesar de também se apresentar como generalizada, é mais valorizada pelo homem pobre quando se apresenta do tipo equilibrada.

I.3. Serviços

Serviços realizados regularmente ou em ocasiões especiais constituem também função das redes de parentesco e de amizade.

Ajuda profissional é uma das maneiras que um filho casado tem para contribuir para a manutenção da sua unidade de orientação. Essa foi a maneira encontrada por um eletricista, casado, pai de dois filhos menores, sem condições de ajudar financeiramente sua família de orientação que vive no interior. Este informante ajudado pelo irmão, que também é eletricista, comprou o material e fez a instalação elétrica da casa do pai.

A parentes mais distantes também se presta ajuda profissional, mas sob certas condições que não são requeridas quando se presta a membros da família de orientação e/ou procriação. O mesmo informante eletricista disse ter ajudado a um primo, fazendo a instalação elétrica da casa dele sem cobrar nada, a não ser o material gasto.

Hospedagem é serviço comumente trocado entre pais e filhos que moram distante, mas não necessariamente em cidades diferentes; entre irmãos, e menos comum entre parentes não membros da família de orientação e procriação. Hospedagem é também usada entre irmãos que moram mais ou menos próximos em caso de necessidade como disputas conjugais. Um dos maridos disse ter recebido diversas vezes ajuda dos irmãos sob forma de hospedagem, toda vez que sai de casa por ter brigado com a mulher.

Mas não é só ajuda em forma de hospedagem que é trocada entre irmãos em caso de disputas conjugais, apoio e cooperação moral em forma de conselhos e informações também são amplamente trocados nesse caso e noutros que digam respeito a assuntos familiares como namoro, casamento, mudança de emprego, de casa, nascimento, doença, viagens, mortes de membros da família. A parentes também é dado apoio moral na forma de conselhos nas si-

tuações acima mencionadas, mas não com a liberdade e espontaneidade dada entre irmãos, e sim se conselhos forem requisitados direta ou indiretamente através de conversas. Uma das minhas informantes disse só dar conselhos a parentes se estes, em conversa lhe pedirem, caso contrário, não se mete.

Ajuda nas tarefas domésticas é também considerada, pelos informantes de ambos os sexos, um tipo de apoio material, valioso, em determinadas ocasiões como doença, parto, resguardo, enfim em situações caracterizadas pela ausência da responsável por estas tarefas. Vale a pena salientar que apesar de os respondentes masculinos tanto quanto os femininos receberem este tipo de ajuda de membros da família de orientação e, na falta desses, de vizinhos, a ajuda nas tarefas domésticas só é prestada por indivíduos do sexo feminino. Um dos informantes reportou receber ajuda nas tarefas domésticas da cunhada, irmã de sua mulher, enquanto sua mulher estava na maternidade. Outra respondente disse ter recebido ajuda doméstica indiretamente da irmã mais velha, pois esta irmã sabendo que a informante tinha que trabalhar fora e achava-se impossibilitada de fazê-lo por não ter com quem deixar os filhos e a casa, mandou sua filha de 13 anos para tomar conta da casa e dos filhos da respondente.

Assim, como ajuda nas tarefas domésticas é prestada por membros femininos, arranjo de emprego e de biscate é mais comumente prestado por componentes masculinos das redes de parentesco e de amizade. Arranjo de emprego e de biscate entre irmãos é usado tanto para aliviar o fardo financeiro do mais abastado , quanto para manter ou mesmo elevar o status sócio-economico da família como um todo na vizinhança.

Um dos homens reportou ter arranjado empregos na indústria em que trabalha para dois de seus irmãos. O mesmo informante fez do irmão, desempregado e que vive de biscate, o responsável pelas cobranças e depósitos bancários da escola de samba que o informante fundou.

Já entre amigos, o arranjo de emprego ou de biscate serve como um investimento seguro para tempos futuros difíceis. As relações de amizade por requerer relações recíprocas entre iguais

constitui uma alternativa, ou melhor um canal seguro de informações acerca de empregos, arranjo de emprego, quanto de bisca te para o indivíduo em tempos de necessidade.

Os respondentes masculinos, economicamente ativos, foram unânimes no reconhecimento da importância das relações de amizade neste tipo de ajuda. Como disse um respondente: " Se alguém me disser que em tal canto tem uma vaga, eu recomendo e mando logo um amigo meu".

Em suma vimos que as relações de parentesco e de amiza de são usadas pela família de pobre como campos de acesso a re cursos utilizáveis numa variedade de contextos e de ocasiões.

Uma análise das trocas, geradas pelo campo de parentes co, neste tipo de família, mostrou que estas raramente vão além das fronteiras das famílias de orientação e de procriação cons tituindo, assim, as trocas um aspecto importante tanto do relacionamento entre as gerações quanto entre indivíduos da mesma geração.

As trocas entre essas categorias de parentes,por serem regidas pela obrigação e direitos inerentes às relações genealo gicamente próximas de parentesco, caracterizam-se por serem do tipo descrito como generalizado (Sahlins, 1974:193) onde as transações são baseadas em linhas de assistência gratuita e se possível e necessário, assistência retribuida. O aspecto social da relação supera o material, ocultando-o como se não tivesse importância. Mas, é importante notar que ao mesmo tempo que essa condição inerente às relações oriundas do campo do paren - tesco, ou seja as obrigações e direitos, põem a disposição do indivíduo acesso fácil a determinados recursos, esses mesmos de veres e obrigações impedem a mobilidade individual por exigir que este ponha à disposição de parentes acesso a recursos.

O mesmo não ocorre com a amizade como campo alternativo de acesso a recursos. Como dissemos antes, por a relação de amizade ser livre das obrigações e pressões do parentesco,e,por se basear na troca recíproca entre iguais, ela constitui o mais adequado e seguro canal de acesso a certos recursos imprescindí veis à mobilidade social do indivíduo.

2. Trocas na família de rico jovem e na família de rico velha. (Tabelas IV, V, VI, VII)

2.1. Ajuda financeira

Apesar do conteudo desse tipo de troca não ser escasso como na família de pobre, ele também só flui dentro dos limites das famílias de orientação e procriação do casal. A troca financeira, neste contexto, é usada pelos membros familiares principalmente para fins de preservação ou mesmo de elevação de status sócio-economico de certos membros da família, como mostram os exemplos que seguem:

Um dos informantes disse pagar a universidade das filhas casadas e, inclusive dar uma quantia para a compra de livros. Outro informante reportou dar ao sogro, doente e aposentado, uma quantia fixa por mês para pagar enfermeiro e remédios. O mesmo informante disse ter ajudado financeiramente o cunhado, irmão de sua mulher, logo que este casou e depois, quando esteve doente.

Assim, a direção do fluxo financeiro além de seguir o movimento para baixo da escala geracional, ou seja de pais para filhos reportado por vários autores (Sussman e Burchinal,1966) para este contexto, segue também o movimento para baixo de uma escala geracional quanto sócio-economica entre parentes próximos, ou seja do pai para o filho e deste para o sogro. Noutras palavras, daquele que tem mais para aquele que tem menos.

2.2. Bens

Como foi dito com referência à ajuda financeira, a troca de bens também acha-se circunscrita às fronteiras da família de orientação e procriação, principalmente entre pais e filhos.

A troca de bens, como a financeira, é também utilizada neste contexto para a manutenção do status sócio-economico dos membros familiares.

Neste contexto contribui-se para a manutenção do status sócio-economico do parente pela oferta de presentes de valor em ocasiões específicas como por ocasião de casamento, natal, aniversário etc... como mostram os exemplos:

Um homem disse ter dado a suas filhas como presente de casamento, casa e móveis. Outro informante reportou ter recebido do pai um apartamento como presente de casamento e, depois uma casa quando seus filhos nasceram. Outra respondente disse que além do pai ter lhe dado uma casa como presente de casamento, ainda mandou construir uma piscina, no ano passado, como presente de Natal para os netos.

Mas, não é só os pais que contribuem para a manutenção do status do filho no começo de sua carreira. Filhos também contribuem da mesma maneira, porém em escala menor, para manter o status da mãe viuva, por exemplo. Um dos homens disse ter aproveitado a ocasião de Natal para dar de presente à mãe, viuva, uma geladeira nova.

Apesar desse tipo descrito de troca de bens ter sido mencionado mais por informantes masculinos, as mulheres pesquisadas também reportaram contribuir para a manutenção do status de suas filhas casadas, que não moram na mesma unidade doméstica. Assim, presenteia-se as filhas com roupas, no Natal, por ocasião de aniversários; encomenda-se o enxoval do bebê que vai nascer etc... Emprestam-se toalhas e louças de festa por ocasião de recepções, põe-se a casa paterna, por esta ser geralmente maior, à disposição das filhas para guarda de mantimentos comprados em grosso, quanto para outros objetos de uso não imediato como vestidos de lã, de gravidez, etc...

2.3. Serviços

Companhia, convívio, presença constante, apoio moral em forma de conselhos e informações que digam respeito tanto à esfera familiar quanto profissional são alguns dos serviços postos à disposição do indivíduo pelas redes de parentesco e de amizade, das quais ele faz parte, neste contexto.

Companhia, convívio, conselhos por serem membros de outra geração fluem de filhos para pais em troca da cooperação moral expressa pela experiência de vida e conselhos, dados por estes últimos neste contexto.

É importante salientar que esta cooperação moral por estar fundada em experiências de vida, apresenta-se diferente segundo o sexo do doador e do recebedor conforme mostram os exemplos que seguem

"Meus pais sempre me apoiaram; minha mãe na forma de carinho e compreensão; assim em termos de mãe para filho; já meu pai é na forma de conselhos, informações e orientações de como devo me portar e agir no mundo dos negócios. Acho que isso é assim porque ele e eu trabalhamos num negócio nosso, e que futuramente será meu e de meu filho".

Ou ainda:

"Apesar de meus pais terem me dado apoio nas diversas fases da minha vida, como segurança financeira, o de minha mãe tem sido extremamente valioso, principalmente depois que casei e tive filhos. É ela quem me faz companhia quando estou na maternidade, me orienta nos cuidados diários com as crianças, como também noutros problemas de dona de casa como lidar com empregadas ou como se virar na falta delas".

Nas relações entre irmãos como entre amigos onde essa cooperação moral também é constante, a diferenciação por sexo segue o mesmo padrão mencionado acima. Minhas informantes disseram dar e receber dos irmãos, independente de sexo, presença e companhia, mas que dão a e recebem das irmãs como das amigas muito mais, pois trocam informações concernentes à criação de filhos, educação em colégios, pediatras, questões de saude; a outras tarefas domésticas como receitas, compras e encomendas de comida, roupa, arranjo de empregada etc...e outras de caráter pessoal como cabelereiro, costureiro, massagens, cursos de pintura etc... Sendo ainda as irmãs responsáveis, na impossibilidade da mãe, pelos filhos da informante quando esta viaja.

Já um informante masculino reportou dar cooperação moral à irmã e ao irmão em assuntos familiares, questões de família como problemas de separação de marido e mulher, problemas com filhos, além de outros relativos à escolha da nova mulher por parte do irmão, principalmente quando esta mulher trabalha

para o respondente. Mas, que dá e recebe também do irmão quanto dos amigos cooperação moral sob forma de informações, orientações, enfim conselhos que dizem respeito a um melhor desempenho profissional.

Já entre parentes essa cooperação apresenta-se não diferenciada segundo o sexo, sendo dada e recebida em ocasiões específicas como por visitas por ocasião de falecimento, doença etc... Um dos homens disse ter dado muito apoio moral na forma de conselho e companhia a uma prima que ficou viuva. Mas, esse mesmo informante foi enfático em dizer que apoio a parente não se dá rotineiramente, mas só em ocasiões especiais, como no caso da viuvez de sua prima.

Mas, não é só companhia e cooperação moral que são trocadas entre indivíduos classificados neste grau de riqueza. Hospedagens com fins recreativos e ou por razões de tratamento de saude, são serviços comumente trocados entre irmãos residentes em cidades distintas, e também entre parentes, mas só ocorrendo entre estes, na ausência na cidade ou na impossibilidade de qualquer membro da família de orientação do indivíduo de hospedá-lo.

"Eu quando vou para minha terra natal só fico em casa de parentes se meus irmãos por qualquer motivo não puderem me receber", disse um informante.

Também neste contexto arranjo de emprego é uma das maneiras encontradas pela rede de parentesco para manter ou elevar o status socio-economico de seus membros. Um dos informantes classificado como no início do ciclo doméstico disse que deve a seu pai, por ser ele o dono da loja, o cargo de diretor que presentemente ocupa. Este mesmo homem reportou ter arranjado emprego e representações para três de seus cunhados, irmãos de sua mulher, que estavam desempregado,num caso,e em empregos de menor prestígio nos outros dois.

Mas não é só através de arranjo de emprego que a unidade de orientação (família) tenta manter ou mesmo elevar o status de seus filhos. No presente contexto, isto se dá através do casamento. Segundo um informante é através da frequencia a determinados clubes, a festas em casa de amigos e conversas informais

com esses últimos, que se dá sociabilidade aos filhos para que estes casem bem. A volta da filha desquitada à casa paterna e consequentemente a sua autoridade, é outra maneira de a família de orientação manter o status da filha e da família de procriação desta, como também de preservar o bom nome e moral da família uma vez que neste contexto, comumente,a saida dos filhos da casa paterna se prende ao casamento, não havendo razão de a filha continuar uma vida em separado uma vez desfeita a união.

Mas, vale salientar que nem todo arranjo de emprego visa manter ou elevar status sócio-economico do indivíduo. Entre informantes femininas no final do ciclo de desenvolvimento familiar, esta foi a maneira encontrada de amigas se ajudarem a preencher o tempo que antes era dedicado à criação e educação dos filhos. "Quando minhas filhas casaram fiquei sem saber como ocupar meu tempo. Então uma amiga minha sabendo do meu problema, me chamou para ocupar um cargo de confiança no seu laboratório", disse uma mulher.

Resumindo vimos que as relações de parentesco e de amizade são utilizadas pela família de rico como recursos que são usados seletivamente numa multiplicidade de ocasiões.

Um exame das trocas financeiras e de bens neste tipo de família mostra que estas apresentam-se diferenciadas segundo o sexo do doador e recebedor e se restringem à esfera das famílias de orientação e procriação do casal, não fluindo necessariamente da geração mais velha para a mais nova, mas também do membro mais abastado para o menos abastado, servindo essas trocas do tipo generalizado para manter ou mesmo elevar o status socio-economico de certos membros familiares.

As trocas de serviço fornecidas pela rede de parentesco que visam à preservação de status ou elevação, também se circunscrevem no âmbito das famílias de orientação e procriação.

Já a troca existente entre parentes genealogicamente mais distantes aparece não diferenciada segundo o sexo resumindo - se a visitas feitas pelos parentes em tempos específicos, onde um sentido de obrigação moral compele o indivíduo a prestar o serviço apropriado à ocasião.

Quanto às trocas decorrentes das relações de amizade por estas serem por definição do tipo equilibrada e por ocorrer entre indivíduos que partilham interesses comuns, apresentam-se, neste contexto, diferenciadas segundo o sexo dos envolvidos na troca, constituindo assim, a amizade, um campo alternativo de apoio e convívio para o indivíduo da família de rico tanto velho quanto jovem.

3. Relações de parentesco e de amizade: campos alternativos de acesso a recursos para a família de pobre e para a família de rico.

Com base nos dados da presente pesquisa podemos dizer que as relações de parentesco e de amizade constituem recursos que são usados seletivamente pelo casal pobre quanto pelo rico numa variedade de contextos e ocasiões.

Uma análise das trocas postas à disposição do indivíduo pelo campo do parentesco mostra que estas, por visarem à preservação ou mesmo elevação de status sócio-economico de seus membros, se circunscrevem aos limites das famílias de orientação e procriação do indivíduo fluindo de pais para filhos e vice-versa, e entre irmãos constituindo assim um aspecto importante das relações entre gerações diferentes quanto entre indivíduos da mesma geração.

Estas trocas por ocorrerem entre essas categorias de parentes, acham-se regidas pela obrigação e direitos inerentes às relações genealogicamente próximas de parentesco, e pela durabilidade desses laços, agem, como bem mostrou Kottak (1967:427), como um mecanismo bastante eficaz para preservar a estrutura altamente estratificada da sociedade brasileira pois para a família de pobre as obrigações e direitos do parentesco impedem a mobilidade social individual enquanto para a família de rico, esses mesmos direitos e obrigações tendem a perpetuar os membros no topo da pirâmide social.

Em ambos os contextos, os parentes genealogicamente mais distantes não participam intensamente no circuito da troca, mas são considerados pelos casais pesquisados como parceiros em po -

tencial de possíveis trocas quando a ocasião se fizer propícia. Contatos são mantidos com essa categoria de parente através de visitas trocadas em ocasiões específicas.

Já as trocas postas à disposição do indivíduo pelo campo da amizade por serem livres das obrigações e pressões do parentesco e por se caracterizarem por relações recíprocas equilibradas entre pessoas que compartilham interesses comuns, constituem o canal mais seguro de acesso a recursos imprescindíveis à mobilidade social do indivíduo, especialmente para os homens economicamente ativos da família de pobre, quanto canal alternativo de apoio e convívio para os informantes de um modo geral.

4. Relações de parentesco e de amizade: campos alternativos de acesso a recursos para a família de jovem e para a família de velho.

As relações de parentesco e de amizade são utilizadas como recursos suplementares diferentemente pela família de jovem e pela família de velho numa variedade de contextos e de ocasiões.

O exame das trocas geradas pelo campo de parentesco segundo os diferentes graus de riqueza mostrou que elas por visarem a preservação de status sócio-economico ou mesmo a elevação de status de certos membros, ficam restritas às fronteiras da família de orientação e de procriação. É importante salientar aqui que no contexto rico, as trocas generalizadas que visam à manutenção de status ocorrem predominantemente entre membros de gerações diferentes. No contexto pobre, embora flua também da mesma maneira descrita para os ricos, esse tipo de troca tende a ocorrer,geralmente, de maneira horizontal entre membros da mesma geração, especialmente nas famílias com membros masculinos economicamente ativos.

Com isso não queremos dizer que em ambos os contextos não ocorram trocas que visem preservação e elevação de status entre outras categorias de parentes, mas que essas acima enfatizadas foram, segundo os pesquisados, as que aconteceram mais frequentemente, sendo portanto as mais valorizadas por estes.

Essa diferença na ênfase de certos laços para fins de troca segundo os diferentes graus de riqueza considerados talvez se explique, como mostrou Lee (1979:49), pelo padrão diferencial dos salários durante o ciclo de vida nos dois contextos. O pico salarial profissional (maior ganho profissional) é alcançado diferentemente nos dois contextos. Enquanto que a família de rico, pelo tipo de ocupação exercida pelos seus membros, o alcança relativamente tarde no ciclo de vida, ele coloca a família de velho numa situação privilegiada por aliar seus altos ganhos à retração familiar característica dessa etapa do ciclo. Na família de pobre, o tipo de ocupação predominante faz com que o pico salarial seja alcançado relativamente cedo, colocando a família de velho,principalmente aquela com membros componentes afastados do mercado de trabalho , numa situação de carência por coincidir o declínio salarial com a dispersão dos filhos, ou seja dos membros economicamente produtivos. A família nesta situação depende cada vez mais da ajuda dos filhos para sua sobrevivência.

Como as famílias no início do ciclo doméstico, independentemente de graus de riqueza se caracterizam por ganhos baixos por estarem os membros adultos que a compõem no início de suas carreiras, e por altos gastos devido ao período de formação e expansão em que se encontram, geralmente necessitam de ajuda para fazer face aos gastos exigidos. Assim a família de rico neste estágio do ciclo requer e recebe ajuda da família de orientação, que, por se encontrar no estágio final do ciclo, está economicamente apta para, na forma de bens e serviços, ajudar a fazer face aos altos gastos da família de procriação requeridos pela sua expansão, quanto a manter ou mesmo elevar o status sócio-economico desta última.

É importante não esquecer que apesar de o padrão diferencial dos salários ao longo do ciclo de vida jogar alguma luz na direção do fluxo da ajuda, é preciso também que se leve em conta o status sócio-economico das partes envolvidas no processo, uma vez que neste contexto a ajuda não apresenta-se necessariamente unidirecional no que concerne o movimento do fluxo

da troca na escala geracional, isto é de pai para filho, podendo também fluir da família no início do ciclo para aquela no final do ciclo, como de genro para sogro, estando o primeiro, nesse caso, num status mais alto que o segundo.

Já a família de pobre não pode requerer dos pais o tipo de ajuda dado por estes aos filhos num contexto rico, uma vez que a família no final do ciclo doméstico, neste contexto, se caracteriza pela deteriorização de seus ganhos e pela dependencia cada vez maior dos filhos. É por esta razão que as relações horizontais entre irmãos assumem aqui a importância tida pelas relações verticais, entre pais e filhos, principalmente neste estágio do ciclo. Apesar da ajuda fluir também verticalmente na família de pobre, os laços de importância são laços horizontais com pessoas da mesma geração que estão em condição de se ajudar mutuamente quando a situação se fizer necessária.

A importância dos laços horizontais alternativos é refletida também no papel crucial desempenhado pela amizade para ambas as famílias pobre e rica, mas principalmente de maneira especial para os membros masculinos economicamente ativos do contexto pobre.

5. Relações de parentesco e de amizade: campos alternativos de recursos para o homem e para a mulher.

Embora as relações de parentesco sejam usadas devido à permanência de seus laços, como centros de identidade social para o indivíduo, seja ele homem ou mulher, rico ou pobre, jovem ou velho, elas são manipuladas, como também são as relações de amizade, diferentemente, segundo o sexo do informante, na consecução de objetivos.

Assim as relações de parentesco são usadas por homens como fonte de ajuda mas, ajuda essa que envolva informações acerca de finanças, ou mesmo finanças direta ou indiretamente para a casa. Já entre as mulheres essas relações são usadas como ajuda que diga respeito ao cuidado de crianças, à troca de informações sobre compras, serviço doméstico, ou mesmo à realização deste.

As relações de amizade seguem o mesmo padrão de diferenciação sexual descrito para parentes com a ligeira diferença de exigir uma retribuição mais ou menos rápida do tipo de ajuda prestada.

Entre homens a amizade constitui, através dessas características, um canal alternativo de ajuda financeira direta ou indiretamente através de arranjo de emprego, de troca de informações profissionais, ou seja, ajudas que digam respeito ao "mundo da rua", explicitado no capítulo anterior, Mas, a amizade como canal alternativo de recursos financeiros e consequentemente de mobilidade social por exigir reciprocidade equilibrada de troca, não está à disposição do aposentado pobre, por este não poder cumprir com as exigências estipuladas por esses laços. Assim os aposentados juntamente com as mulheres socializam mais com parentes que com amigos, não contribuindo o engajamento feminino na força de trabalho na diversificação da rede de apoio, contribuindo, pelo contrário, para reforçar a dependência da mulher a certos parentes, uma vez que a mulher que trabalha fora está sujeita à boa vontade de parentes, amigos e vizinhos, mesmo que disponha de trabalho doméstico remunerado.

As mulheres, independente de grau de riqueza e ciclo doméstico, encontram-se inseridas em redes de parentesco e de vizinhança, não fazendo distinção, marcante como os homens, entre as categorias de parente, amigo e vizinho, talvez por estarem elas mais centradas no "mundo do lar".

Notas

1. A tipologia de troca utilizada por Sussman e Burchinal (1966: 249) e os tipos mencionados pelos entrevistados constam nas tabelas IV, V, VI, VII; no apêndice.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar a importância, através da análise do significado e do conteudo, das relações de parentesco e de amizade no dia a dia, na vida de diferentes categorias de casais urbanos.

A escolha das famílias entrevistadas neste estudo deveu-se ao preenchimento de alguns requisitos previamente estabelecidos, como de pertencerem a um dos dois graus de riqueza estipulados, ou seja, ao rico ou ao pobre e de estarem numa das duas fases escolhidas, para análise, do ciclo de desenvolvimento familiar, na jovem ou na velha.

O contato com um número limitado de famílias foi estabelecido, seguindo as experiências relatadas por outros pesquisadores, através de pessoas amigas que mantinham algum grau de intimidade com o casal a ser entrevistado.

As entrevistas realizadas nos lares não foram passíveis de gravação a pedido dos entrevistados sob alegação do rompimento do clima de informalidade necessário a um tal tipo de entrevista sob assuntos familiares; mas isso longe de constituir um impecilho na coleta e registro dos dados, contribuiu para uma maior riqueza de informações por deixar o pesquisado mais à vontade.

Foram ouvidos marido e mulher separadamente a fim de obter informações independentes acerca dos respectivos envolvimentos com parentes e amigos.

Foi sentida uma certa reserva no "rapport" entre pesquisados masculinos de ambos os graus de riqueza, mas especialmente entre os classificados como ricos no final do ciclo de desenvolvimento familiar, e a pesquisadora. Talvez isso se explique pela marcante segregação sexual existente nos dois contextos, aliada ainda a uma separação das gerações no contexto rico devido a uma diferenciação de prestígio e poder entre as gerações nas famílias nesse grau de riqueza. Tais fatores colocavam, portanto, a pesquisadora numa situação duplamente desfavorável por ser do sexo feminino e de uma geração diferente do pesquisado velho do contexto rico.

Essa rígida segregação sexual em ambos tipos de família rica e pobre, jovem e vèlha é um dos achados mais intrigantes desta pesquisa, pois apesar de mencionada na literatura atual, especialmente no que diz respeito à família de pobre (e na família brasileira na sociedade agrária do passado; Freyre, 1930) não era esperado ser, noutros tipos de família atualmente, um elemento de tamanho impacto na interpretação dos dados.

Já o fator geração que se esperava desempenhar força de maneira uniforme na família de pobre e na família de rico, mostrou, através das variações do pico salarial do maior provedor da família e do consequente prestígio e poder daí decorrente ao longo do ciclo de vida, a importância diferente dos laços geracionais para os pesquisados nos dois graus de riqueza. Assim, a importância dos laços verticais (isto é entre as gerações) na família de rico e de laços tanto horizontais (isto é laços entre pessoas da mesma geração principalmente nas famílias de pobre com membros economicamente ativos) quanto de laços verticais, entre filhos e pais, nas famílias deste grau de riqueza com membros afastados do mercado de trabalho por razão de idade e doença; constitui outro achado digno de menção no presente estudo.

Apesar da ênfase diferentemente atribuida aos laços verticais e horizontais pela família de pobre e pela família de rico, ambos os laços, por se fundarem em obrigações, direi-

tos e deveres culturalmente inerentes às relações genealogicamente próximas de parentesco constituem, como bem mostrou Kottak (1967:427), um mecanismo altamente eficaz na preservação da estrutura social vigente na sociedade brasileira. É através dos laços verticais que a família velha rica transmite à geração mais nova seu prestígio e poder por meio da constante ajuda financeira, de bens e serviços, sendo também, através desses mesmos laços, que a geração mais nova canaliza as diversas ajudas acima especificadas para trazer a família afim decadente à sua posição. Enfim, é por intermédio desses laços que a geração mais velha socializa, consolida e transmite à geração mais nova seus valores e posição na sociedade. Os laços horizontais, comuns em membros femininos e nos membros masculinos economicamente ativos, e os verticais entre filhos economicamente ativos e pais afastados do mercado de trabalho, servem à família de pobre ao mesmo fim que à família de rico, ou seja, uma segurança, ou garantia de que as posições atuais dos membros familiares serão mantidas. Caso contrário, ajuda financeira, bens e serviços serão injetados para alçar o membro familiar à mesma posição dos demais.

Se bem que a ajuda generalizada prestada e recebida pelos casais pesquisados tenha na proximidade genealógica o seu princípio organizador, proximidade geográfica, seja residencial ou no trabalho, age também como fator de importância na frequencia e intensidade desse fluxo, além de ser o fator seletor na interação com parentes genealogicamente mais distantes, mas, parentes esses que, em nome de um passado comum, possam ser parceiros em potencial de possíveis trocas quando se fizer necessário.

Enquanto as relações de parentesco (por se referirem a laços entre pessoas ligadas por obrigações e direitos mútuos) contribuem para nivelar o indivíduo na mesma posição e situação dos demais parentes, as relações de amizade (por serem livres das pressões e deveres do parentesco e por se fundarem na troca recíproca equilibrada entre iguais) constituem um canal seguro de mobilidade social individual especialmente para os

homens economicamente ativos da família de pobre e também um campo alternativo de apoio, tanto moral quanto material, para os pesquisados pobres e ricos, jovens e velhos.

É importante frisar que esse requisito da amizade,ou seja a troca equilibrada entre iguais vem tornar mais clara a rígida segregação sexual existente nos dois contextos de que falamos no princípio; além de por em evidência a perda de status do velho na família de pobre que se encontra cada vez mais à mercê dos filhos para sobreviver.

Assim, essa essência da amizade, ou seja a troca recíproca entre pessoas que partilham interesses comuns, por exigir uma retribuição mais ou menos rápida do tipo de ajuda prestado, constitui para o pesquisado masculino (por ser este culturalmente definido como o principal provedor da família) um campo alternativo de ajuda financeira direta ou indiretamente através de arranjo de emprego, informações profissionais; enfim, a amizade para estes, por visar o estabelecimento de um grande circuito de trocas que digam respeito ao sucesso e prestígio do "mundo da rua", aproximar-se-ia mais do tipo instrumental. Mas, ao aposentado velho e pobre é vedada a participação neste circuito de trocas por este não poder cumprir com os requisitos exigidos de participação. Ele, juntamente com as mulheres ricas e pobres, jovens e velhas, engajadas ou não na força de trabalho (por terem os acessos a recursos grandemente fornecidos por grupos solidários de parentes e vizinhos)têm a amizade, não necessariamente com pessoas classificadas em categorias distintas da de parentesco e de vizinhança, mais como um escape às pressões da vida diária, aproximando-se o significado dessas relações mais do tipo expressivo.

Enquanto que o fator organizador das amizades é o setor profissional, ou as atividades que digam respeito ao "mundo da rua" para os homens economicamente ativos; para o velho pobre aposentado e as mulheres, mesmo que economicamente ativas, o fator organizador é a residência, ou sua vizinhança, ou seja o "mundo do lar".

O equacionamento, na presente pesquisa, das mulheres, independente de graus de riqueza, fases do ciclo doméstico e do engajamento ou não na força de trabalho, nos leva a concluir, da mesma maneira que Oakley,A. (1978:189), que não há diferenças significantes entre elas que sejam análogas às divisões de classe que tomam por base a ocupação e renda do marido. As fronteiras de classe assim construidas podem desviar a atenção de contrastes mais significantes que, com certeza , existem.

É válido lembrar que não constituiu nosso propósito , ao longo deste estudo, produzir afirmações genéricas acerca do significado e do conteudo das relações de parentesco e de amizade da família recifense.

O procedimento metodológico adotado, apesar de eficaz para análise em profundidade de número limitado de famílias , não permitiria tal extrapolação. É por essa razão que as informações conseguidas pela análise das preferências de contato dos casais com parentes e com amigos, segundo diferentes graus de riqueza, estágios do ciclo doméstico e sexo, requerem pesquisas extensivas que testem as interpretações e dêem prosseguimento aos estudos sugeridos.

BIBLIOGRAFIA

Adams,B.N. "The Social Significance of Kinship:2". Sociology of the Family. Michael Anderson (ed) Harmondsworth, Penguin Books, 1971, pp.126-141.

Aldous,J. Family Careers: Developmental Change in Families. New York, John Wiley & Sons, 1978.

Aldous,J. Osmond,M & Hicks,M. "Men's Work and Men's Families" Contemporary Theories About The Family. Burr, Hill, Nye and Reiss (eds). New York, The Free Press, 1979, pp. 227-254.

Anderson,M. "The Relevance of Family History". Sociology of the Family. Michael Anderson (ed). Harmonsworth, Penguin Books, 1980,pp.33-63.

Ariès,P. "The Emergence of the Modern Family". Sociology of the Family. Michael Anderson(ed). Harmondsworth, Penguin Books, 1980,pp.64-79.

Bell,C. "The Social Significance of Kinship:3". Sociology of the Family. Michael Anderson (ed). Harmondsworth, Penguin Books, 1971,pp.142-148.

Bilac,E. Famílias de Trabalhadores: Estratégia de Sobrevivência. São Paulo, Edições Símbolo, 1978.

Bott,E. Família e Rede Social. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 1976.

Carlos,M. & Sellers,L. "Family and Kinship Structure, and Modernization in Latin America". Larr ,1972, 7:95-124.

De Hoyos,A. & De Hoyos,G. "The Amigo System and Alienation of the Wife in the Conjugal Mexican Family". Kinship and Family Organization. Bernard Faber (ed). New York, John Wiley & Sons, 1966, pp. 102-115.

Durhan,E. A Caminho da Cidade. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.

Durkheim,E. The Division of Labor in Society. Translated and edited by George Simpson. New York, The Free Press, 1964.

Firth,R. (ed) Two Studies of Kinship in London. London, The Athlone Press, 1956.

Fox,R. Marriage and the Family: An Anthropological Perspective. Harmondsworth, Penguin Books,1977.

Freyre,G. Casa Grande & Senzala. 6º edição. Rio de Janeiro, J. Olimpio, 1950.

_____ Sobrados e Mocambos: Decadência do Patriarcado Rural no Brasil. Série 5. Brasiliana vol.64. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1936.

Goode,W.J. World Revolution and Family Patterns. New York, The Free Press, 1970.

_____ A família. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1970.

Gordon,M. & Noll,E. "Social Class and Interaction With Kin and Friends". Journal of Comparative Family Studies, 1975, 6:239-248.

Greenfield,S. "Industrialization and the Family in Sociological Theory". American Journal of Sociology , 1961, 67:312-322.

Iutaka,S.; Bock,E.W & Berardo,F.B. "Urbanização e Família Extensa no Brasil". Revista Ciências Sociais, 1975, 6: 29-50.

Karp,D.; Stone,G. & Yoels,W. Being Urban: A Social Psychological View of City Life. Lexington , Massachusetts, D.C. Heath and Company, 1977

Kottak, C.P. "Kinship and Class in Brazil". Ethnology,1967, 6:427-443.

Laslett,P. The World We Have Lost. London, Methuen and Company Limited, 1979.

Lee,G. "Effects of Social Networks on the Family". Contemporary Theories about the Family. Burr, Hill, Nye and Reiss (eds). New York, The Free Press, 1979, pp. 27-54.

Leeds,A. "Brazilian Careers and Social Structure: A Case History and Model". Contemporary Cultures and Societies of Latin America. Heath,D & Adams,R (eds). New York, Random House, 1965, pp.379-404.

Leslie,G. The Family in the Social Context. New York, Oxford University Press, 1979.

Lewis,O. Antropologia de la Pobreza: Cinco Familias. Traduccion al español Emma Sánchez Ramírez. Mexico,D.F., Fondo de cultura Economica, 1961

_____ The children of Sánchez. Harmondsworth, Penguin Books, 1976.

Litwak,E. & Szelenyi,I. "Kinship and Other Primary Groups". Sociology of the Family. Michael Anderson (ed). Harmondsworth, Penguin Books, 1971,pp.149-163.

Löfgren, O. "Family and Household among Scandinavian Peasants". Sociology of the Family. Michael Andersón (ed). Harmondsworth, Penguin Books, 1980,pp.80-124.

Lomnitz,L. "Reciprocity of Favors in the Urban Middle Class in Chile". Studies in Economic Antropology. Dalton (ed). Washington, American Anthropological Association, Anthropological Studies,1971, 7:93-106.

———— "Survival and Reciprocity: The Case of Urban Marginality in Mexico". Extinction and Survival in Human Populations. Charles Langhlin & Ivan Brady (eds). New York, 1978,pp.181-207.

Morgan,D.H.J. Social Theory and the Family. London, Routledge & Kegan Paul,1975.

Nascimento,N. "Ajuda Mútua". Fontes de Complementação de Renda das Famílias de Baixa Renda no Recife. Motta,R & Scott,P. (org). MAC/SUDENE- DRH (mimeo) 1981,pp.118-138.

Nogueira,O. Família e Comunidade (um estudo sociológico de Itapetininga). Série 6 CPPE. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1962.

Oakley,A. The Sociology of Housework. Oxford, Martin Robertson & Co, Ltd., 1978.

Oliveira,R.C. "Grupo Doméstico, Família e Parentesco: Idéias para uma Pesquisa em Antropologia Social". Antropologia, 1961, 19:1-14.

Parsons,T. "The Kinship System of the Contemporary United States". Essays in Sociological Theory. Glencoe,Ill, The Free Press, 1954, pp.177-197.

———— "Reply to his Critics". Sociology of the Family. Michael Anderson (ed). Harmondsworth, Penguin Books. 1971, pp. 120-121.

Ramu,G.N. Family and Caste in Urban India: A Case Study. New Delhi, Vikas Publishing House PVT Ltd,1977.

Ribeiro,R. "Urbanisno e Familismo no Nordeste do Brasil". Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961, 10:63-80.

Sahlins,M. Stone Age Economics. Chicago, Aldine, 1974.

Schneider,D.M. "What's Kinship all About? Kinship Studies in the Morgan Centennial Year. Priscilla Reining (ed). The Anthropological Soc. of Washington, D.C., 1972,pp.32-63.

Simmel,G. "The Metropolis and Mental Life". The Sociology of George Simmel. Kurt E. Wolff (ed). Glencoe, Ill., The Free Press, 1964,pp. 409-424.

Stone, L. The Family, Sex and Marriage in England:1500 - 1800. Harmondsworth, Penguin Books, 1979.

Sussman,M & Burchinal,L. "Kin Family Network: Unheralded Structure in Current Conceptualizations of Family Functioning". Kinship and Family Organization. Bernard Faber (ed). New York, John Wiley & Son, 1966, pp. 123-133.

---------- "Parental Aid to Married Children: Implications for Family Functioning". Kinship and Family Organization. Bernard Faber (ed). New York, John Wiley & Son, 1966, pp.240-254.

Tönnies,F. Community & Society. Translated and edited by Charles Loomis. New York, Harper & Row, 1963.

Townsend,P. The Family Life of Old People. Harmondsworth, Penguin Books, 1977.

Wagley,C. "Luso Brazilian Kinship Patterns: The Persistence of a Cultural Tradition". Politics of Change in Latin America. Maier,J. & Weatherhead,R. (eds) New York, Praeger, 1964,pp. 179-189.

Wagley,C & Harris,M. "A Tipology of Latin American Cultures". Contemporary Cultures and Societies of Latin America. Dwight Heath (ed). New York, Random House, 1974 pp.35-58.

Ribeiro,R. "Urbanisno e Familismo no Nordeste do Brasil". Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961, 10:63-80.

Sahlins,M. Stone Age Economics. Chicago, Aldine, 1974.

Schneider,D.M. "What's Kinship all About? Kinship Studies in the Morgan Centennial Year. Priscilla Reining (ed). The Anthropological Soc. of Washington, D.C., 1972,pp.32-63.

Simmel,G. "The Metropolis and Mental Life". The Sociology of George Simmel. Kurt E. Wolff (ed). Glencoe, Ill., The Free Press, 1964,pp. 409-424.

Stone, L. The Family, Sex and Marriage in England:1500 - 1800. Harmondsworth, Penguin Books, 1979.

Sussman,M & Burchinal,L. "Kin Family Network: Unheralded Structure in Current Conceptualizations of Family Functioning". Kinship and Family Organization. Bernard Faber (ed). New York, John Wiley & Son, 1966, pp. 123-133.

_____ "Parental Aid to Married Children: Implications for Family Functioning". Kinship and Family Organization. Bernard Faber (ed). New York, John Wiley & Son, 1966, pp.240-254.

Tönnies,F. Community & Society. Translated and edited by Charles Loomis. New York, Harper & Row, 1963.

Townsend,P. The Family Life of Old People. Harmondsworth, Penguin Books, 1977.

Wagley,C. "Luso Brazilian Kinship Patterns: The Persistence of a Cultural Tradition". Politics of Change in Latin America. Maier,J. & Weatherhead,R. (eds) New York, Praeger, 1964,pp. 179-189.

Wagley,C & Harris,M. "A Tipology of Latin American Cultures". Contemporary Cultures and Societies of Latin America. Dwight Heath (ed). New York, Random House, 1974 pp.35-58.

Wilkening,E.A.; Pinto,J.B. & Pastore, J. "Role of the Extended Family in Migration and Adaptation in Brazil". Journal of Marriage and the Family, 1968,30: 689-694.

Willems,E. "Estrutura da Família Brasileira". Sociologia, 1954, 16:327-340.

Willmott,P & Young,M. Family and Class in a London Suburb. London, Nel Mentor Books, 1976.

Wirht,L. "Urbanism as a Way of Life". Cities and Society: The Revised Reader in Urban Sociology. Paul Hatt & Reiss,Jr. (eds). Glencoe,Ill, The Free Press, 1959, pp. 46-63.

Wolf,E. "Kinship, Friendship and Patron Client Relations in Complex Societies". The Social Anthropology of Complex Societies. Michael Banton (ed). London, Tavistock, 1966, pp. 1-22.

Woortman,K. Marginal Men and Dominant Womem: Kinship and Sex Roles Among the Bahian Poor. Ph.D. Thesis (mimeo). Cambridge, Harvard University, 1975.

Young,M & Willmott,P. Family and Kinship in East London. Harmondsworth, Penguin Books, 1977.

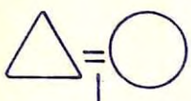
COMO LER OS DIAGRAMAS

— EGO CUJA GENEALÓGICA ESTÁ SENDO MOSTRADA

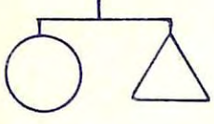
— HOMEM

— MULHER

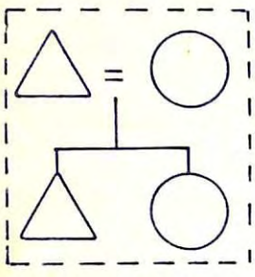
— LAÇO CONJUGAL OU AFIM



— PAIS



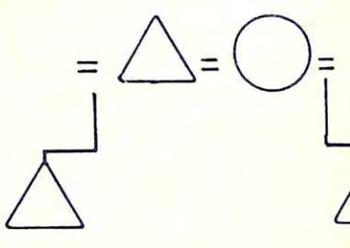
— FILHOS



— GRUPO DOMÉSTICO

— IDADE

— FALECIDO



— FILHO DE OUTRA UNIÃO

Nível Educacional

ANALFABETO 1

1º GRAU INCOMPLETO. 2

1º GRAU COMPLETO. 3

2º GRAU INCOMPLETO. 4

2º GRAU COMPLETO. 5

SUPERIOR INCONPLETO. 6

SUPERIOR COMPLETO. 7

Distância Geográfica Residencial

MORA NO MESMO BAIRRO QUE EGO.....B

MORA NA MESMA CIDADE QUE EGO.....C

MORA NO MESMO ESTADO QUE EGO.....E

MORA NOUTRO ESTADO QUE EGO.....OE

MORA NOUTRO PAIS QUE EGO.....OP

Distância de Comunicação encontrou escreveu telefonou a ego nos últimos

MÊS.....m

ANO.....a

24 HORAS.....d

SEMANA.....s

MAIS DE ANO...+a

DISTÂNCIA GEOGRÁFICA NO TRABALHO:

MESMO LOCAL DE TRABALHO QUE EGO

OS PARENTES QUE TRABALHAM NO MESMO LOCAL QUE EGO TÊM SUAS PROFISSÕES SUBLINHADAS NOS DIAGRAMAS.

Distância Geográfica Residencial

MORA NO MESMO BAIRRO QUE EGO.....B

MORA NA MESMA CIDADE QUE EGO.....C

MORA NO MESMO ESTADO QUE EGO.....E

MORA NOUTRO ESTADO QUE EGO.....OE

MORA NOUTRO PAIS QUE EGO.....OP

Distância de Comunicação encontrou escreveu telefonou a ego nos últimos

MÊS.....m

ANO.....a

24 HORAS.....d

SEMANA.....s

MAIS DE ANO...+a

DISTÂNCIA GEOGRÁFICA NO TRABALHO:

MESMO LOCAL DE TRABALHO QUE EGO

OS PARENTES QUE TRABALHAM NO MESMO LOCAL QUE EGO TÊM SUAS PROFISSÕES SUBLINHADAS NOS DIAGRAMAS.

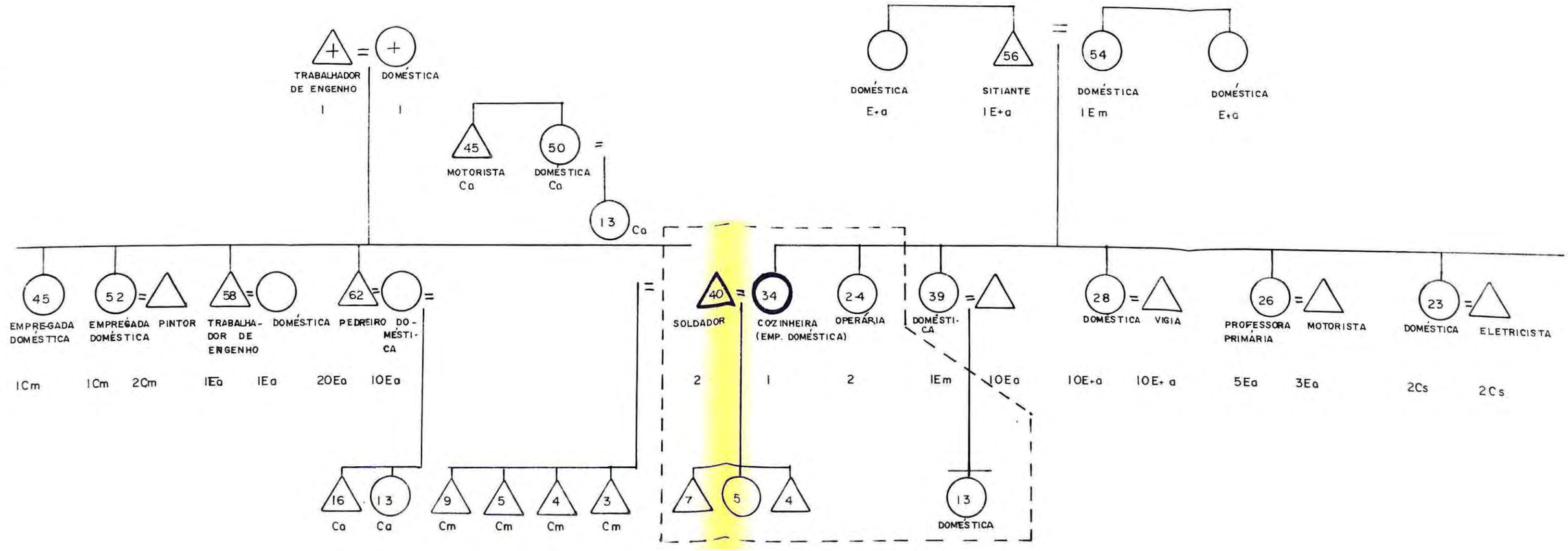

TRABALHADOR DE ENGENHO
1
DOMÉSTICA
1
45
MOTORISTA
Ca
50
DOMÉSTICA
Ca
13
Ca
DOMÉSTICA
E+a
56
SITIANTE
1E+a
54
DOMÉSTICA
1Em
DOMÉSTICA
E+a
45
EMPREGADA DOMÉSTICA
1Cm
52
EMPREGADA DOMÉSTICA
1Cm
PINTOR
2Cm
58
TRABALHADOR DE ENGENHO
1Ea
DOMÉSTICA
1Ea
62
PEDREIRO
20Ea
DOMÉSTICA
10Ea
16
Ca
13
Ca
9
Cm
5
Cm
4
Cm
3
Cm
40
SOLDADOR
2
34
COZINHEIRA (EMP. DOMÉSTICA)
1
24
OPERÁRIA
2
7
5
4
39
DOMÉSTICA
1Em
10Ea
13
DOMÉSTICA
28
DOMÉSTICA
10E+a
VIGIA
10E+a
26
PROFESSORA PRIMÁRIA
5Ea
MOTORISTA
3Ea
23
DOMÉSTICA
2Cs
ELETRICISTA
2Cs

DIAGRAMA 1a

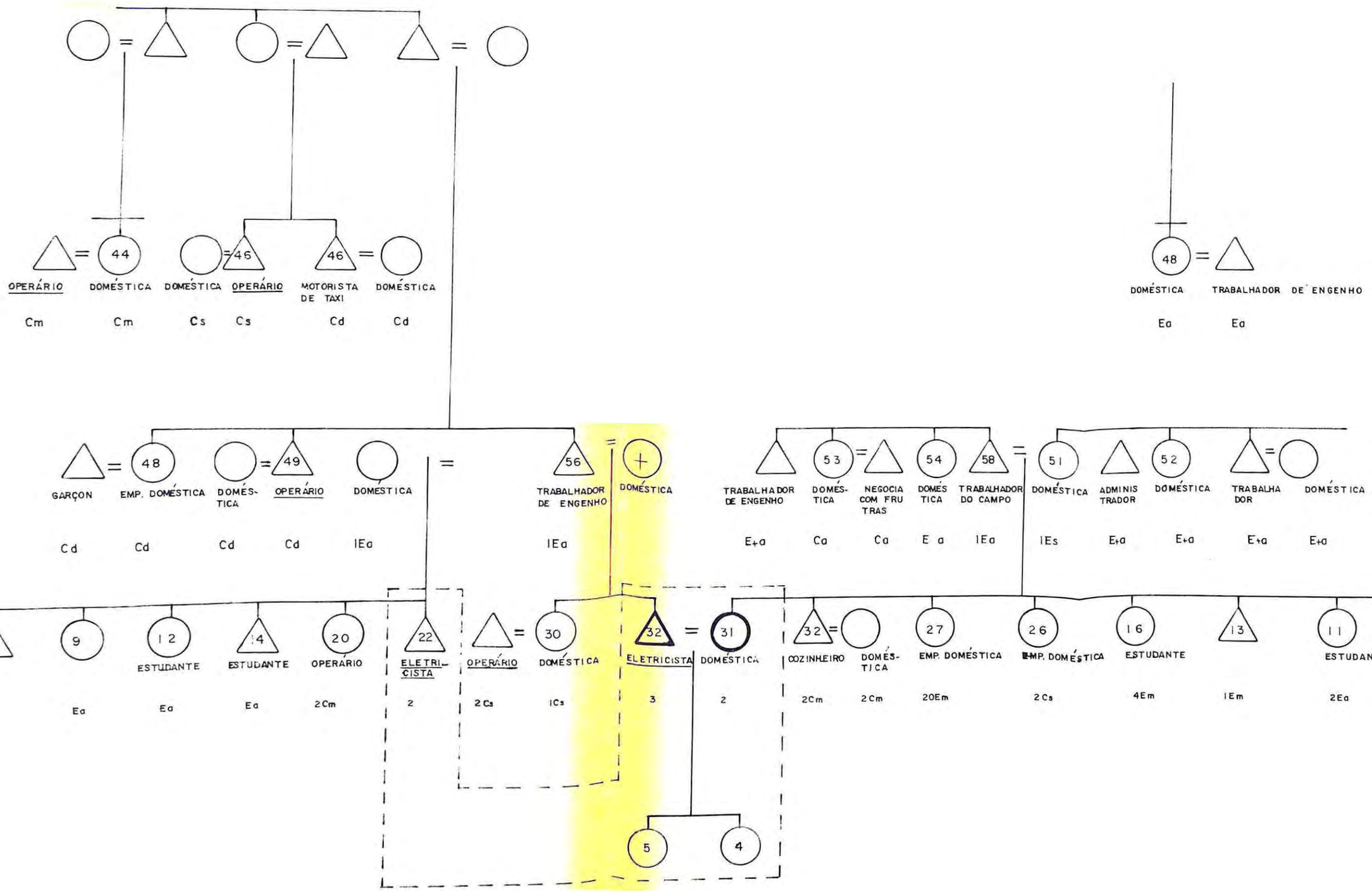

OPERÁRIO
Cm
44
DOMÉSTICA
Cm
DOMÉSTICA
Cs
46
OPERÁRIO
Cs
46
MOTORISTA DE TAXI
Cd
DOMÉSTICA
Cd
48
DOMÉSTICA
Ea
TRABALHADOR DE ENGENHO
Ea
GARÇON
Cd
48
EMP. DOMÉSTICA
Cd
DOMÉS-TICA
Cd
49
OPERÁRIO
Cd
DOMESTICA
IEa
56
TRABALHADOR DE ENGENHO
IEa
DOMÉSTICA
TRABALHADOR DE ENGENHO
E+a
53
DOMÉS-TICA
Ca
NEGOCIA COM FRU TRAS
Ca
54
DOMÉS TICA
E a
58
TRABALHADOR DO CAMPO
IEa
51
DOMÉSTICA
IEs
ADMINIS TRADOR
E+a
52
DOMÉSTICA
E+a
TRABALHA DOR
E+a
DOMÉSTICA
E+a
5
Ea
7
Ea
9
Ea
12
ESTUDANTE
Ea
14
ESTUDANTE
Ea
20
OPERÁRIO
2Cm
22
ELETRI-CISTA
2
OPERÁRIO
2Cs
30
DOMÉSTICA
ICs
32
ELETRICISTA
3
31
DOMÉSTICA
2
5
4
32
COZINHEIRO
2Cm
DOMÉS-TICA
2Cm
27
EMP. DOMÉSTICA
20Em
26
EMP. DOMÉSTICA
2Cs
16
ESTUDANTE
4Em
13
IEm
11
ESTUDANTE
2Ea

DIAGRAMA 1 b

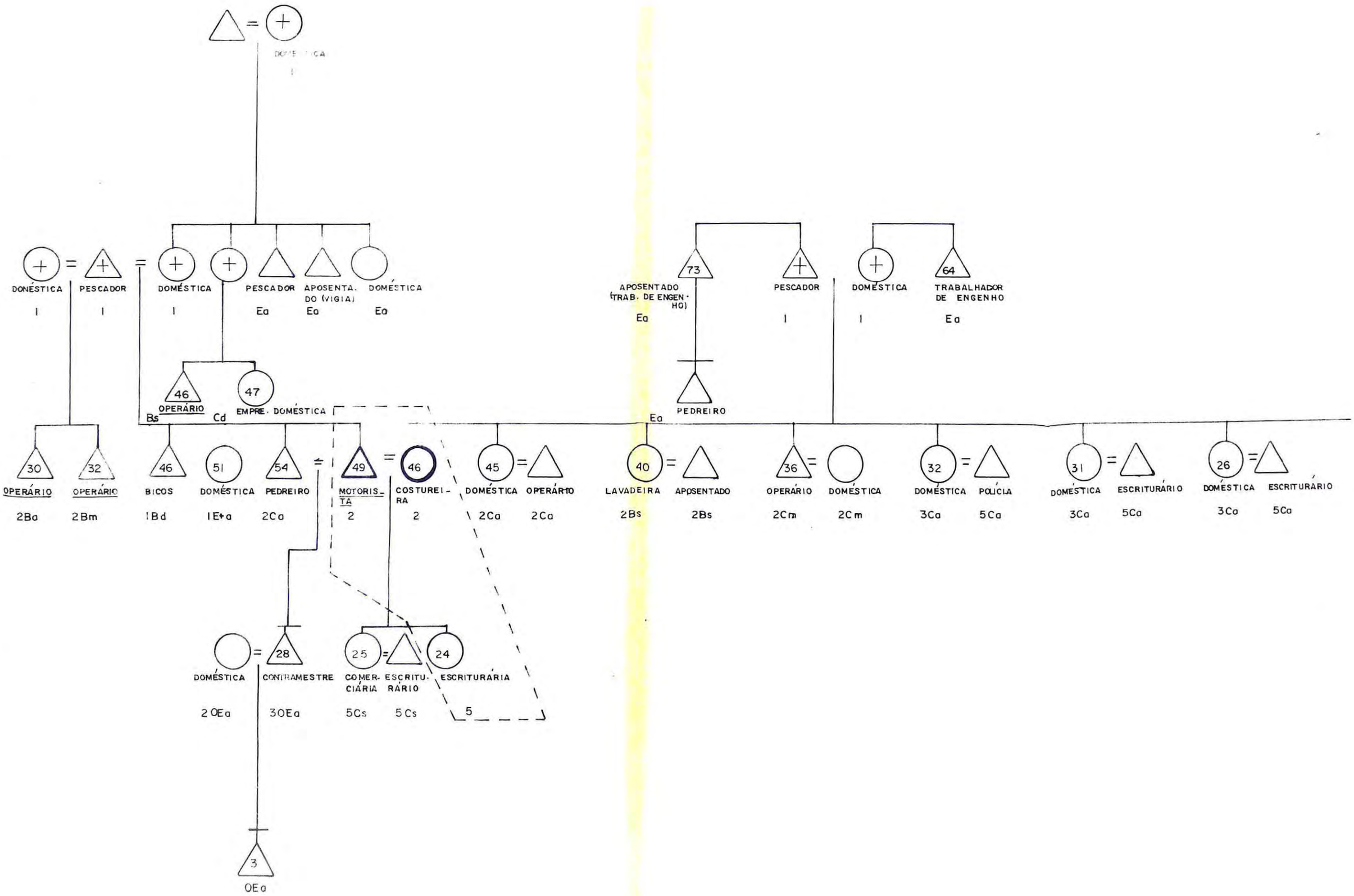

DOMÉSTICA
DOMÉSTICA
PESCADOR
DOMÉSTICA
PESCADOR
APOSENTA. DO (VIGIA)
DOMÉSTICA
Ea
Ea
Ea
46
OPERÁRIO
47
EMPRE. DOMÉSTICA
Bs
Cd
73
APOSENTADO (TRAB. DE ENGENHO)
PESCADOR
PEDREIRO
Ea
DOMÉSTICA
64
TRABALHADOR DE ENGENHO
30
OPERÁRIO
2Ba
32
OPERÁRIO
2Bm
46
BICOS
1Bd
51
DOMÉSTICA
1E+a
54
PEDREIRO
2Ca
49
MOTORISTA
2
46
COSTUREIRA
2
45
DOMÉSTICA
2Ca
OPERÁRIO
2Ca
40
LAVADEIRA
2Bs
APOSENTADO
2Bs
36
OPERÁRIO
2Cm
DOMÉSTICA
2Cm
32
DOMÉSTICA
3Ca
POLÍCIA
5Ca
31
DOMÉSTICA
3Ca
ESCRITURÁRIO
5Ca
26
DOMÉSTICA
3Ca
ESCRITURÁRIO
5Ca
DOMÉSTICA
20Ea
28
CONTRAMESTRE
30Ea
25
COMERCIÁRIA
5Cs
ESCRITURÁRIO
5Cs
24
ESCRITURÁRIA
5
3
OEa

DIAGRAMA 2a

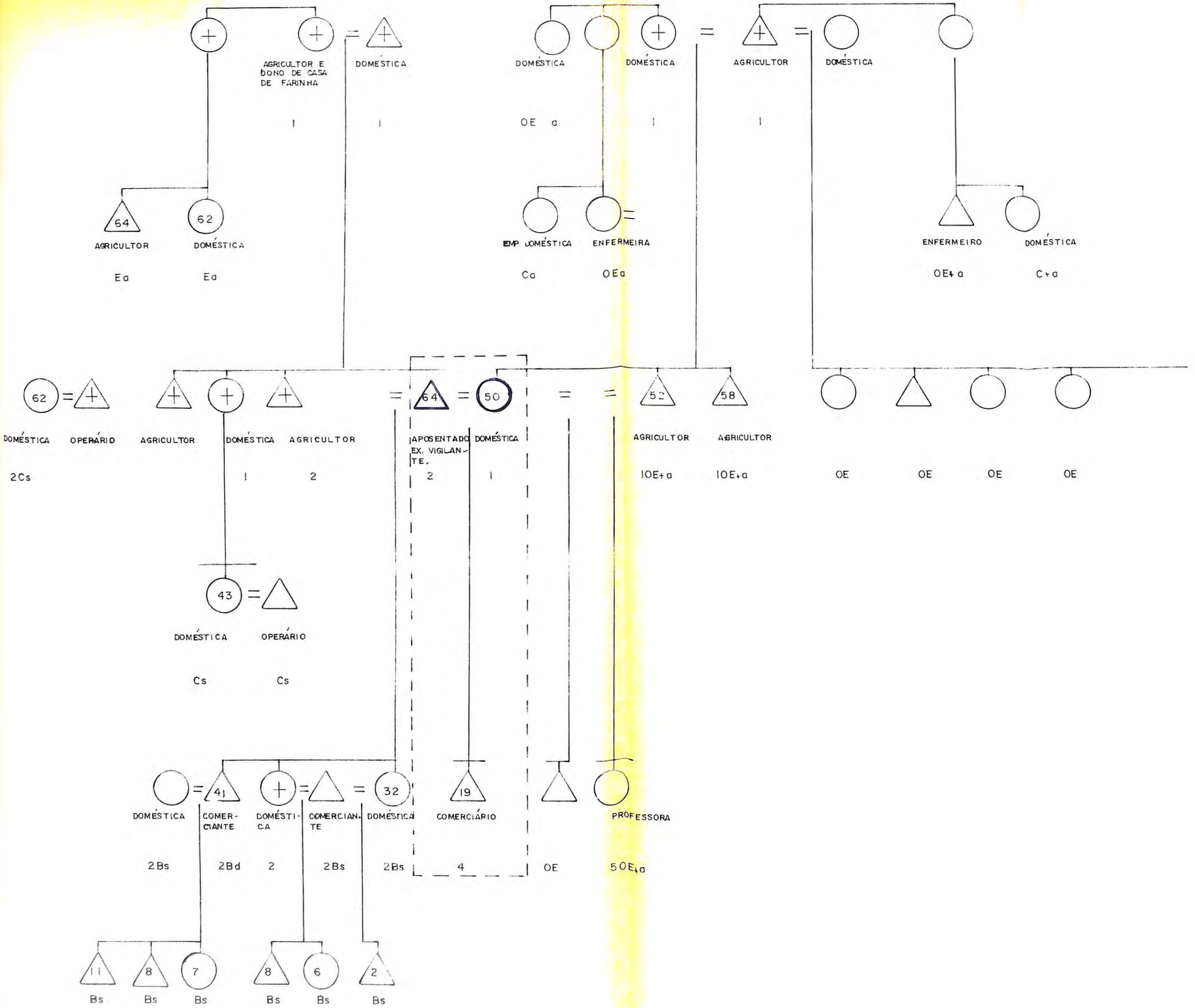

AGRICULTOR E DONO DE CASA DE FARINHA
DOMÉSTICA
1
1
64
AGRICULTOR
Ea
62
DOMÉSTICA
Ea
DOMÉSTICA
DOMÉSTICA
OE a
1
EMP. DOMÉSTICA
Ca
ENFERMEIRA
OEa
AGRICULTOR
1
DOMÉSTICA
1
ENFERMEIRO
OE+a
DOMÉSTICA
C+a
62
DOMÉSTICA
OPERÁRIO
2Cs
AGRICULTOR
DOMÉSTICA
1
AGRICULTOR
2
43
DOMÉSTICA
OPERÁRIO
Cs
Cs
64
APOSENTADO EX. VIGILANTE,
2
50
DOMÉSTICA
1
52
AGRICULTOR
10E+a
58
AGRICULTOR
10E+a
OE
OE
OE
OE
41
DOMÉSTICA
2Bs
COMERCIANTE
2Bd
DOMÉSTICA
2
COMERCIANTE
2Bs
32
DOMÉSTICA
2Bs
19
COMERCIÁRIO
4
OE
PROFESSORA
50E+a
11
Bs
8
Bs
7
Bs
8
Bs
6
Bs
2
Bs

DIAGRAMA 2 b

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL

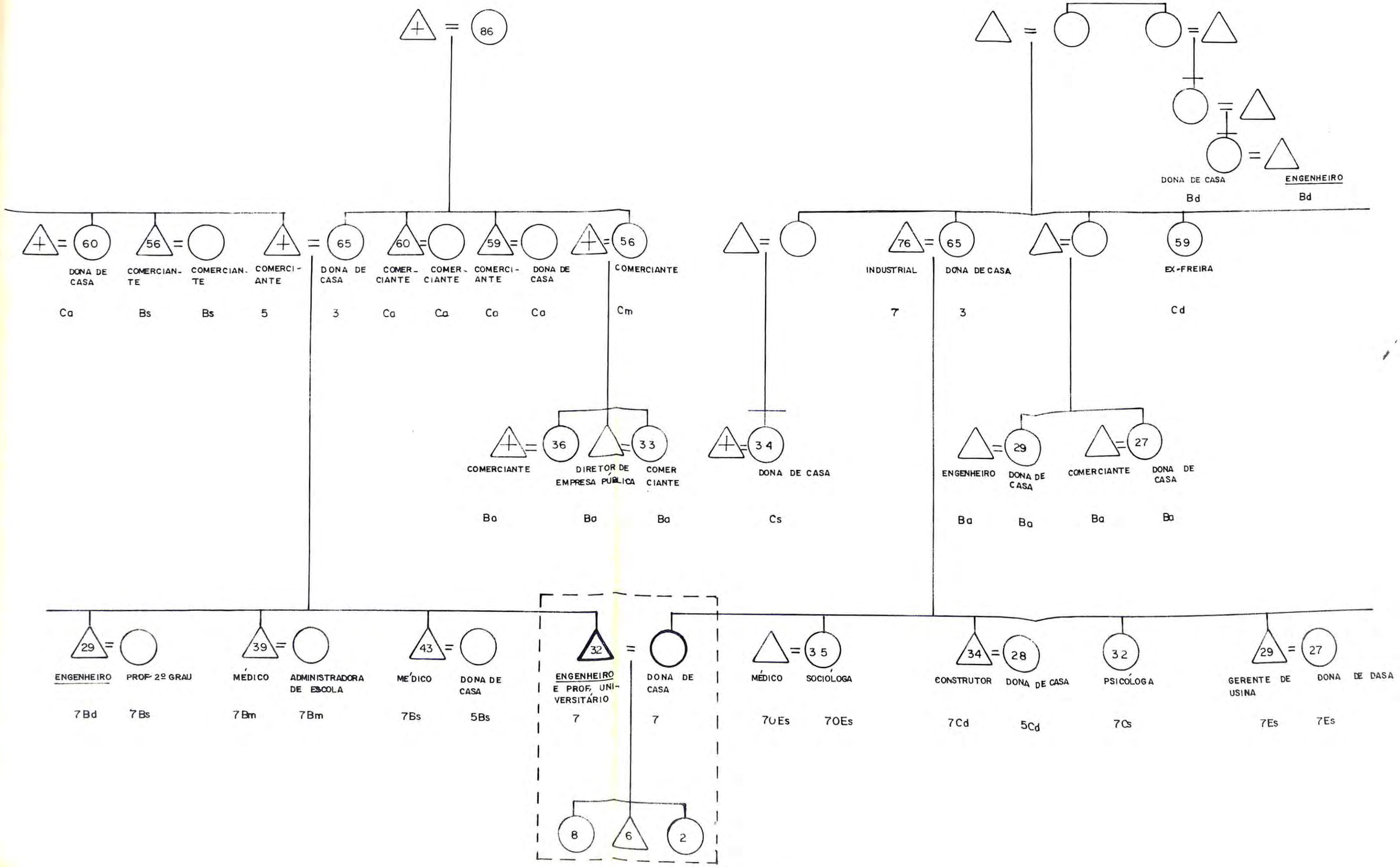


DIAGRAMA 3a

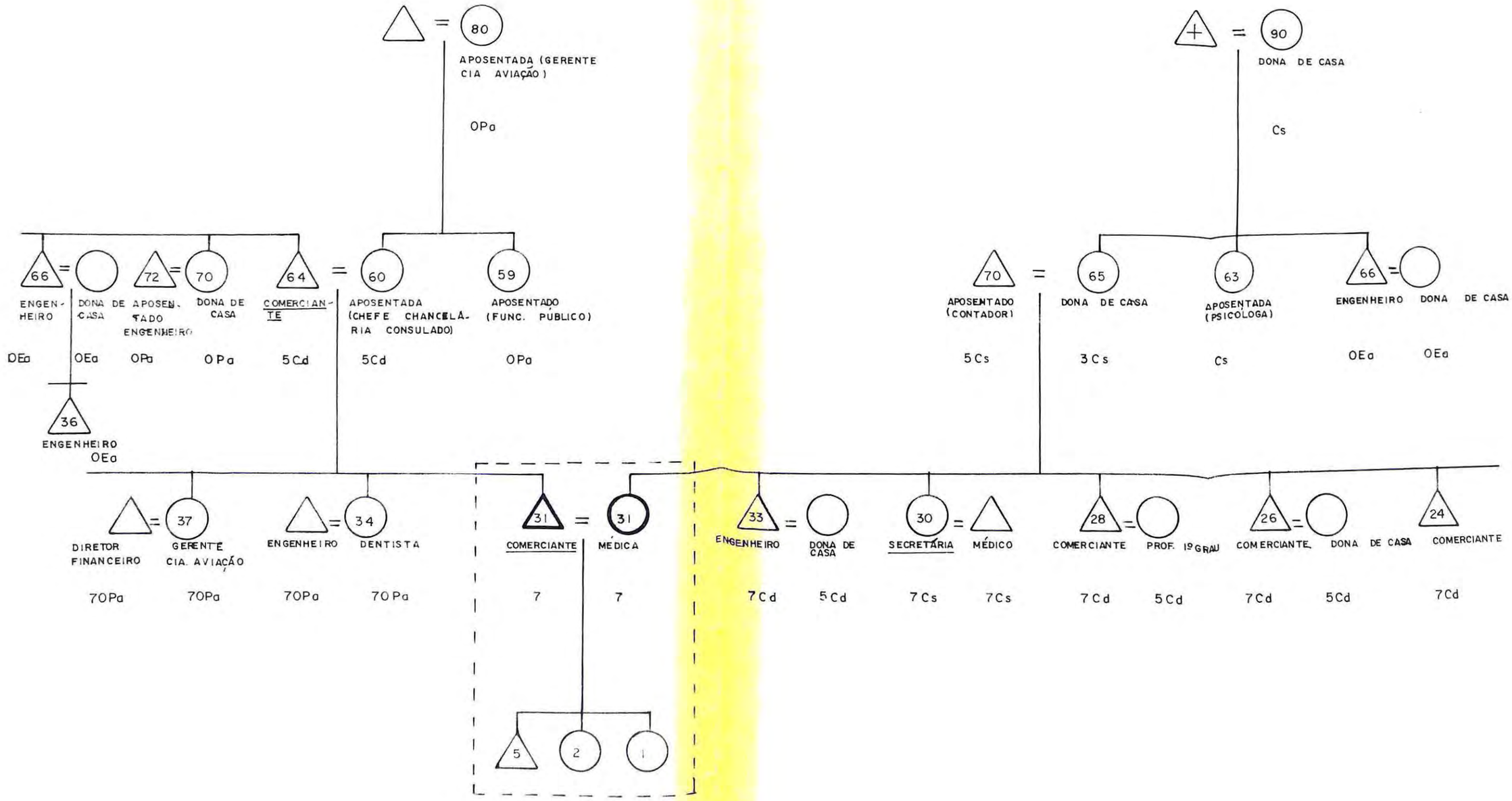

80
APOSENTADA (GERENTE CIA AVIAÇÃO)
OPa
66
ENGENHEIRO
DEa
DONA DE CASA
OEa
36
ENGENHEIRO
OEa
72
APOSENTADO ENGENHEIRO
OPa
70
DONA DE CASA
OPa
64
COMERCIANTE
5Cd
60
APOSENTADA (CHEFE CHANCELARIA CONSULADO)
5Cd
59
APOSENTADO (FUNC. PÚBLICO)
OPa
DIRETOR FINANCEIRO
70Pa
37
GERENTE CIA. AVIAÇÃO
70Pa
ENGENHEIRO
70Pa
34
DENTISTA
70Pa
31
COMERCIANTE
7
31
MÉDICA
7
5
2
1
90
DONA DE CASA
Cs
70
APOSENTADO (CONTADOR)
5Cs
65
DONA DE CASA
3Cs
63
APOSENTADA (PSICÓLOGA)
Cs
66
ENGENHEIRO
OEa
DONA DE CASA
OEa
33
ENGENHEIRO
7Cd
DONA DE CASA
5Cd
30
SECRETÁRIA
7Cs
MÉDICO
7Cs
28
COMERCIANTE
7Cd
PROF. 1º GRAU
5Cd
26
COMERCIANTE
7Cd
DONA DE CASA
5Cd
24
COMERCIANTE
7Cd

DIAGRAMA 3b

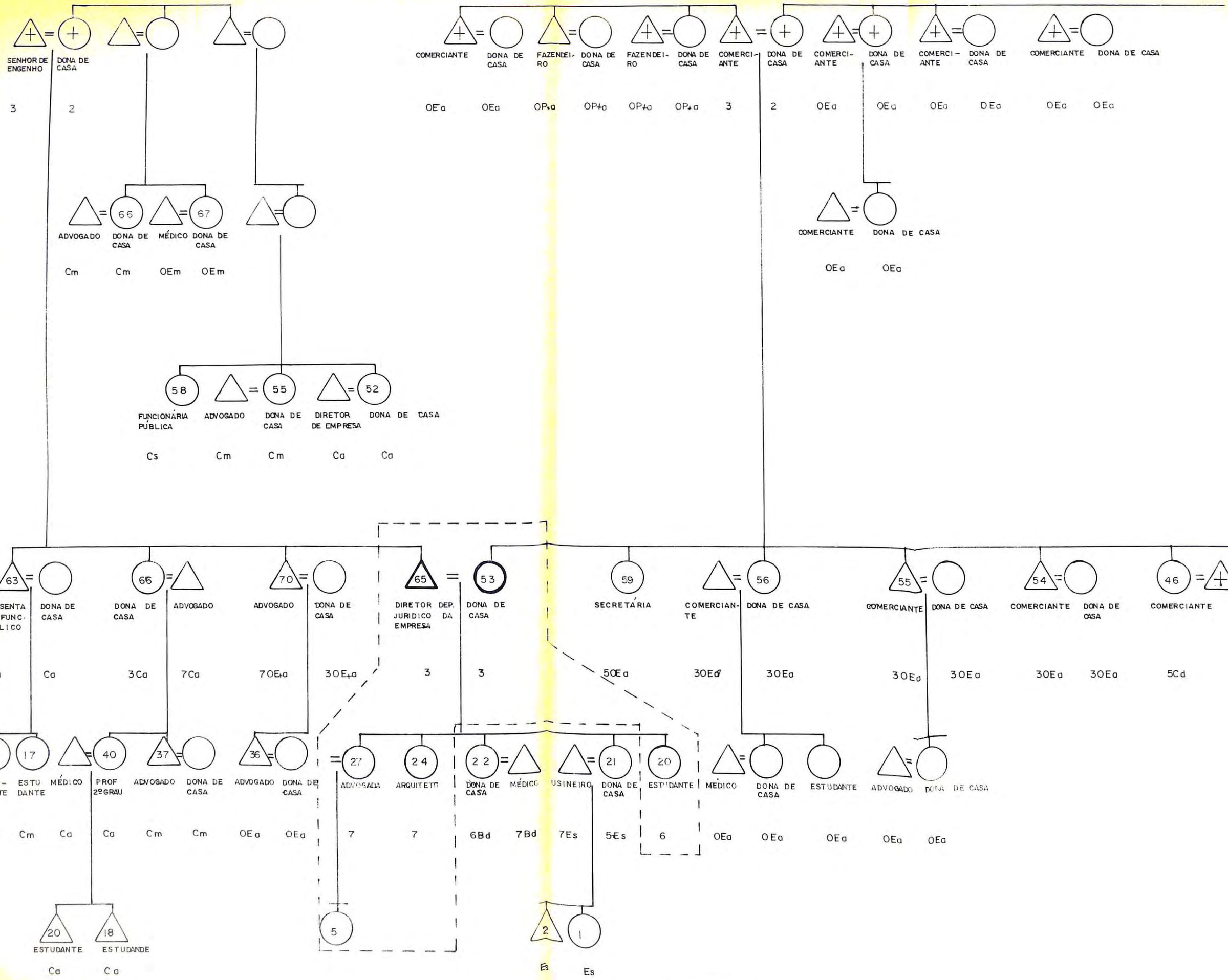

SENHOR DE ENGENHO
DONA DE CASA
3
2
ADVOGADO
66
DONA DE CASA
MÉDICO
67
DONA DE CASA
Cm
Cm
OEm
OEm
58
55
52
FUNCIONÁRIA PÚBLICA
ADVOGADO
DONA DE CASA
DIRETOR DE EMPRESA
DONA DE CASA
Cs
Cm
Cm
Ca
Ca
COMERCIANTE
DONA DE CASA
FAZENDEIRO
DONA DE CASA
FAZENDEIRO
DONA DE CASA
COMERCIANTE
OEa
OEa
OP+a
OP+a
OP+a
OP+a
3
DONA DE CASA
COMERCIANTE
DONA DE CASA
COMERCIANTE
DONA DE CASA
COMERCIANTE
DONA DE CASA
2
OEa
OEa
OEa
DEa
OEa
OEa
COMERCIANTE
DONA DE CASA
OEa
OEa
63
DONA DE CASA
66
DONA DE CASA
ADVOGADO
70
ADVOGADO
DONA DE CASA
65
DIRETOR DEP. JURIDICO DA EMPRESA
53
DONA DE CASA
59
SECRETÁRIA
56
DONA DE CASA
55
DONA DE CASA
54
DONA DE CASA
46
APOSENTADO (FUNC. PÚBLICO
DONA DE CASA
3Ca
7Ca
70E+a
30E+a
3
3
50Ea
30Ea
30Ea
30Ea
30Ea
30Ea
5Cd
Ca
Ca
19
17
40
37
36
27
24
22
21
20
ESTUDANTE
ESTUDANTE
MÉDICO
PROF 2º GRAU
ADVOGADO
DONA DE CASA
ADVOGADO
DONA DE CASA
ADVOGADA
ARQUITETO
DONA DE CASA
MÉDICO
USINEIRO
DONA DE CASA
ESTUDANTE
MÉDICO
DONA DE CASA
ESTUDANTE
ADVOGADO
DONA DE CASA
Cm
Cm
Ca
Ca
Cm
Cm
OEa
OEa
7
7
6Bd
7Bd
7Es
5Es
6
OEa
OEa
OEa
OEa
OEa
20
18
ESTUDANTE
ESTUDANDE
Ca
Ca
5
2
1
Es
Es

DIAGRAMA 4a

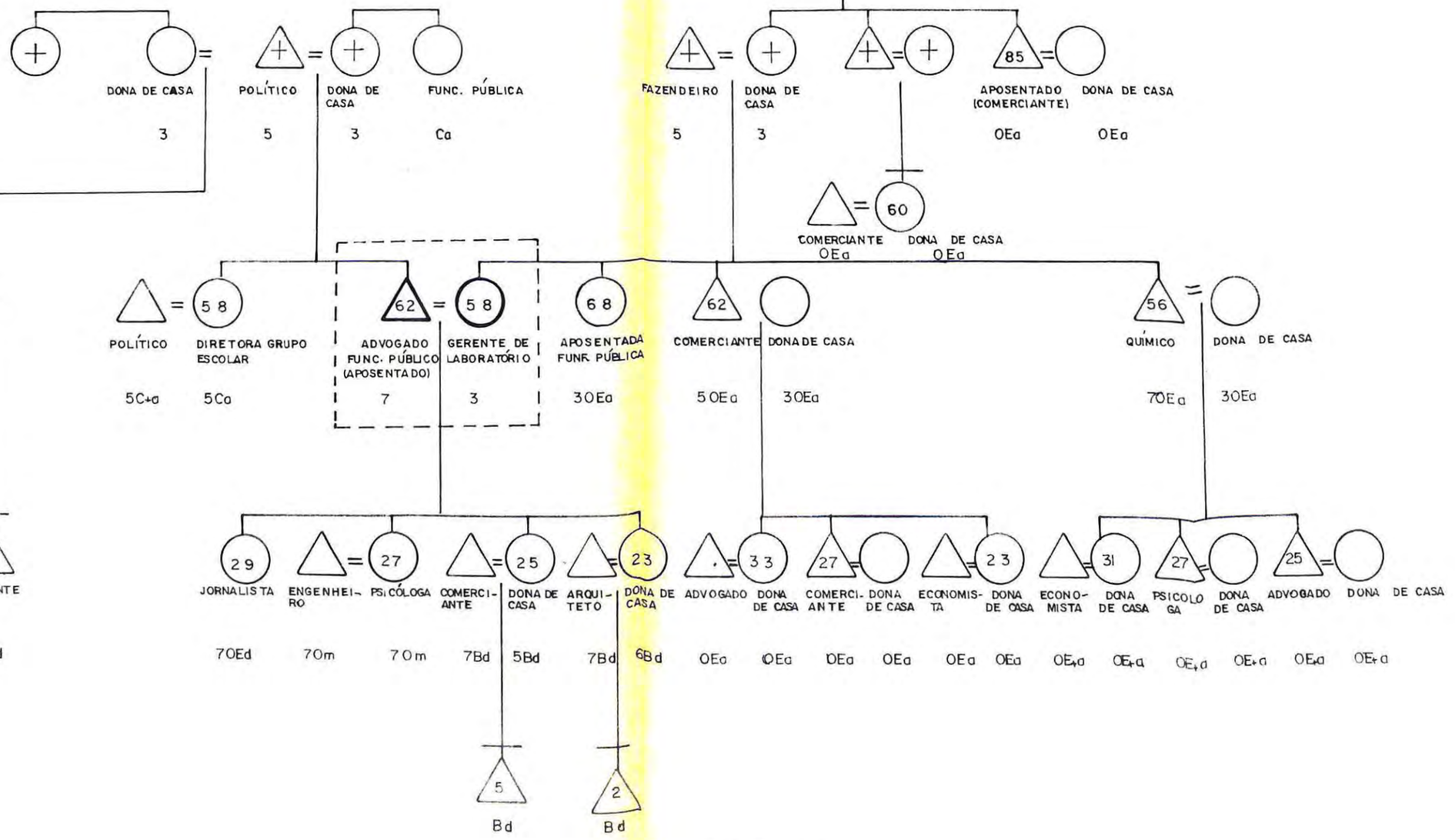

DONA DE CASA
3
POLÍTICO
5
DONA DE CASA
3
FUNC. PÚBLICA
Ca
FAZENDEIRO
5
DONA DE CASA
3
APOSENTADO (COMERCIANTE)
OEa
DONA DE CASA
OEa
80
70
COMERCIANTE
OEa
COMER-CIANTE
OEa
DONA DE CASA
OEa
COMERCIAN-TE
OEa
DONA DE CASA
OEa
COMER-CIANTE
OEa
DONA DE CASA
OEa
COMER-CIANTE
OEa
DONA DE CASA
OEa
60
COMERCIANTE
OEa
DONA DE CASA
OEa
50
ADVOGADO
7Bd
POLÍTICO
5C+a
58
DIRETORA GRUPO ESCOLAR
5Ca
62
ADVOGADO FUNC. PÚBLICO (APOSENTADO)
7
58
GERENTE DE LABORATÓRIO
3
68
APOSENTADA FUNR. PÚBLICA
30Ea
62
COMERCIANTE
50Ea
DONA DE CASA
30Ea
56
QUÍMICO
70Ea
DONA DE CASA
30Ea
18
ESTUDANTE
6Bd
29
JORNALISTA
70Ed
ENGENHEI-RO
70m
27
PSICÓLOGA
70m
COMERCI-ANTE
7Bd
25
DONA DE CASA
5Bd
ARQUI-TETO
7Bd
23
DONA DE CASA
6Bd
ADVOGADO
OEa
33
DONA DE CASA
OEa
27
COMERCI-ANTE
OEa
DONA DE CASA
OEa
ECONOMIS-TA
OEa
23
DONA DE CASA
OEa
ECONO-MISTA
OE+a
31
DONA DE CASA
OE+a
27
PSICOLO-GA
OE+a
DONA DE CASA
OE+a
25
ADVOGADO
OE+a
DONA DE CASA
OE+a
5
Bd
2
Bd

DIAGRAMA 4b

Tabela I

Quantidade e relação dos parentes citados pelos casais segundo o estágio do ciclo doméstico, grau de riqueza e sexo.

	JOVEM				VELHO			
	RICO		POBRE		RICO		POBRE	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Marido	2	2	2	2	2	2	2	2
Mulher	2	2	2	2	2	2	2	2
Pai	2	2	2	2	2	2	2	2
Madrasta	-	-	1	-	1	-	1	1
Irmão	5	9	5	11	4	8	6	8
Irmão por parte de pai ou de mãe			7		1		2	4
Irmão de Criação							1	
Filhos	6	6	11	5	9	9	7	5
Genro					5	5	2	1
Nora							2	
Neto					5	5	7	
Avô	2	1					1	
Cunhado	5	7	4	5	5	6	1	6
Sobrinho/a				1	8	9	1	
Sobrinho/a afim					3	8	1	
Tio/a	8	3	2	7	1	8	3	3
Tio/a afim	5	1	2	4	1	7		
Primo/a carnal	3	3			2	2	4	5
Primo/a carnal afim	1	2			2	2		1
Primo/a 2º ou mais		1	6	1	3	6		
Primo/a 2º ou mais afim.		1	3	1	2	4		

TABELA II

OS MELHORES AMIGOS DOS CASAIS POBRES SEGUNDO ESTÁGIOS DO CICLO DOMÉSTICO E SEXO

JOVEM												VELHO											
SEXO		STATUS CONJUGAL		RELAÇÃO DE PARENTESCO		ONDE CONHECEU		ONDE ENCONTRA		ÚLTIMA VEZ QUE VIU TELEFONOU, ESCREVEU		SEXO		STATUS CONJUGAL		RELAÇÃO DE PARENTESCO		ONDE CONHECEU		ONDE ENCONTRA		ÚLTIMA VEZ QUE VIU TELEFONOU, ESCREVEU	
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
masc	fem	casado	casada		irmã	trabalho		oficina	em casa	mes	dia	masc	fem	casado	casada			trabalho	vizinhança	ensaio escola de samba	vizinhança em casa	dia	dia
masc	fem	casado	solteira		irmã	trabalho		trabalho	em casa	dia	dia	masc	fem	casado	casada			trabalho	vizinhança	escola de samba, trabalho	vizinhança em casa	dia	dia
masc	fem	casado	casada		irmã	trabalho		trabalho	em casa	dia	semana	masc	fem	casado	casada			vizinhança	vizinhança	vizinhança	vizinhança em casa	dia	dia
	fem		solteira		irmã				em casa		mês		fem		viúva		irmã de criação do marido		através do marido		em casa		semana

TABELA III

OS MELHORES AMIGOS DOS CASAIS RICOS SEGUNDO ESTÁGIOS DO CICLO DOMÉSTICO E SEXO

JOVEM												VELHO											
SEXO		STATUS CONJUGAL		RELAÇÃO DE PARENTESCO		ONDE CONHECEU		ONDE ENCONTRA		ÚLTIMA VEZ QUE VIU TELEFONOU, ESCREVEU		SEXO		STATUS CONJUGAL		RELAÇÃO DE PARENTESCO		ONDE CONHECEU		ONDE ENCONTRA		ÚLTIMA VEZ QUE VIU TELEFONOU, ESCREVEU	
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
masc	fem	casado	casada	primo afim da mulher	prima terceiro.	colégio		trabalho/ em casa	em casa	dia	dia	masc	fem	casado	viúva	primo afim	irmã	faculdade		trabalho/ casa	casa	semana	semana
masc	fem	casado	casada			colégio	através do marido	trabalho/ em casa	em casa	dia	semana	masc	fem	casado	casada	primo afim	comadre	faculdade	através do marido	trabalho/ casa	em casa	semana	semana
masc	fem	casado	casada	sobrinho afim do irmão	sobrinha do cunhado	colégio	através do marido	trabalho/ em casa	em casa	dia	semana	masc	fem	casado	divorciada			faculdade/ trabalho	através da irmã	trabalho/ casa	em casa	dia	semana
masc	fem	casado	casada			trabalho	através do marido	trabalho/ em casa	em casa	semana	semana	masc	fem	casado	casada			faculdade/ trabalho	escola	trabalho/ casa	em casa	dia	semana
	fem		casada		cunhada		colégio		em casa		mês	masc	fem	casado	casada			trabalho	através do marido	em casa	trabalho/ casa	mês	dia
	fem		casada				colégio		trabalho		dia												

TABELA IV

DIREÇÃO DAS REDES DE AJUDA FINANCEIRA, DE BENS E DE SERVIÇOS
DE EGO MASCULINO NO INÍCIO DO CICLO DOMÉSTICO

	RICO										POBRE									
	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO
ajuda financeira.				antes de se formar e casar.			dado aos cunhados em necessidade				para sustento obrigado pelo juiz.		indiretamente por não cobrar aluguel/irmão						emprestado em caso de necessidade.	emprestado em caso de necessidade
bens			presentes que precisam em ocasioem como natal e aniversários	casa móveis											comida quando vai visitar.						uso de material de oficina.
serviços			o que precisam na hora em que precisam.	emprego apoio moral e material.	conversa informal, informações, apoio e cooperação moral.	hospedagem (férias) conversa informal, informações, apoio, cooperação moral.	emprego aos cunhados hospedagem, passeios, informação, apoio e cooperação moral em caso de necessidade.	hospedagem, convívio, informação.	conversa informal, informação, apoio e cooperação moral.	conversa informal, informação, apoio e cooperação moral			ajuda profissional.		moradia	hospedagem em caso de necessidade, conselho, ajuda doméstica em necessidade.	ajuda profissional	ajuda domestica em caso de necessidade	emprego/biscates.	emprego/biscates.

TABELA V

DIREÇÃO DAS REDES DE AJUDA FINANCEIRA, DE BENS E DE SERVIÇOS
DE EGO FEMININO NO INÍCIO DO CICLO DOMÉSTICO

	RICO										POBRE									
	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO
ajuda financeira.			quantia por mês para pagar enfermeiro e remédio		dado em caso de necessidade (doença)								quando a mãe vem de visita.		dado em caso de necessidade para pagar escola.	dado logo que ego casou e estava em necessidade.				
bens				casa, móveis, piscina, uso de casa de campo, presentes (moto, bicicleta etc).												comida quando vem para casa de ego				
serviços			assistência e presença ajuda profissional.	apoio moral e material, responsável pelas crianças na ausência dos pais e na falta de empregada (compras e companhia).	presença na alegria e tristeza, apoio e companhia.	presença na alegria e tristeza, apoio e companhia.	presença constante, hospedagem e passeios.	presença constante, hospedagem e passeios.	apoio moral ajuda profissional e bate papo.	apoio moral, bate papo.			hospedagem	ajuda doméstica quando está na casa de ego.	hospedagem apoio moral	ajuda doméstica em necessidade ou quando está na casa de ego.	emprego e tirar documentos.	ajuda doméstica em necessidade.	ajuda doméstica em necessidade.	ajuda doméstica em necessidade.

TABELA VI

DIREÇÃO DAS REDES DE AJUDA FINANCEIRA; DE BENS E DE SERVIÇOS
DE EGO MASCULINO NO FINAL DO CICLO DOMÊSTICO

	RICO										POBRE									
	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO
ajuda financeira	para fins educativos.										para reforma da casa por desemprego.				para pagar aluguel para sustento por doença.		quando visita.		empresta em caso de necessidade/doença etc.	empresta em caso de necessidade/doença etc.
bens	casa, móveis										agrado(como uma camisa)	casa para morar					roupas usadas quando vai visitá-los.			
serviços	sociabilidade para filhos casarem. Conselho, apoio, responsável pelos netos na ausência dos pais.	cooperação moral, conselhos por serem de outra geração			visitação em doença, aniversários etc ajuda profissional e conselhos.	visitação em doenças, aniversários etc ajuda profissional, conselhos.	visitação em doença, aniversários etc., apoio em forma de conselhos.	visitação em doença, aniversários etc., apoio em forma de conselhos.	conversa informal, informações.	conversa informal, informações.					emprego/ apoio em crises familiares.	da avisos para ensaios da escola de samba, faz depósitos no banco, apoio em crises familiares.			emprego, bico, apoio moral.	informação, apoio moral.

TABELA VII

DIREÇÃO DAS REDES DE AJUDA FINANCEIRA, DE BENS E DE SERVIÇOS
DE EGO FEMININO NO FIÑAL DO CICLO DOMÊSTICO

	RICO										POBRE									
	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS A EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS A EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES A EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO	DE EGO AOS FILHOS	DOS FILHOS A EGO	DE EGO AOS PAIS	DOS PAIS AO EGO	DE EGO AOS IRMÃOS	DOS IRMÃOS AO EGO	DE EGO AOS PARENTES	DOS PARENTES AO EGO	DE EGO AOS AMIGOS	DOS AMIGOS A EGO.
Ajuda financeira.															dado em caso de necessidade.					
Bens	presentes como roupas, uso de louça e toalha de festas																			
Serviços	companhia, conselhos, apoio, compras. Responsável por netos na ausencia dos pais. Arranja empregada.	responsável pela casa por motivo de viagem.			compras, apoio em necessidade, hospedagem, passeios	apoio em necessidade, hospedagem, passeios.	compras, apoio em necessidade, hospedagem passeios.	apoio em necessidade, hospedagem só em necessidade.	apoio moral, conversas.	apoio moral, conversas, emprego.	hospedagem, em fins de semana e feriados	ajuda doméstica quando está em casa de ego.			apoio moral	apoio moral, ajuda doméstica em necessidade.	hospedagem, apoio moral se pedirem.	hospedagem, notícias, informações.	ajuda doméstica em necessidade, compras e pagamentos em necessidade	ajuda doméstica em necessidade, compras e pagamentos em necessidade.